

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANA PAULA GONÇALVES DURÇO

**MAPEAMENTO DE MICROCONSTRUÇÕES COM “ENTÃO”: UMA
PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL**

JUIZ DE FORA
2019

ANA PAULA GONÇALVES DURÇO

**MAPEAMENTO DE MICROCONSTRUÇÕES COM “ENTÃO”: UMA
PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Durço, Ana Paula Gonçalves.

Mapeamento de microconstruções com "então" : uma proposta de rede construcional / Ana Paula Gonçalves Durço. -- 2019. 176 p.

Orientadora: Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2019.

1. Abordagem construcional da mudança. 2. Construcionalização gramatical. 3. Rede construcional. 4. Construção. 5. "Então". I. Cunha Lacerda, Patrícia Fabiane Amaral da , orient. II. Título.

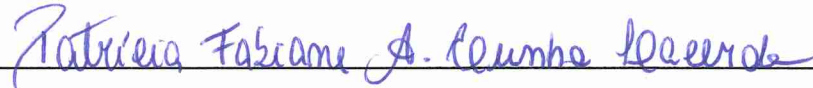
ANA PAULA GONÇALVES DURÇO

Mapeamento de microconstruções com “então”: uma proposta de rede construcional

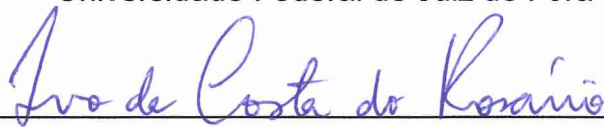
Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovada em: 20/03/2019

Banca examinadora:



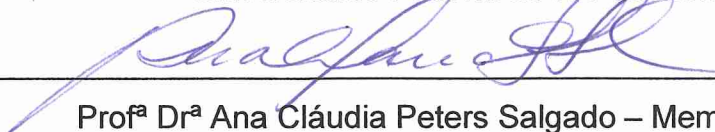
Profª Drª Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



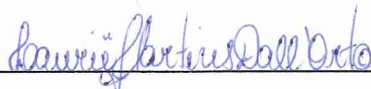
Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário – Membro externo
Universidade Federal Fluminense



Profª Drª Karen Sampaio Braga Alonso – Membro externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Profª Drª Ana Cláudia Peters Salgado – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profª Drª Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Não há como ser diferente! Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me enviado forças nos momentos em que pensava não ser capaz.

Agradeço à Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda pela oportunidade de retomar meus estudos, me aceitando em seu grupo de pesquisa em 2014. Agradeço-lhe pela competência com que me fez crescer academicamente e por ter acreditado em mim sem hesitar.

Agradeço à Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto pela generosidade com que dividiu comigo seus conhecimentos ao longo dessa jornada.

Agradeço imensamente aos membros titulares e suplentes desta banca por aceitarem fazer parte deste momento oferecendo suas contribuições para este trabalho.

Meus agradecimentos à UFJF e à CAPES pelo apoio financeiro, bem como a todo o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, especialmente, à Profa. Dra. Amitza Torres Vieira, à Profa. Dra. Sandra Almeida Faria e ao Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha pela oportunidade de aprender um pouco mais; à Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado, ao Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent – coordenadores do PPG-Linguística – e às secretárias Izabel Teodolina de Jesus e Marion Tormen, agradeço pelo empenho em suas funções.

Agradeço a todos os amigos de jornada, em especial aos amigos do Grupo de Pesquisa e aos amigos do Doutorado Marcela, Nathália e Gustavo, pelas oportunidades de convivência.

A todos os amigos de trabalho, por torcerem por mim e dividirem comigo as angústias e alegrias do percurso.

Aos meus pais pela educação recebida e a toda minha família pelo afeto e carinho, especialmente às minhas queridas irmãs Danila e Rubia.

Agradeço ao meu companheiro de todos os dias, Marco Aurélio Salgado Durço, pelo incentivo, pela paciência e pelo amor incondicional. Às minhas filhas Beatriz e Larissa – razão da minha existência! – por serem inspiração e luz na minha vida. Sem vocês, eu nada seria...

RESUMO

Seguindo os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), mais especificamente no que se refere à abordagem construcional da mudança proposta por Traugott e Trousdale (2013), esta tese tem por objetivo geral propor uma análise de construções com “então” empiricamente atestadas na sincronia atual. De acordo com essa abordagem, a língua é uma rede de construções organizadas hierarquicamente (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), cuja unidade básica é a construção, identificada pelo pareamento forma-função (GOLDBERG, 2016). Partindo, portanto, desse princípio e visando a cumprir o objetivo geral, apresentamos como objetivos específicos: i) mapear as microconstruções com “então”, a partir do pareamento forma-função dos *tokens* encontrados no *corpus* constituído para esta pesquisa; ii) distribuí-las em uma rede hierarquicamente organizada em níveis de esquematicidade. Essa análise de dados pauta-se na metodologia qualitativa e quantitativa dos dados, tomando como base um *corpus* sincrônico, composto por duas modalidades: escrita e oral. A modalidade escrita contém textos disponíveis na *internet*, retirados de *blogs*, de revistas informais, como “Ana Maria” e “Marie Claire”, e revistas formais, como “Exame” e “Veja”. A modalidade oral é composta por cinco horas de gravação de programas de entrevista encontrados, também, na *internet*. Assumimos as seguintes hipóteses de trabalho: i) as construções com “então” são instanciadas na língua a partir de níveis hierárquicos mais abstratos; ii) há uma expansão semântico-pragmática de seus usos, e ela está relacionada a um aumento de intersubjetividade; iii) é possível traçar sua rede construcional a partir de uma análise empírica e sincrônica. Os resultados demonstram ser possível a identificação de microconstruções com “então” e, conseqüentemente, seu envolvimento em um processo de construcionalização pautada na instanciação de construções cada vez mais intersubjetivas, a partir de um esquema mais geral, cuja função básica é a foricidade e o caráter relacional de “então”, que instancia três subesquemas menos hierárquicos. No primeiro subesquema, encontram-se as microconstruções anafóricas que indicam uma circunstanciação temporal; no segundo subesquema, figuram as microconstruções que, além de retomarem anaforicamente um antecedente, também apontam cataforicamente para a porção subsequente, funcionando como um conector; e, no terceiro subesquema, subdividido em dois subesquemas intermediários, estão presentes as microconstruções com marcadores discursivos – o primeiro subesquema intermediário é composto por construções envolvidas no processamento textual e no nível das relações interacionais, e o segundo subesquema intermediário é constituído por construções envolvidas na articulação textual e no nível das relações discursivas conclusivas e interacionais.

Palavras-chave: Abordagem construcional da mudança. Construcionalização gramatical. Rede construcional. Construção. “Então”.

ABSTRACT

According to the theoretical assumptions of Usage-based Functional Linguistics, more specifically with regard to the constructional approach to change proposed by Traugott and Trousdale (2013), this thesis aims at proposing an analysis of constructions with the word “então” (“so”) empirically attested in the current synchrony. Following this approach, language is a network of hierarchically organized constructs (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), whose basic unit is the construction, identified by form-function pairing (GOLDBERG, 2016). Based on this principle and aiming at fulfilling the general objective, we present specific objectives: i) to map the microconstructions with “então” (“so”), from the form-function pairing of the tokens found in the *corpus* constituted for this research; ii) distribute them in a network hierarchically organized in levels of schematicity. This data analysis is based on the qualitative and quantitative methodology taking as a basis a synchronous *corpus* composed by two modalities: the written and the oral ones. The written modality contains texts available on the Internet, taken from blogs, from informal magazines like “Ana Maria” and “Marie Claire”, and formal magazines such as “Exam” and “Veja”. The oral modality consists of five hours of recording interview programs also found on the internet. Thus, we assume the following hypotheses: i) the constructions with “então” are instantiated in the language from more abstract hierarchical levels. ii) there is a semantic-pragmatic expansion of its uses, and it is related to an increase of intersubjectivity; iii) it is possible to draw its constructional network from an empirical and synchronic analysis. The results demonstrate that it is possible to identify microconstructions with “então” (“so”) and, consequently, their involvement in a process of constructionalisation based on the instantiation of increasingly intersubjective constructions, from a more general scheme, which has the phoricity as its basic function and the relational character of “então” (“so”), which instantiates three less hierarchical subschemes. In the first subscheme, it is possible to find the anaphoric microconstructions which indicate a temporal circumstance; in the second subscheme, the microconstructors that not only retake an antecedent in an anaphorical way, but also point, cataphorically, to the subsequent portion, functioning as a connector; and in the third subscheme, subdivided into two intermediate subschemes in which the microconstructions with discursive markers appear - the first intermediate subscheme consists of constructs involved in textual processing and in the level of the interactional relations, and the second intermediate subscheme consists of constructs involved in the textual articulation and at the level of conclusive and interactional discursive relations.

Keywords: Constructional approach to language change. Grammatical constructionalization. Constructional network. Construction. “Então” (“So”).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação da abrangência dos termos “conjunção”, “conectivo” e “conector”	54
Figura 2 - Representação dos dois níveis mais hierárquicos da rede construcional de então”: esquema e subesquema	100
Figura 3 - Mapeamento de microconstruções com ‘então’ na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modelo retirado de Traugott e Trousdale (2013, p. 28), indicativo de sucessão de mudanças envolvidas na construcionalização.	27
Quadro 2 - Motivação vs. mecanismo (TRAUGOTT, 2011b, p.8)	27
Quadro 3 - Classificação dos advérbios levando-se em consideração a natureza das relações estabelecidas por eles (ILARI et al., 2002, p. 73)	47
Quadro 4 - Nomenclatura utilizada pelos autores para os principais usos de “então”	75
Quadro 5 - Continuum proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o corpus sincrônico escrito (reproduzido de FÉLIX DE OLIVEIRA, 2012, p.110)	86
Quadro 6 - Total de número de palavras analisadas por corpus escrito	87
Quadro 7 - Convenção de símbolos para transcrição de dados da oralidade	89
Quadro 8 - Categorias cognitivas, traços e papéis semânticos (destaque nosso)	97
Quadro 9 - Preposições do eixo horizontal	106
Quadro 10 - Pareamento função e forma do subesquema 1 e as microconstruções pertencentes a ele	106
Quadro 11 - Pareamento forma e função do subesquema 2 e das microconstruções pertencentes a ele	121
Quadro 12 - Função dos subesquemas 3 e 3.1 e pareamento forma-função das microconstruções pertencentes a eles	134
Quadro 13 - Função dos subesquemas 3 e 3.2 e pareamento forma-função das microconstruções pertencentes a eles	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrências de então conforme a sincronia (adaptado de RODRIGUES, 2009, p. 80)	73
Tabela 2 - Distribuição dos subesquemas por modalidade e níveis de formalidade	101
Tabela 3 - Distribuição dos subesquemas no corpus oral	102
Tabela 4 - Distribuição das microconstruções do subesquema 1	107
Tabela 5 - Distribuição das microconstruções do subesquema 2	122
Tabela 6 - Distribuição do subesquema 3 por modalidade e níveis de formalidade	133
Tabela 7 - Distribuição das microconstruções do subesquema 3.1	134
Tabela 8 - Distribuição das microconstruções do subesquema 3.2	146
Tabela 9 - Frequência token e frequência type da rede construcional de “então” ...	162

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	16
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 A Linguística Funcional Centrada no Uso	17
1.2 A abordagem construcional da gramática e o modelo de Traugott e Trousdale (2013)	19
1.2.1 Da gramaticalização à gramaticalização de construções	19
1.2.2 A Construção e suas propriedades	23
1.2.3 Mudança construcional e construcionalização	26
1.2.4 Construções em rede	29
1.2.5 (Inter)subjetividade e (inter)subjetivização	33
1.3 Conclusões	35
CAPÍTULO II	38
QUESTÕES CONCEITUAIS ACERCA DE “ENTÃO”	38
2.1 Etimologia e polissemia de “então”	38
2.1.1 “Então” como elemento fórico na referenciação	41
2.1.2 “Então” como elemento focalizador	43
2.1.3 “Então” como elemento de caráter relacional	44
2.1.3.1 “Então” e a circunstanciação temporal	46
2.1.3.2 “Então” e a conexão lógico-semântica	49
2.1.3.3 “Então” e a marcação do discurso	56
CAPÍTULO III	65
ESTUDOS SOBRE “ENTÃO”	65
3.1 Revisão bibliográfica	65
3.1.1. Usos descritos nas obras de referência	74
3.1.1.1. Anafórico temporal	75
3.1.1.2. Sequenciador	76
3.1.1.3. Sequenciador textual	78
3.1.1.4. Retomador	78
3.1.1.5. Conclusivo	79
3.1.1.6. Alternativo	80
3.1.1.7. Intensificador	81
3.1.1.8. Resumitivo	82

CAPÍTULO IV.....	85
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	85
4.1 O <i>corpus</i> constituído.....	85
4.2. Método de análise.....	90
4.3. Metodologia de análise de dados	91
CAPÍTULO V.....	93
ANÁLISE DOS DADOS:.....	93
uma proposta de rede para construções com “então”	93
5.1 O esquema.....	94
5.2 Os subesquemas e as microconstruções.....	99
5.2.1 O subesquema 1 e suas microconstruções	103
5.2.1.1 Microconstrução 1.1	108
5.2.1.2 Microconstrução 1.2	110
5.2.1.3 Microconstrução 1.3	112
5.2.1.4 Microconstrução 1.4	114
5.2.1.5 Microconstrução 1.5	117
5.2.2 O subesquema 2 e suas microconstruções	118
5.2.2.1 Microconstrução 2.1	124
5.2.2.2 Microconstrução 2.2	125
5.2.2.3 Microconstrução 2.3	127
5.2.2.4 Microconstrução 2.4:	128
5.2.2.5 Microconstrução 2.5:	129
5.2.2.6 Microconstruções 2.6.....	130
5.2.2.7 Microconstrução 2.7	130
5.2.3 Subesquema 3.....	132
5.2.3.1 Subesquema 3.1:	134
5.2.3.1.1 Microconstrução 3.1.1	136
5.2.3.1.2 Microconstrução 3.1.2	138
5.2.3.1.3 Microconstrução 3.1.3	140
5.2.3.1.4 Microconstrução 3.1.4	141
5.2.3.1.5 Microconstrução 3.1.5	142
5.2.3.1.6 Microconstrução 3.1.6	143
5.2.3.2 Subesquema 3.2	145
5.2.3.2.1 Microconstrução 3.2.1	147
5.2.3.2.2 Microconstrução 3.2.2	149

5.2.3.2.3 Microconstrução 3.2.3	150
5.2.3.2.4 Microconstrução 3.2.4	152
5.2.3.2.5 Microconstrução 3.2.5	153
5.2.3.2.6 Microconstrução 3.2.6	156
5.2.3.2.7 Microconstrução 3.2.7	157
5.3 Conclusões.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	168

INTRODUÇÃO

A proposta inicial de trabalho apresentada em projeto para ingresso no Doutorado consistia na investigação de construções com “assim”, “enfim”, “então” e “logo”, por acreditarmos que suas redes construcionais pudessem se entrecruzar, partindo do uso conclusivo de cada um. Na primeira apresentação dos dados analisados em um congresso, foi levantada a necessidade de se fazer um recorte do objeto de estudo sob pena de se tornar inviável tal pesquisa.

Em um segundo momento, decidimos trabalhar com “assim” e “então” na função de marcador discursivo, buscando uma análise comparativa que pudesse nos levar a uma possível função comum, partindo do uso encontrado em nossos dados de “então assim”. No entanto, após uma longa análise realizada com as construções de cada um separadamente, nos deparamos com duas extensas redes construcionais, cujas construções apresentavam mais distinções do que propriamente similaridades, ou seja, constatamos que se tratava de objetos com funções muito distintas e que seria inviável tal empreitada.

Decidimos, por fim, fazer mais um recorte em nosso objeto de estudo e passamos a investigar as construções com “então”, já que sua rede construcional, por si só, é extensa e apresenta diversos padrões microconstrucionais analisáveis sincronicamente.

Diante de um objeto de estudo com tamanho grau de complexidade devido à sua multiplicidade de funções nos contextos de uso, era necessário utilizar um viés de análise capaz de enxergá-lo e explicá-lo, já que não encontraríamos respostas apenas em conceitos meramente sintáticos e pré-estabelecidos na gramática. Por essa razão, nos valem de uma abordagem capaz de encarar a língua como ela se manifesta, a partir de seus usos, em situações concretas, realizada por interlocutores reais: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

Seguindo essa linha, adotamos, como aporte teórico para a pesquisa, o modelo de Traugott e Trousdale (2013), que vê a língua como um conjunto de construções organizadas hierarquicamente em uma rede, a qual é reorganizada à medida que as mudanças vão ocorrendo. Nessa perspectiva, a língua é composta por construções identificáveis pelo pareamento forma-função (GOLDBERG, 2016),

que podem passar pelo processo de construcionalização, apresentando como resultado a instanciamento de um pareamento de nova forma-nova função.

À luz dessa abordagem teórica, partimos das seguintes hipóteses de trabalho sobre as construções com “então”: i) elas são instanciadas na língua a partir de níveis hierárquicos mais abstratos; ii) elas estão relacionadas a uma expansão semântico-pragmática e a um aumento de intersubjetividade; iii) é possível traçar sua rede construcional a partir de uma análise empírica e sincrônica.

Tendo em vista as hipóteses levantadas, nos propomos, portanto, a cumprir os seguintes objetivos ao longo desta pesquisa: i) analisar as construções com “então” empiricamente atestadas na sincronia atual; ii) mapear as microconstruções com “então”, identificando os pareamentos forma-função encontrados nos *corpora* analisados; iii) propor uma rede taxonômica das construções com “então”, organizada nos níveis esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução.

A fim de cumprir esses objetivos, baseamo-nos em um *corpus* sincrônico com novecentas mil palavras, na modalidade escrita, a partir de textos disponíveis na *internet*, os quais foram retirados de *blogs*, de revistas informais – como “Ana Maria” e “Marie Claire” – e de revistas formais – como “Exame” e “Veja”. Acrescentamos ainda cinco horas de gravação de programas de entrevista encontrados, também, na *internet*.

Partindo, pois, desses *corpora*, apresentamos três exemplos que representam parte da diversidade que foi identificada nas construções com “então”:

(01) Embora seja impossível prever o impacto de um corte forçado no consumo de eletricidade, o que ocorreu em 2001, ano do racionamento decretado pelo **então** presidente Fernando Henrique Cardoso, ajuda a dar uma ideia. (*Corpus* revistas formais 2014)

(02) Celso Kamura - A Dilma é muito conservadora, **então** as mudanças têm que ser sutis. Na verdade, eu gostaria que ela mudasse de visual. Os caras da minha profissão sempre acham que as pessoas têm que mudar. Talvez até a campanha ela mude um pouco, deixe a franja crescer. (*Corpus* revistas formais 2014)

(03) M: em que fase?...com quantos anos de idade você passou por isso

L: toda a minha vida escolar pelo que eu me lembre assim desde os::

M:
provocava isso nos outros ou não?

[sabe o que

L: ai Gabi... nossa é tanta coisa porque:: pensa que eu faço publicidade desde os três anos... **então::**...prás pessoas em geral/pras crianças em geral... você ter uma pessoa na sua sala de aula que... a sua mãe vê nas revistas... você vê na televisão... é::... pra maioria das meninas... é difícil de lidar com isso entendeu... elas não aceitam... e elas se revoltam entendeu... só que como você vai mostrar essa revolta . (*Corpus oral 2014 - E13, 2:56*)

O exemplo (01) apresenta uma ocorrência de “então” que está associada a um valor temporal, situando o referente “presidente Fernando Henrique Cardoso” em relação a um marco temporal anteriormente mencionado: “2001”. Na segunda ocorrência, “então” encontra-se em uma construção com função conectiva, ligando a sentença “as mudanças têm que ser sutis” à anterior e estabelecendo uma relação conclusiva da segunda em relação à primeira. Por outro lado, a terceira ocorrência demonstra um uso distinto dos demais, uma vez que o falante utiliza o marcador discursivo “... então::...”¹ para formular o pensamento no momento da interação verbal.

Como podemos notar, “então” está envolvido em uma série de construções na língua que têm sido tradicionalmente abordadas do ponto de vista da multifuncionalidade do item, o que pretendemos analisar neste trabalho sob o ponto de vista da abordagem construcional da gramática, ou seja, adotando a perspectiva segundo a qual novas construções são constantemente instanciadas na língua por uma necessidade comunicativa dos falantes.

Assim sendo, visando a comprovar as hipóteses levantadas e a cumprir os objetivos propostos, organizamos esta tese da seguinte maneira: no Capítulo I, apresentamos a discussão do referencial teórico em que nos baseamos na análise dos dados; no Capítulo II, tratamos das principais questões terminológicas envolvidas na análise das construções com “então”, a fim de estabelecer parâmetros necessários à leitura de nosso trabalho; no Capítulo III, realizamos uma revisão bibliográfica dos trabalhos mais significativos sobre “então”; no Capítulo IV, descrevemos a metodologia adotada neste trabalho; e, por fim, no Capítulo V, propomos uma análise das microconstruções com “então”, inserindo-as em uma rede construcional.

¹ As reticências indicam pausa e “::” indicam prolongamento da vogal.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta desse capítulo é realizar uma revisão bibliográfica necessária para fundamentar nosso trabalho sobre as construções com “então” e sua inserção no contexto dos estudos ligados à Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), mais especificamente no modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013).

Para isso, na seção 1.1, apresentamos os pressupostos teóricos da LFCU no contexto dos estudos funcionalistas e situamos nosso trabalho no âmbito das pesquisas que enfocam a abordagem construcional da gramática, mais especificamente na abordagem de Traugott e Trousdale (2013), que concebe a língua como um conjunto de construções hierarquicamente organizadas em uma rede construcional.

Na seção 1.2, apresentamos os conceitos considerados por nós basilares para nossa análise em uma perspectiva sincrônica baseada na abordagem construcional da gramática, tendo em vista a proposta de análise das construções em rede de Traugott e Trousdale (2013). Com esse objetivo, na subseção 1.2.1, discutimos as questões relacionadas ao conceito clássico de gramaticalização, partindo de uma proposta unidirecional da mudança para a proposta de direcionalidade da mudança, levando em consideração a formação de construções. Já na subseção 1.2.2, tratamos da definição de construção como o pareamento forma-sentido, bem como de suas propriedades, quais sejam esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Seguimos, em 1.2.3, diferenciando mudanças construcionais de construcionalização, a qual ocorre através de pequenos passos e envolve os mecanismos de mudança denominados neoanálise e analogização, enquanto, em 1.2.4, damos ênfase à concepção de linguagem como uma rede de construções interconectadas por *links* relacionais e de herança.

Na subseção 1.2.5, definimos os conceitos de (inter)subjetividade e (inter)subjetivização nos moldes de Traugott (1995, 2010), demonstrando que a mudança percorre um caminho crescente de (inter)subjetivização e que, sincronicamente, podemos atestar, em nossos dados, um crescente de

intersubjetividade. E, por fim, apresentamos, na seção 1.3, as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas nas seções anteriores.

1.1 A Linguística Funcional Centrada no Uso

O termo Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) tem sido utilizado para identificar uma abordagem dos estudos funcionalistas que busca uma interseção entre conceitos do Funcionalismo norte-americano e da Linguística Cognitiva, principalmente da Gramática de Construções. Baseia-se nos postulados desenvolvidos, na Linguística Funcional, por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, Christian Lehmann, Bernd Heine, dentre outros, e adota também princípios da Linguística Cognitiva, principalmente, de pesquisadores como George Lakoff, Ronald Langacker, Gilles Fauconier, Adele Goldberg, John Taylor e William Croft (TOMASELLO, 1998; 2003 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013).

Do funcionalismo, a LFCU apresenta como herança uma concepção de língua como instrumento de comunicação, determinada, portanto, pela situação comunicativa, ou seja, advém de uma abordagem da língua em seu contexto de uso, tanto linguístico quanto extralinguístico, que ganha força nos Estados Unidos a partir da década de 70 ao contrapor suas ideias à vertente formalista vigente. Sendo assim, os estudos em mudança linguística se destacam, uma vez que a sintaxe passa a ser considerada a partir do discurso, isto é, são as estratégias utilizadas pelos falantes no momento da interação que organizam a sintaxe de uma língua, e não o contrário (MARTELOTTA; KENEDY, 2003). Nesse contexto, destacam-se também os trabalhos que enfocam os aspectos semântico-pragmáticos da mudança, dando relevo ao papel da função, que passa a determinar a forma linguística.

Por outro lado, a Linguística Cognitiva aponta um caminho até certo ponto convergente com o Funcionalismo, uma vez que considera a sintaxe condicionada por determinados processos cognitivos que ocorrem no uso da língua em contextos específicos, o que exclui o caráter autônomo da sintaxe de uma língua. O comportamento linguístico é considerado um reflexo de capacidades cognitivas que dizem respeito aos princípios de categorização, à organização conceptual, ao

processamento linguístico e à experiência humana em contextos de uso, quais sejam, individuais, sociointeracionais e culturais. Dessa forma, a gramática de uma língua é a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, podendo, pois, ser afetada pelo próprio uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013).

Como já se pode perceber, há uma certa aproximação entre as abordagens funcionalista e cognitivista, que rejeitam a autonomia da sintaxe, relacionando-a diretamente ao uso que os falantes fazem da língua em determinados contextos comunicativos, dando destaque à semântica e à pragmática e trabalhando com a língua em uso, dentre outros pressupostos (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013).

No Brasil, de acordo com Furtado da Cunha *et al.* (2016), essa corrente de estudos linguísticos, intitulada LFCU, apresenta uma tendência de incorporar os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática das Construções – principalmente, na linha de Goldberg (1995, 2006) e de Croft (2001) – à vertente de estudos denominados *Usage-based Approach*, fundamentando-se nos seguintes postulados: i) a emergência, a regularização e a aprendizagem da língua ocorrem a partir da experiência dos indivíduos com o mundo biofísico e social; ii) rejeita-se a autonomia e a centralidade da sintaxe, bem como não se distingue rigidamente léxico de gramática; iii) defende-se a integração entre semântica e pragmática na análise linguística.

Nesse contexto, encontra-se a abordagem construcional da gramática, a qual, segundo Rosário e Oliveira (2016), interessa-se pelo estudo de diversos tipos de construções – desde as atômicas até as mais complexas –, bem como os esquemas mais abstratos em que elas se inserem na organização linguística. Ainda seguindo esses autores, na abordagem construcional da gramática, há uma tentativa de “reinterpretar os fenômenos de gramaticalização e lexicalização a partir de uma perspectiva construcional” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 242) através da observância de como a mente organiza aquilo que o falante experiencia no mundo, o que torna fundamentais estudos cujos objetivos sejam relacionar a mudança linguística a fatores como esquematicidade, produtividade e composicionalidade, tendo em vista os níveis de (inter)subjetividade.

Nossa pesquisa segue essa proposta, tendo como pilar o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), no qual a língua é concebida como um conjunto de construções organizadas hierarquicamente em rede e, portanto, interconectadas.

Seguindo essa concepção, realizamos uma pesquisa sincrônica, com o objetivo de mapear as construções com “então” e propor uma rede taxonômica organizada, levando em consideração tanto fatores cognitivos quanto sociocomunicativos. Assim sendo, consideramos essencial discutir alguns princípios básicos das duas vertentes que, de certo modo, serão utilizados em nossa análise.

1.2 A abordagem construcional da gramática e o modelo de Traugott e Trousdale (2013)

Conforme mencionado na seção anterior, este trabalho pauta-se na abordagem construcional da gramática, mais especificamente, na proposta de Traugott e Trousdale (2013) de organização da língua em redes hierárquicas. Sendo assim, assumimos, tendo em vista esses aportes, uma noção de língua como um conjunto de construções que se encontram organizadas em rede, cujos nós estão interconectados, em maior ou menor grau, através ligações de ordem formal ou funcional.

A fim de construirmos um referencial teórico a ser utilizado em nossa análise de dados, partimos nas próximas subseções para a discussão de conceitos basilares em que essa vertente de estudos se baseia para a análise da mudança linguística.

1.2.1 Da gramaticalização à gramaticalização de construções

Embora estudos identificados como de gramaticalização datem do século X na China, é a partir de Meillet (1948 [1912]) que o termo é utilizado para se referir à “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” (MEILLET, 1948 [1912], p. 131) ². De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 20-22), o termo gramaticalização surge da necessidade de se explicar a origem de muitos morfemas a partir das mudanças ocorridas nos itens lexicais, o que não poderia ser explicado apenas pela analogia. Trata-se, portanto, de uma visão histórica da gramaticalização

² C.f. “passage d’un mot autonome au rôle d’élément gramatical”.

uma vez que se busca explicar a passagem de uma categoria lexical (nomes, verbos e adjetivos) para uma gramatical (preposições, advérbios, auxiliares etc.), dentro da qual estaria uma sequência de item sintático para item morfológico. A visão de Meillet (1948 [1912]) é ampliada nos autores posteriores que, como Lehmann (1995 [1982]), consideram também a gramaticalização como a mudança de um item menos gramatical para um mais gramatical.

Hopper e Traugott (2003 [1993]) defendem que a gramaticalização ocorre através de um processo gradual (não instantâneo) de passagem de um item a outro, através de *clines* (camadas) de mudança. Como os *clines* indicam os momentos de transição pelos quais o item ou a construção passa até se tornar gramaticalizado, seria possível traçar uma trajetória contínua, unidirecional da mudança através do cline “[item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo]”. Nota-se que já não se tem mais a passagem de um ponto A para outro B: [lexical] > [gramatical]; [-gramatical] > [+ gramatical].

Surgiram diversas propostas de clines a fim de explicitar o princípio da unidirecionalidade. Heine *et al.* (1991) propõem uma escala de abstração que vai do mais concreto ao mais abstrato, conforme o *cline* PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. Também Givón (1979) deixa sua contribuição ao considerar a pragmática no processo de gramaticalização, que, para ele, constituiria um processo de reanálise. Como se pode perceber, o *cline* da mudança dependerá da configuração dos dados a serem analisados, o que deverá ser atestado empiricamente.

De acordo com Abraçado (2006, p.130), recentemente, autores como Votre (1999 e 2000), Ferreira *et al.* (2000), Ferreira (2003) e Oliveira (1997) questionam a gradualidade e a unidirecionalidade do processo de gramaticalização, o que também faz Traugott (2008) ao utilizar o termo direcionalidade. Ferreira (2003), por exemplo, problematiza o princípio da unidirecionalidade *concreto > abstrato*, segundo a qual novos sentidos e usos linguísticos mais abstratos tenham derivado, diacronicamente, de sentidos e usos mais concretos.

Na medida em que a maioria das formas e sentidos examinados, mesmo os mais abstratos, já estava disponível nas sincronias mais distantes do português e do latim, não foram encontradas evidências de os sentidos mais abstratos e mais genéricos serem derivados dos mais concretos e específicos no curso do tempo. Mesmo nos casos

nos quais não foram identificados usos mais abstratos em uma sincronia mais distante, não se pode ter certeza de que não circulavam na língua ou, como prefere Votre (1999, 2000), 'se estavam disponíveis, potenciais, e não aparecem nos dados é porque não houve aí contexto que os aninhasse'. (FERREIRA, 2003, p. 64)

Após analisar construções sintáticas complexas com os verbos “achar”, “pensar”, “saber” e “ver” no português oral contemporâneo, buscando atestá-las no português arcaico e no teatro latino, Votre (2000) advoga contrariamente a existência de um princípio de derivação unidirecional (da etimologia à pragmática), propondo, por outro lado, a existência de relações entre sentidos, sem que haja, necessariamente, derivação entre eles.

Em conformidade com essa proposta de Votre (2000), Traugott (2008) vê a hipótese da unidirecionalidade com certo ceticismo, uma vez que, segundo a autora, tal hipótese implicaria, por exemplo, em assumir que uma mudança que ocorre em uma direção não poderia ser revertida. Para Traugott (2008), os realinhamentos que ocorrem no processo de gramaticalização são dinâmicos, isto é, as relações estabelecidas entre as formas linguísticas e os sentidos que elas expressam apresentam uma direcionalidade ao longo do tempo.

Silva (2015, p.82) também propõe uma visão mais moderada sobre o assunto, uma vez que tem feito parte do escopo da gramaticalização “fenômenos associados ao universo das relações pragmáticas/intersubjetivas e metatextuais”, como é o caso, inclusive, de nosso objeto de estudo. Para ele, é preciso se relativizar a ideia de que a gramaticalização siga um percurso invariavelmente unidirecional e propõe que a unidirecionalidade seja concebida apenas como um dos parâmetros para aferir esse processo.

Como podemos notar, a própria definição de “gramaticalização” sofre alterações. A partir de seu trabalho de 2003, Traugott propõe uma nova definição para esse termo, segundo a qual gramaticalização envolveria um processo não apenas do item lexical, mas de uma sequência de palavras ou, na maior parte dos casos, de construções propriamente ditas.

De acordo com Traugott (2003), em outros trabalhos, já se havia usado de maneira pré-teórica o termo construção: Lehmann (1992, p. 406) falava que “gramaticalização não se limita a abarcar uma palavra ou um morfema... mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas do elemento em questão” (*apud*

TRAUGOTT, 2003, p. 625); e Hopper e Traugott (2003 [1993], p. XV) anunciam que se trata de um processo pelo qual lexemas e construções emergem em determinados contextos para desempenhar novas funções. Embora existisse a noção de construção, os trabalhos eram desenvolvidos com base em lexemas, ficando aquela de fora ou concebida apenas do ponto de vista da estrutura. O que Traugott (2003, p. 645) sugere é mais “atenção aos contextos morfossintáticos e pragmáticos nos quais itens lexicais se tornam gramaticais”³.

Traugott (2008, p. 223) retoma Goldberg (1995, p. 159) ao afirmar que itens lexicais têm significados relativamente indeterminados e, em vez de serem polissêmicos, adquirem seus significados a partir de uma construção de formas relacionadas sistematicamente. Como consequência disso, uma construção inusitada (*mismatch*) criada no momento da interação seria compreendida porque impõe seu significado a partir do par forma-sentido e das circunstâncias que envolvem o seu contexto de uso. Dessas novas considerações, surge um conceito de gramaticalização, segundo o qual a “gramaticalização, que envolve realinhamentos dinâmicos entre os pares de forma-sentido, pode então ser vista como uma teoria das relações entre tais pares e sua provável direcionalidade ao longo do tempo”⁴ (TRAUGOTT, 2008, p. 242).

Conforme pudemos perceber – e registrado em Rosário (2015) –, é comum a associação do termo gramaticalização a uma perspectiva histórica, sendo utilizados vários termos, como gramaticização, gramatização, apagamento semântico, reanálise, sintaticização, dentre outros, quando se aborda sincronicamente a mudança contínua de categorias e significados. Hopper e Traugott (2003 [1993]) também reconhecem a distinção entre gramaticalização diacrônica e gramaticalização sincrônica, sendo, esta, definida como um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista dos modelos fluidos de uso linguístico. Em uma perspectiva mais moderna, no entanto, utiliza-se o termo “gramaticalidade” ao se estudar o fenômeno da mudança na sincronia (ROSÁRIO, 2015, p.39).

³ Tradução nossa. Cf. “(...) more attention to the morphosyntactic (and pragmatic) contexts in which lexical items become grammaticalized (...)”.

⁴ Tradução nossa. Cf. “ Grammaticalization, which concerns the dynamic realignments of form-meaning pairings, can then be seen as a theory of the relationships between such pairings, and their likely directionality over time.

À medida que o modelo da gramaticalização foi se aproximando da gramática de construções, passando a adotar a construção como unidade elementar da língua, começou-se a entender a gramaticalização como o processo pelo qual não um item, mas toda a construção, se gramaticaliza (ALONSO; CEZARIO, 2015). Surge, portanto, uma proposta de estudo da mudança linguística, na qual a gramática é vista como uma rede de construções funcionais, passando a se falar em gramaticalização de construções, “fenômeno sintático, discursivo-pragmático, que deve ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos da língua” (ROSARIO, 2015, p. 45).

1.2.2 A Construção e suas propriedades

Um dos aspectos fundamentais da abordagem assumida neste trabalho centra-se no conceito basilar de construção. Construções são unidades em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático ou tão frequente (GOLDBERG, 1995, 2006) que o signo está arraigado como um par forma-função⁵ na mente do usuário da língua, ou seja, existe uma correspondência convencional entre a forma e a função. No modelo de Traugott e Trousdale (2013), a representação da construção se dá da seguinte forma: $[[F] \leftrightarrow [S]]$ ⁶. A forma ([F]) está relacionada à sintaxe, à morfologia e à fonologia, enquanto o significado⁷ ([S]), ao discurso, à semântica e à pragmática. Além de Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013) também consideram a construção como a unidade elementar da gramática, a qual pode, segundo eles, ser pensada em termos de várias dimensões gradientes, apresentando as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Seguindo Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade é a propriedade de categorização que envolve abstração, isto é, as construções são esquemáticas e estão organizadas hierarquicamente em uma rede em três níveis, de acordo os graus de generalidade ou especificidade das construções: microconstrução,

⁵ Utilizaremos o termo “função” como equivalente a “sentido”/“significado”, seguindo Croft (2001) e Goldberg (2016).

⁶ A flecha apontando para os dois lados especifica a ligação entre forma e significado, e os colchetes externos demonstram que o pareamento entre forma e significado é uma unidade convencionalizada.

⁷TraugotteTrousdale (2013) utilizam significado em vez de função, terminologia que preferimos, seguindo, como já dito, Goldberg (2016).

subesquema e esquema⁸. Os esquemas linguísticos, altamente abstratos, são instanciados por subesquemas, os quais são especificados pelas construções do nível imediatamente inferior, denominadas microconstruções, as quais, por sua vez, são instanciadas pelos construtos, *tokens* empiricamente atestados, constituindo o *locus* da mudança. Como o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013) ocupa-se da mudança linguística, investigar a língua em uso torna-se ponto crucial, uma vez que é através da replicação dos construtos e de novas associações entre eles e as construções que ocorrem as mudanças ao longo do tempo. O construto é o *locus* da inovação individual e da subsequente convencionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Uma vez que Traugott e Trousdale (2013) utilizam esquema como equivalente à macroconstrução e subesquema como equivalente à mesoconstrução, podemos apresentar as seguintes definições para os níveis de esquematicidade da rede construcional, baseando-nos em Traugott (2008, p. 236):

- i) Esquema: compreende as construções mais genéricas da rede, abarcando as estruturas complexas, com diversas possibilidades de preenchimento, através de *slots*;
- ii) Subesquema: envolve o conjunto de similaridades que é observável entre construções individuais diversas;
- iii) Microconstrução: constitui a construção individual da língua;

A segunda propriedade da construção é a produtividade, considerada gradiente e entendida por Traugott e Trousdale (2013) a partir de dois aspectos: o grau de extensibilidade dos (sub)esquemas e a frequência de uso, ou seja, frequência *type* e frequência *token*, nos termos de Bybee (2003, 2011). De acordo com os referidos autores, ao se formarem novas construções na língua, elas se expandem pelo aumento gradual de sua frequência *token* no decorrer do tempo, já que instâncias de uma nova construção são cada vez mais usadas pelos falantes, levando à rotinização. Além do aumento dessa frequência de uso, também é considerada marca da produtividade a expansão dos níveis hierárquicos mais abstratos, ou seja, da classe hospedeira (*host-class*). O aumento da frequência *type* ou, nos termos de Himmelmann (2004), *host-class expansion*, ocorre devido à

⁸ Traugott e Trousdale (2013, p. 16) afirmam haver uma equivalência entre esquema e macroconstrução; subesquema e mesoconstrução. Embora sejam equivalentes, consideram esquema e subesquema mais adequado à proposta, uma vez que estes termos trazem para o modelo uma dimensão de ordem mais cognitiva.

natureza relacional e esquemática das construções, as quais, ao longo do tempo, vão sendo realocadas na rede construcional.

Cunha Lacerda (2017) advoga ser de fundamental importância analisar a propriedade da produtividade se o objetivo da pesquisa for, principalmente:

[...] d) comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; e) compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático (com maior número de *slots*) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; e f) verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua. (CUNHA LACERDA, 2016, p. 89)

A terceira propriedade elencada por Traugott e Trousdale (2013) é a da composicionalidade, que se refere ao grau de transparência entre forma e sentido. Do ponto de vista construcional, a composicionalidade é melhor pensada em termos de correspondência e divergência entre os aspectos de forma e os aspectos de sentido. Ao ser emitido por um falante, um construto será semanticamente composicional se o ouvinte for capaz de decodificar o sentido do todo a partir da compreensão do sentido de cada item da sequência enunciada. Para melhor ilustrar essa propriedade, tomemos os exemplos de Cunha Lacerda (2017): construções como “passar a bola” e “chutar o balde” apresentam um maior grau de decomponibilidade e um sentido referencial; por outro lado, construções como “dar zebra” e “pintar o sete” exibem menor grau de decomponibilidade e maior grau de idiomatidade na língua.

Levando em consideração essa dimensão gradiente da construção, Traugott e Trousdale (2013) propõem um modelo de abordagem da mudança linguística calcado nos seguintes aspectos elementares, que o particulariza em relação aos demais modelos propostos até então: i) as construções emergentes na língua são organizadas em redes taxonômicas constituídas e organizadas hierarquicamente; ii) a mudança linguística apresenta duas dimensões, quais sejam mudança construcional e construcionalização; iii) é possível a utilização desse mesmo modelo

de análise para as mudanças que ocorrem tanto no léxico quanto na gramática (FURTADO DA CUNHA e CUNHA LACERDA, 2017).

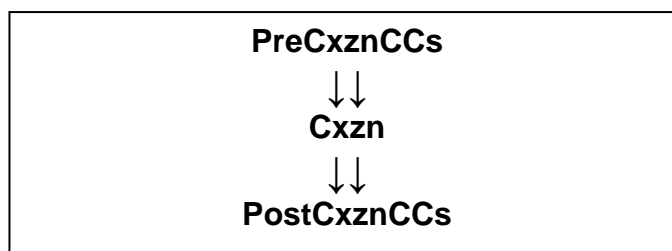
Embora a proposta de Traugott e Trousdale (2013) se aproxime da Gramática de Construções, acreditamos ser fundamental para a análise de nosso objeto de estudo os pontos que a particularizam, uma vez que apresentamos uma proposta de distribuição das construções com “então” em uma rede taxonômica, organizada hierarquicamente a partir dos usos atuais que os falantes fazem da língua portuguesa, demonstrando ser possível a utilização desse modelo também para uma análise sincrônica, descrevendo seus contextos de uso e demonstrando uma expansão pragmática diretamente relacionada com o aumento da (inter)subjetividade.

1.2.3 Mudança construcional e construcionalização

Ao investigarem a mudança linguística à luz de uma abordagem construcional, Traugott e Trousdale (2013) propõem a distinção entre mudança construcional e construcionalização. Para os autores, a construcionalização é a criação de um novo par forma-significado (forma_{nova}-significado_{novo}), formando novos tipos de nós na rede, os quais apresentam nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado. A construcionalização é acompanhada por mudanças em suas propriedades, isto é, aumento na esquematicidade e na produtividade e decréscimo na composicionalidade.

Além disso, ela é resultado de micropassos, o que lhe confere um caráter gradual. Isto significa dizer que a construcionalização requer mudanças construcionais prévias para ocorrer, que são aquelas ocorridas apenas na forma ou apenas no sentido, afetando, portanto, somente uma dimensão interna da construção. Essas mudanças construcionais, ainda seguindo Traugott e Trousdale (2013), envolvem tipicamente expansão pragmática, semanticização da pragmática, *mismatch* entre forma e sentido, dentre outras mudanças distribucionais, denominadas de mudanças construcionais pré-construcionalização (PreCxnCCs). Por outro lado, a construcionalização pode levar a futuras mudanças construcionais denominadas pós-construcionalização de mudanças construcionais (PostCxnCCs), conforme quadro a seguir:

Quadro 1 - Modelo retirado de Traugott e Trousdale (2013, p. 28), indicativo de sucessão de mudanças envolvidas na construcionalização.



Segundo os autores, existem mecanismos que levam à ocorrência das mudanças construcionais, os quais são denominados neoanálise e analogização⁹, este com foco na correspondência entre a fonte original e alguma construção existente e aquele com foco na diferença. Segundo Bybee (2001, p.190), “mecanismos de mudança são os processos que ocorrem enquanto a língua é usada, os quais são responsáveis pela sua criação”¹⁰.

Traugott (2011b) e Traugott e Trousdale (2013) distinguem o processo do pensamento analógico do mecanismo da analogia, denominado analogização: o primeiro é a motivação da mudança, uma vez que combina aspectos da forma e do sentido, sem, necessariamente, levar à mudança; já o segundo constitui o processo responsável pela mudança, ou seja, leva a combinações de forma e de sentido que não existiam antes. Analogamente, distinguem também o processo de análise, que pode motivar análises distintas, do processo de neoanálise, que resulta em novas estruturas. Vejamos:

Quadro 2 - Motivação vs. mecanismo (TRAUGOTT, 2011b, p.8)

Motivação do processo de mudança	Mecanismo de mudança
Pensamento analógico	Analogização
Parsing	Neoanálise

⁹ Adotamos o termo neoanálise e analogização seguindo Traugott e Trousdale (2013, p. 36), em vez de *reanálise* e *analogia*, por entendermos que não se pode reanalisar (analisar de novo) uma construção que não foi internalizada, ou seja, que não existia. O usuário da língua apenas a interpreta de uma forma diferente da usual. Reanálise e analogia remontam à gramaticalização (HOOPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]; TRAUGOTT, 2008).

¹⁰ Tradução nossa. Cf. “Mechanisms of change are processes that occur while language is being used, and these are the processes that create language.”

Assim sendo, no momento da interação verbal, o ouvinte interpreta um construto de um modo que não corresponde à análise do falante e o replica com o novo sentido. Nesse estágio, ocorrem os pequenos passos que são motivadores da mudança, isto é, estão em ação a análise e o pensamento analógico. À medida que ocorre a repetição dessa nova interpretação, há a convencionalização em uma dada comunidade de falantes, ocorrendo a neoanálise. Caso a mudança ocorra apenas na forma ou apenas no sentido de um nó na rede, há mudança construcional. Por outro lado, se há o desenvolvimento de uma nova construção na rede, ocorre construcionalização.

Ao longo das últimas três décadas, a reanálise foi o mecanismo mais frequentemente associado à gramaticalização, e isso se deveu ao fato de introduzir novas categorias e transformar o sistema como um todo, o que leva ao surgimento de novas formas gramaticais; a analogia ficou em segundo plano em relação à reanálise, com a justificativa de que operaria no nível superficial e não afetaria a mudança por si só. No entanto, estudos mais recentes têm conferido igual importância ao processo da analogia para os estudos de gramaticalização, incluindo-a nos mecanismos da mudança¹¹ (CUNHA LACERDA; FÉLIX DE OLIVEIRA, 2015).

Quando se adota a perspectiva construcional da gramática, a analogia é considerada condição primordial da mudança, já que “se refere à atração de formas preexistentes por outras construções também já existentes no sistema, envolvendo inovações ao longo do eixo paradigmático” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p.49): ela é resultado de todo o processo de mudança e, ao mesmo tempo, fundadora de novos construtos. Por outro lado, a reanálise, seguindo ainda Gonçalves (2007, p. 50), opera no eixo sintagmático e “permite a criação de novas formas gramaticais, à medida que, gradualmente, alteram-se as fronteiras de constituintes em uma expressão, levando uma forma a ser reanalisada como pertencente a uma categoria diferente da original”. Mais do que isso, uma construção pode ser analisada com um significado distinto, mas relacionado ao central através de extensões metafóricas e metonímicas, isto é, extensões do significado das construções existentes, quando diante de novos contextos de uso, de acordo com a necessidade comunicativa.

¹¹ Traugott e Trousdale (2013), a partir de uma discussão terminológica, propõem os termos ‘neoanálise’ e ‘analogização’ no lugar de ‘reanálise’ e ‘analogia’. No entanto, serão usados uns pelos outros de acordo com a referência que estamos citando.

A metáfora, de acordo com Traugott e Dasher (2005), se dá por um princípio analógico que envolve um processo de transferência conceptual de uma estrutura a outra, iniciado pela comparação de fontes e alvos em diferentes domínios conceptuais, embora limitado por relações paradigmáticas de semelhanças e diferenças.

Por sua vez, é denominado metonímia o processo de extensão de significados em que há a aproximação de domínios cognitivos distintos, baseado na contiguidade ou associação da parte pelo todo, da causa pelo efeito, do objeto pelo usuário, dentre outras relações que surgem motivadas pelo contexto de uso.

Adotando essa perspectiva de análise, entendemos, como Traugott e Trousdale (2013), que não existe uma construção inteiramente nova, já que haverá sempre uma ligação, mesmo que mínima, entre as características dos nós nas redes, as quais são entendidas por eles como: i) conhecimento individual, que pode ser atestado através das inovações, já que se manifesta em idioletos; ii) conhecimento comunitário, que se desenvolve através de inovações compartilhadas entre a população, as quais ocorrem em instâncias individuais na interação entre falante e ouvinte, mediante os processos de neanálise e de analogização; iii) mudança linguística, diacronicamente atestada.

1.2.4 Construções em rede

A metáfora da “rede” é recorrente na Gramática de Construções: para Goldberg (2003, p. 219), “a totalidade do nosso conhecimento da língua é capturado por uma rede de construções”¹², enquanto Croft (2007 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.8) identifica como princípios fundamentais por trás da gramática das construções o pareamento de estrutura complexa e sentido e a associação desses pareamentos em uma rede.

O conceito de rede está intimamente relacionado aos conceitos de nós e das ligações entre esses nós na rede, bem como aos conceitos de distância entre membros da família, agrupamentos de propriedades, graus de entrincheiramentos e acessibilidade de uma construção, todos conceitos desenvolvidos por Hudson

¹² “[...] the totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions” (GOLDBERG, 2003, p. 219).

(2007a *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para Hudson (1984, 2007a *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a língua é uma rede conceptual, ou seja, é um sistema de entidades interconectadas cognitivamente, na qual novos nós e novas ligações estão sendo continuamente estabelecidos.

Na abordagem desenvolvida por Traugott e Trousdale (2013), prevalece a concepção de linguagem como uma rede de relações entre construções, cuja importância é reconhecida no estudo da mudança linguística, uma vez que os autores partem do princípio de que elas ocorrem no uso e estão interconectadas de várias formas (semântica, pragmática, discursiva, sintática, morfológica e fonologicamente). Ainda, para os autores, cada nó na rede representa uma construção em algum nível de abstração e, portanto, um nó possui forma e função. Além disso, afirmam que, à medida que as mudanças vão ocorrendo na língua, uma rede é capaz de sofrer rearranjos, podendo se estender ou se contrair, através de dois tipos de ligações: de herança e relacional.

De acordo com Goldberg (1995), existem quatro tipos de ligações relacionais: polissemia, extensão metafórica, subparte e instância. A polissemia está relacionada às extensões de sentido de uma construção, sendo, dessa forma, uma noção sincrônica¹³. A extensão metafórica envolve um mapa metafórico particular, ou seja, envolve uma representação cognitiva. Por sua vez, a ligação de subparte indica a relação existente entre uma construção e outra que esteja em um nível acima, mais esquemático, da qual faz parte. Por fim, a ligação de instância ocorre quando uma construção particular é um caso especial de outra construção.

As relações de herança dizem respeito às propriedades herdadas por cada nó de seus nós dominantes, ou seja, cada nível esquemático pode apresentar características semelhantes às herdadas do nível superior, o que demonstra, de acordo com Goldberg (1995), que as relações entre as construções podem ser parcialmente arbitrárias, mas também parcialmente motivadas, sendo, pois, assimétricas: uma construção “A” motiva “B” se “B” for herança de “A”. Segundo Langacker (1987), uma construção “B” herda propriedades da construção “A”, mas apresenta informações adicionais específicas da construção. Concluímos, portanto, que os agrupamentos das construções em uma rede taxonômica devem ser

¹³ Traugott e Trousdale (2013) preferem o termo “heteronímia” para a associação diacrônica entre dois sentidos, seguindo Lichtenberk (1991), uma vez que estão envolvidas diferentes ligações na rede, resultando em construcionalização.

realizados por similaridades e também por particularidades. Para Goldberg (2003) também pode haver herança múltipla quando, em uma rede construcional, uma construção herda propriedades de várias construções.

Assim sendo, acreditamos que é possível, em uma pesquisa sincrônica, observar as informações compartilhadas entre as construções relacionadas, ou seja, as ligações, tanto relacionais quanto de herança, entre os nós na configuração da rede construcional para se estabelecerem hipóteses sobre a direcionalidade de uma mudança em andamento. Entendemos, ainda, que uma rede proposta com base em um estudo sincrônico é como uma fotografia, pois se captura apenas a configuração da rede naquele dado momento, a partir do qual as ligações entre os nós vão se reconfigurando e redesenhando a própria rede.

De acordo Traugott e Trousdale (2013), assim como novas construções vão ocupando as margens da rede, aumentando-a, outros membros se tornam obsoletos, podendo diminuí-la, o que ocorre como resultado do processamento *online* e da sucessão das pequenas neoanálises que vão ocorrendo. Segundo esses autores, geralmente, apenas um aspecto da construção muda de cada vez e, por isso, defendem que a mudança se dá através de pequenos e discretos passos, isto é, pequenas mudanças estruturais discretas vão ocorrendo e são disseminadas através de dois fenômenos: gradiência e gradualidade. Enquanto a gradiência é manifestada sincronicamente em uma variação de pequena escala e, portanto, não discreta, a gradualidade é um fenômeno diacrônico, podendo ser discreto, uma vez que está relacionado à mudança. Isso significa que, em algum momento no tempo, mudanças construcionais contribuem para a gradualidade no sistema. Outro ponto importante no modelo de Traugott e Trousdale (2013) é que os pequenos passos podem não estar em um caminho unidirecional contínuo, apresentando ligações entre uma característica e outra através dos próprios nós.

Ao considerarmos que as mudanças são graduais e que não ocorrem aleatoriamente, assumimos, portanto, a direcionalidade, e não a unidirecionalidade – ou *clines* da mudança. Seguindo a proposta de Traugott e Trousdale (2013), mudança e direcionalidade são definidas em termos de mudanças em esquematicidade, produtividade e composicionalidade, propriedades da construção já detalhadas na subseção 1.2.2.

Para os autores, na mudança linguística, enquanto a esquematicidade e a produtividade aumentam, a composicionalidade diminui. Esclarecem, no entanto, que as mudanças em produtividade se dão na expansão da frequência *token* e *type*, enquanto as mudanças em esquematicidade se realizam em direção à função processual, ou seja, às mudanças na rede e na sua composição. Em relação ao aumento na esquematicidade, devemos considerar, segundo Traugott e Trousdale (2013), dois tipos: i) as microconstruções se tornam mais esquemáticas ou abstratas através do tempo, à medida que elas participam da rede e se tornam membros “mais adequados” dela; ii) os esquemas por si só se expandem, isto é, adquirem novos membros.

Em direção oposta, o decréscimo na composicionalidade geralmente emerge quando há *mismatch* entre a forma morfossintática antiga e o novo sentido. Nesse ponto, não há neoanálise morfossintática, mas sim mudanças pragmáticas e, possivelmente, alguma semanticização e uma expressão idiomática é criada. Quando a construcionalização ocorre, através do tempo, o *mismatch* pode ser resolvido tão logo a nova construção se torne alinhada a um esquema. Como membro do novo esquema, a nova construção se torna mais analisável, mas é sempre não composicional semanticamente (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121).

Para Bybee (2003), a frequência *token* assume participação central na instanciação da mudança, uma vez que o seu aumento seria um traço definidor da gramaticalização porque está relacionado à padronização da nova construção. Para ela, quando há aumento na repetição de sequências de palavras e de morfemas, passando a formar um *chunk* (unidade construcional), e não uma estrutura dissociada, ocorre gramaticalização. Como podemos perceber, o aumento na frequência de uso está diretamente associado ao decréscimo na composicionalidade. Para Traugott (2011a), a frequência de uso assume um estatuto de mecanismo propulsor da mudança linguística ao lado da reanálise¹⁴ e da analogia.

A construcionalização é precedida por uma série de pequenas mudanças, tais como aumento de inferências pragmáticas e rotinização em certos contextos, que pode levar ao *chuncking* ou ao

¹⁴ Neoanálise a partir de Traugott (2011b) e Traugott e Trousdale (2013).

mismatch entre forma e sentido. Essas mudanças devem, por sua vez, levar ao decréscimo da composicionalidade no nível da microconstrução. Estas são mudanças construcionais que podem alimentar a construcionalização de uma nova microconstrução, isto é, de um novo par forma-sentido (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 123, tradução nossa).¹⁵

Comungando dessa mesma noção de construcionalização, demonstraremos, em nossa análise, como esse modelo de mudança em que coexistem perdas e ganhos se estabelece em uma rede construcional, na qual podemos verificar uma direcionalidade da mudança em andamento rumo a uma expansão semântico-pragmática intrinsecamente relacionada a uma crescente intersubjetividade.

1.2.5 (Inter)subjetividade e (inter)subjetivização

De acordo com Langacker (1990), em *Semântica Cognitiva*, assumem papel importante dois princípios: o primeiro diz respeito ao fato de se considerar que o significado de uma expressão não pode ser reduzido a uma caracterização objetiva da situação descrita; o segundo está relacionado à conceptualização da situação, ou seja, é fundamental levar em consideração como o conceptualizador escolhe construir a situação e retratá-la por propósitos expressivos. Para ele, o valor semântico específico de uma expressão é determinado por numerosas facetas do *construal*, (perspectivização conceptual), incluindo o nível de especificidade pelo qual a situação é caracterizada, suposições e expectativas implícitas, a relativa proeminência concedida às várias entidades e a perspectiva assumida na cena comunicativa.

Partindo desses dois princípios descritos e levando em consideração a definição de objetividade que costuma ser utilizada em *Linguística Cognitiva* – segundo a qual, “do ponto de vista objetivo, o falante ou escritor intenciona (ou finge) descrever as coisas como se não houvesse sujeito consciente por trás da

¹⁵ C.f.: “Constructionalization is preceded by a series of small-step changes such as an increase in the salience of pragmatic inferences and routinization in certain contexts, which may lead to chunking and eventually to mismatches between form and meaning. These shifts may in turn lead to decrease in compositionality at the level of the existing micro-construction. These are constructional changes that may feed into the constructionalization of a new micro-construction, i.e. form-new-meaning-newpairing.”

declaração” (ALMEIDA; FERRARI, 2012, p. 112, tradução nossa)¹⁶ – , entendemos não ser possível a utilização da linguagem por um falante sem que a enunciação seja resultado da expressão de um sujeito em relação a um interlocutor.

Embora alguns autores argumentem a favor de uma descrição objetiva da realidade, consideramos, em relação ao nosso objeto de estudo, não ser possível ignorar o sujeito por trás da enunciação, assumindo, como ponto de partida, para a definição de (inter)subjetividade, as premissas de que há sempre um sujeito conceptualizador do enunciado em questão que escolheu o que está sendo dito daquela forma, e não de outra, tendo em vista um receptor, mesmo que ele não esteja presente.

Consideramos, portanto, que a subjetividade “envolve a expressão do eu e a representação da perspectiva ou ponto de vista do falante no discurso – o que tem sido chamado de marca do falante” (FINEGAN, 1995, p. 1, nossa tradução)¹⁷. Assim, essa marca poderá estar presente, em menor ou maior grau, através das escolhas feitas pelo falante/escritor, levando em consideração o ouvinte/leitor e o contexto da enunciação. Dessa forma, seguimos, para efeito de análise de nossos dados, a definição de (inter)subjetividade/(inter)subjetivização de Traugott (1995, 2010) e Traugott e Dasher (2005).

Conforme já mencionado, Traugott (2003) afirma que a gramaticalização é um fenômeno gradiente e variável que se realiza por pequenas mudanças (*minimal steps*), as quais envolvem as reanálises do par forma-sentido. Assim sendo, no momento da interação comunicativa, os falantes, buscando a mútua inteligibilidade, utilizam recursos presentes na própria língua que lhes permitam se expressarem e interpretarem o que está sendo dito, o que, muitas vezes, acarretaria pequenas mudanças nos construtos a partir de implicaturas conversacionais e inferências sugeridas. Segundo Cunha Lacerda e Félix de Oliveira (2015, p. 54), diretamente relacionada a esse mecanismo da reanálise, estaria a (inter)subjetivização, “envolvendo uma reanálise dos significados pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor”.

¹⁶C.f.: “[...] in the objective point of view, the speaker or the writer intends (or pretends) to describe things as if there were no subject of consciousness behind the utterance”.

¹⁷ C.f.: “In language use subjectivity “involves the expression of self and the representation of a speaker’s. . . perspective or point of view in discourse – what has been called a speaker’s imprint” (FINEGAN, 1995, p. 1).

Traugott (1989 *apud* TRAUGOTT, 1995, p. 31) utiliza o termo subjetivização (no sentido amplo) para se referir “aos processos semântico-pragmáticos através dos quais os significados tornam-se cada vez mais baseados nas crenças e atitudes do falante acerca da proposição, em outras palavras, acerca do que o falante está dizendo”¹⁸. Mais adiante, a autora segue afirmando ser a subjetivização em gramaticalização um fenômeno gradiente, através do qual formas e construções que, a princípio, expressam significados concretos, lexicais e objetivos se tornam, a partir da repetição em determinados contextos, cada vez mais abstratas, pragmáticas, interpessoais e baseadas na crença do falante. Nessa perspectiva, Traugott (1995) propõe o seguinte *cline* de unidirecionalidade: [-subjetivo] > [+subjetivo].

A partir de 2010, Traugott passa a utilizar o termo (inter)subjetivização e propõe o *cline* [não/- subjetivo] > [subjetivo] > [intersubjetivo]. Acrescenta-se aqui a preocupação do falante/escritor com a imagem (*self*) do ouvinte/leitor, tanto no sentido epistêmico quanto num sentido mais social (relacionado à proteção da face e à identidade) (DAVIDSE; VANDELANOTTE; CUYCKENS, 2010, p. 14).

Partimos do pressuposto de que a gramaticalização de construções ocorre no contexto de uso da língua, a partir de um processo de (inter)subjetivização. Acreditamos que o falante/escritor, ao falar/escrever, instancia seus enunciados nas crenças e atitudes que assume a respeito de si e de seu interlocutor e que, por isso, cria, inconscientemente, de acordo com a necessidade contextual, novas construções linguísticas que lhe possibilitam expressar suas opiniões, sem perder de vista o que o destinatário poderá interpretar a partir da enunciação. No entanto, como estamos realizando uma pesquisa sincrônica, trataremos da (inter)subjetividade, e não da (inter)subjetivização (processo diacrônico).

1.3 Conclusões

Como pudemos verificar, o aporte teórico utilizado para a análise empreendida neste trabalho baseia-se em um modelo desenvolvido para o estudo

¹⁸ C.f.: “[...] refers to a pragmatic-semantic process whereby ‘meanings become increasingly based in the speaker’s subjective belief state/attitude toward the proposition’, in other words, towards what the speaker is talking about.”

da mudança linguística, a qual está comumente associada à diacronia. Dessa forma, ao iniciarmos nossos estudos em 2015, nos questionávamos, como o fazem Rosário e Lopes (2017), se seria possível aplicar os conceitos utilizados por Traugott e Trousdale (2013) à mudança em andamento atestada na sincronia atual da língua.

Comungamos com as ideias de Rosário e Lopes (2017), que advogam a favor dessa perspectiva sincrônica tanto em relação à variação quanto em relação à mudança, partindo do pressuposto de que se pode observar, na sincronia da língua, diferentes camadas emergentes ao longo do tempo. Nesse sentido, os argumentos dos autores se baseiam nas proposições de dois autores: Labov (2008), que afirma estarem as mudanças linguísticas relacionadas tanto a fatores diacrônicos quanto sincrônicos, como à vida social da comunidade e às pressões advindas dela, agindo no presente; e Mendes (2017), para quem o papel da sincronia deveria ser mais destacado a partir da observação de mudanças particulares que ocorrem no presente, a partir das quais se podem traçar conclusões sobre a mudança em geral.

Não obstante essa possibilidade de aplicação do modelo de Traugott e Trousdale (2013) em uma análise sincrônica, é necessário, destacar a existência de uma nomenclatura recorrente na literatura dos estudos sobre mudança, já abordada anteriormente: “variação, gradiência e gramaticalidade” quando se fala em sincronia e “mudança, gradualidade e gramaticalização” quando se aborda a diacronia. Dessa forma, Rosário e Lopes (2017) afirmam ser possível a aplicação empírica da “construcionalização gramatical sincrônica”, partindo da perspectiva gradiente e variável da gramática, apresentando, para tanto, uma análise sincrônica do processo de transitivização de verbos inacusativos, que passam a instanciar uma construção transitiva causativa.

Entendemos que, ao trabalhar com a construcionalização gramatical em perspectiva sincrônica, estamos analisando o resultado, ou seja, as construções presentes em uma sincronia e não o processo pelo qual elas passaram. No entanto, acreditamos que, ao mapearmos, por exemplo, a rede das construções com “então”, conseguimos demonstrar pareamentos de formas e funções distintos uns dos outros, o que, por extensão, nos permite afirmar que em algum momento na linha temporal houve instanciação de pareamentos novos na língua através do processo de construcionalização, uma vez que, nessa perspectiva de análise, as mudanças ocorrem através de pequenos passos e não são fortuitas e estão interconectadas

em rede. Além disso, através da observância da gradiência entre as construções e os *links* existentes entre elas, podemos empreender uma análise sincrônica dos dados, a qual, pelo fato de observar apenas o produto da construcionalização, não nos permite tecer nenhuma afirmação acerca de *clines* de unidirecionalidade da mudança e nem de relações de derivação entre as construções.

Feitas essas colocações e tendo em vista a abordagem construcional da mudança proposta por Traugott e Trousdale (2013), empreenderemos uma análise empírica de dados da sincronia atual da língua, a fim de atestar a expansão pragmática relacionada ao aumento de intersubjetividade, a partir da distribuição das construções com “então” em uma rede hierarquicamente organizada.

CAPÍTULO II

QUESTÕES CONCEITUAIS ACERCA DE “ENTÃO”

Diante da pluralidade terminológica encontrada nos trabalhos que se dedicam ao estudo de “então”, consideramos necessária uma discussão prévia sobre alguns conceitos envolvidos nas possíveis classificações desse elemento e, conseqüentemente, das construções em que ele figura em nossa proposta de análise, no Capítulo V. Sendo assim, este capítulo apresenta a seguinte configuração: na seção 2.1, tratamos da etimologia de “então”, buscando no latim a base significativa para os usos mais recentes; nas três seções subsequentes, abordamos a foricidade, a focalização e a conexão como funções gerais e primordiais de “então” – em 2.1.1, apontamos a anáfora e a catáfora como características de “então” atuando no processo de referenciação textual; em 2.1.2, demonstramos o papel de “então” na focalização de outro elemento; e, em 2.1.3, destacamos a sua participação no processo de conexão, seja conectando palavras, orações ou sentenças complexas. Apresentamos, ainda, dentro da seção 2.1.3, a seguinte subdivisão, a fim de discutir pontualmente três conceitos que serão utilizados na análise de dados: em 2.1.3.1, delimitamos a circunstanciação temporal; em 2.1.3.2, a conexão lógico-semântica será discutida; e, na subseção 2.1.3.3, apresentamos uma discussão acerca da marcação discursiva.

2.1 Etimologia e polissemia de “então”

Etimologicamente, “então” apresenta a seguinte classificação:

adv. ‘nesse ou naquele tempo, momento ou ocasião’ | entõ XIII, enton XIII etc. | Do lat. ĩn tũnc. No port. med. Documentam-se, também, as formas entonce (< lat. * ĩntũnce), desde o séc. XIII, estonce (< lat. * extũnce) e estõ (< lat. extũnc), estas duas últimas a partir do séc. XIV. (CUNHA, 1982, p.301)

Embora classificado primordialmente como advérbio de tempo, conforme podemos constatar no verbete acima, diversas são as obras que trazem à tona a

multifuncionalidade de “então”. Ferreira (1999, p. 767) apresenta, além da acepção adverbial, outras duas acepções para a palavra: interjeição e substantivo masculino, respectivamente exemplificados em “**Então**, menino, não vai estudar?” e “Nesse **então** viviam como príncipes”. No primeiro exemplo, “então” denota espanto, enquanto, no segundo, pode ser parafraseado por “época”, ambos usos diferenciados do adverbial, que apresenta uma circunstanciação temporal.

Voltando nosso olhar para os compêndios gramaticais, encontramos mais evidências dessa pluralidade funcional do item “então”. É incluído em Cunha (1980, p. 376), não só na classe de advérbio de tempo, como também nas denominadas “palavras de classificação à parte”, quando denota situação: “_ Então o Largo dos Leões é isso?...”. O referido autor acrescenta se tratar de palavras de difícil classificação por não modificarem nem verbo, nem adjetivo, nem outro advérbio.

Em Bechara (1999), além de figurar também na classe de advérbios de tempo, faz parte das “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas” (BECHARA, 1999, p. 322), as quais, embora não recebam a denominação de conjunções, exercem função similar, no caso de “então”, indicando conclusão. A dificuldade desse e de muitos outros gramáticos incluírem esse item no rol das conjunções conclusivas se deve à inconclusa discussão sobre a sua gramaticalização, não obstante já seja mais uma evidência de sua flexibilidade funcional. Portanto, diante dessa situação tão controversa, voltamos ao latim a fim de investigarmos se essa provável polissemia de “então” poderia ser atestada já em sua origem latina.

Encontramos em Faria (1982 [1955], p. 560) as seguintes definições para *tum*: i) sent. próprio: então, naquele tempo; ii) daí: depois disso, depois; iii) donde: além disso, por outro lado. O autor ainda afirma que, frequentemente, *tum* era usado junto de outro advérbio de tempo para reforçá-lo e que seu valor temporal, muitas vezes, era nulo, sendo, portanto, empregado como “partícula de insistência” em contextos como “*tum... cum*”, equivalendo a “quando”.

Diante de sua variante *tunc*, temos, também de acordo com Faria (1982 [1955]): i) sent. próprio: então, naquele momento; ii) daí: depois disso, com a observação de que aparece em correlação com *si* (conjunção com sentido condicional “se”) ou *cum* (conjunção com valor temporal “quando, logo que” ou causal “já que, como”).

De acordo com Ernout e Meillet (1951), *tunc* era o resultado da junção do elemento com valor adverbial (*tum*), acrescido da partícula reforçativa (-*ce*), que se acrescentava aos demonstrativos, por exemplo, *hisce* (“aqueles ali”) e que, durante o período clássico se reduziu, em alguns casos, a -*c*, como em *hic*, *haec*, *illuc*, *tunc*, etc. *Tum* é um advérbio que significa “então”, reforçado de uma partícula epidêitica *tunc* > *tom* + *ce*, como *hunc* > *hom* + *ce*. Correlativa de *quom*, *cum*; do emprego de *cum*... *tum*¹⁹. Sendo assim, o acréscimo dessa partícula (*ce*), encontrada em demonstrativos latinos, seria responsável tanto pela origem do valor espacial de “então”, quanto pelo posterior valor anafórico temporal apresentado por *intunc*.

Os referidos autores acrescentam ainda que, quando utilizado com substantivos, normalmente, significa “não apenas...mas também” (*nōn solum... sed etiam*). Além desse uso, Ernout e Meillet (1951) encontraram *tum* utilizado de maneira repetida (duas ou mais vezes), com o sentido de “às vezes... às vezes” (*tum... tum*)²⁰ ou marcando sucessão de fatos. Frequentemente, também aparecia ligado a outro advérbio temporal que ele reforçava: *tum cum*, *tum quando*, *iam tum*, *etiam tum (tunc)*; *tum dēnum*, *dēnique*; *tum primum*; *tum deinde*, *deinde tum*; *tum postēa*; *tum interim*; *tum uērō*; *tum quidem et nē tum quidem*; *tum maximē*, *tum cum maximē*, etc.²¹ Reforçado por *ex-* em *extunc* (Vulg.), com o sentido equivalente, a “desde então, deste momento, depois deste tempo”²².

Ernout e Meillet (1951) afirmam que o valor temporal de *tum* desapareceu completamente de muitos trabalhos, enquanto seu uso na língua falada era particularmente frequente como partícula de insistência, como em “*tum autem*, *tum praetereā*” (“e, em seguida; em seguida, também”) e de reforço, especialmente nas interrogações prementes, como “*quid tum?*” (“que coisa enfim?”). De acordo com os referidos autores, esse uso enfático de *tum* teria derivado de *tam* (“tão”), o que explicaria esse caráter polissêmico de “então”, voltado para reforçar lugar e tempo.

Esse breve panorama sobre os usos latinos de *tum (tunc)*, a partir de Ernout e Meillet (1951), é fundamental para a análise empreendida no Capítulo V, uma vez que demonstra, já no latim, tratar-se de um elemento multifuncional, utilizado para

¹⁹ *Tum* adv.: alors. Renforcé d'une particule épideictique: *tunc*, de *tom-ce* comme *hunc* de **hom-ce*. Corrélatif de *quom*, *cum*; de là l'emploi de *cum*... *tum* (ERNOUT e MEILLET, 1951, p. 1191).

²⁰ Tradução nossa de “*tantôt...tantôt*” (ERNOUT ; MEILLET, 1951, p. 1191).

²¹ Quando, então quando, de vez em quando, até então (então); em seguida, por fim; primeiramente; em seguida, e, em seguida; depois; e, entretanto; nesse caso; em seguida e de fato; e na maioria, no mesmo momento, etc. (Tradução nossa).

²² Tradução segundo Sousa (1992, p. 363).

indicar lugar, tempo, sucessão de fatos, bem como utilizado como partícula de reforço de outros advérbios e conjunções, não descartando, contudo, outros possíveis usos que por ventura possam ter se perdido devido à falta de registros da oralidade. Dentre essas funções desempenhadas por “então” em latim, destacamos três, consideradas por nós os pilares para a nossa proposta de análise em rede das construções com “então”, quais sejam: referenciação, focalização e conexão.

2.1.1 “Então” como elemento fórico na referenciação

De acordo com Castilho (2012, p. 123),

A palavra dêixis em português corresponde exatamente à palavra grega *déixis*, que significa literalmente ‘mostração’. O termo deriva por sua vez do verbo grego *déiknymi*, ‘mostrar’, ‘apontar’.

Se a dêixis está associada ao referido significado original de “então”, encontramos a raiz do que estamos defendendo como uma das características basilares do nível mais esquemático de “então”, presente, de alguma forma, em todos os nós da rede. No entanto, ao voltarmos nosso olhar para os dados, concluímos que não se trata apenas de um “apontamento” relacionado ao processo semântico da dêixis, mas de uma espécie de “apontamento” fórico.

Martelotta (2012) trava essa discussão a partir do seguinte exemplo:

(04) Há dez anos atrás, eu corria dez quilômetros todo dia. Eu era jovem **então**.

Nesse contexto, “então” permite duas interpretações: como circunstanciador temporal dêitico, tem valor semelhante a “naquela época”, indicando um momento passado em relação ao momento da fala; por extensão de sentido, é também um circunstanciador temporal discursivo, uma vez que faz alusão anafórica à expressão temporal já mencionada “há dez anos atrás”.

Muitas vezes, na própria literatura, os conceitos de “dêixis” e “anáfora” aparecem imbricados em nomenclaturas como “dêixis textual” e “dêixis discursiva”, mas dada a necessidade de descrever uma função de “então” que perpassasse toda a rede e que faça parte da sua macroestrutura, optamos por considerá-lo um elemento

cuja característica basilar é o apontamento fórico, seja anafórico, catafórico ou os dois, como comprovaremos com nossos dados.

De acordo com Castilho (2012), a foricidade estaria ligada à ideia de retomada, enquanto a dêixis à ideia de indicação. E, nesse caso, os limites entre ambos os termos não são muito nítidos uma vez que a dêixis

[...] consiste em assinalar algo que está presente diante de nossos olhos: aqui, ali, tu, isto etc. Quando a função dêitica não consiste em fazer um *demonstrativo ad oculos*, mas apenas assinala um termo da frase já anunciado, recebe o nome de anáfora.” (CARRETER, 1953/1962, p.130 *apud* CASTILHO, 2012, p. 125)

Seguimos, contudo, o referido autor, diferenciando dêixis de anáfora, na medida em que a dêixis seria responsável pela primeira localização de um termo, enquanto a anáfora representaria um segundo conhecimento sobre ele. Na foricidade, existe, portanto, um movimento no discurso²³, ora para trás, ora para frente, responsável pela progressão textual, motivo pelo qual preferimos usar o termo fórico para “então”.

Entendemos, em consonância com Marcuschi e Koch (2015), que, ao abordarmos a questão da foricidade, necessário se faz esclarecer que estamos diante de uma situação discursiva referencial em que os termos designados são vistos como objetos do discurso e, portanto, tanto na anáfora quanto na catáfora, temos o estabelecimento de relações não lineares que fazem parte do processamento textual. De acordo com os autores, os referentes não são algo que deva necessariamente existir no mundo extratexto ou extramente, isto é, no mundo real, uma vez que fazem parte do discurso. Dessa forma, a referenciação é entendida levando-se em consideração três pontos:

- a) a referência diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;
- b) o discurso constrói aquilo que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, alimentada pelo próprio discurso, sendo os sucessivos estágios dessa representação responsáveis, ao menos em parte, pelas

²³ Esse movimento é descrito por Tavares (2014) como retroativo-propulsor. No entanto, a autora trata apenas da sequenciação, em que há o duplo movimento (anafórico e catafórico), a qual não abarca todos os nós da rede, motivo pelo qual preferimos nos reportar a “apontamento fórico” como característica do esquema.

seleções feitas pelos interlocutores, particularmente em se tratando de expressões referenciais. Tal representação constitui a memória discursiva;

c) eventuais modificações, quer físicas, quer de qualquer outro tipo, sofridas mundamente ou mesmo predicativamente por um referente, não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização lexical, sendo o inverso também verdadeiro. (MARCUSCHI; KOCH, 2015, p.352)

Marcuschi e Koch (2015) questionam a noção de anáfora tradicionalmente definida como uma estratégia de retomada, geralmente pronominal, em que um elemento lexical refere-se a outro que o antecede contextualmente e propõem uma noção mais abrangente, vista como um processo no qual a relação pode ser estabelecida entre dois elementos de qualquer natureza (sintagma nominal, sintagma verbal, uma oração ou simplesmente um contexto textual), sendo um elemento fonte e um anafórico, em sentido amplo, que pode retomá-lo ou não.

Podemos perceber que a noção de anáfora, bem como a de catáfora, por extensão, como processo de referenciação textual adotada por Marcuschi e Koch (2015) e com a qual comungamos, não está voltada apenas para um movimento local de busca de um antecedente, mas, em um sentido mais amplo, para um movimento discursivo que confere sequencialidade e progressão textual.

2.1.2 “Então” como elemento focalizador

Conforme retratado na seção 2.1, na língua falada, de acordo com Ernout e Meillet (1951), *tum* era frequentemente utilizado como partícula enfática, sentido oriundo de *tam* (“tão”). Era também usado de maneira repetida (duas ou mais vezes), indicando sucessão de fatos (*tum...tum*), além de poder reforçar outro advérbio temporal. Sendo assim, entendemos que, já no latim, “então” (*tum*) apresentava um caráter focalizador, que pode ser observado ainda nos usos atuais.

De acordo com Langacker (2008), acessamos porções particulares do nosso universo conceptual através de expressões linguísticas, as quais são compostas por porções mais salientes e outras menos salientes, que, portanto, são captadas, cognitivamente, de maneiras diferentes. A parte mais saliente cognitivamente é chamada, pelo autor, de “figura”, enquanto a menos saliente, de “fundo”. A

focalização é tratada, pois, por Langacker (2008) como um fenômeno cognitivo em que o conceptualizador, utilizando-se desses dois planos, conceptualiza uma cena. O autor apresenta como exemplo uma cena em que ocorre um barulho repentino (figura) em uma sala em silêncio (fundo), a partir do qual conseguimos perceber que a focalização depende do ponto que recebe maior destaque por parte do conceptualizador em detrimento do outro – nesse caso, o elemento focalizado é o barulho. Nessa perspectiva, a focalização é uma questão de grau, de níveis de organização, que dependerá do olhar do conceptualizador diante da cena a ser conceptualizada.

Gonçalves (1998, p. 32) entende focalização como “o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de pôr em relevo/ realce/ evidência um determinado item do texto”. O autor explica a focalização utilizando-se da metáfora da iluminação teatral, ou seja, o falante chama a atenção do ouvinte para uma porção do enunciado que é considerada relevante no discurso, assim como o ator chama a atenção da plateia para uma determinada cena no palco, lançando sobre ela o refletor.

Tendo em vista essa breve consideração acerca do conceito de focalização, destacamos a sua importância para a caracterização de outra função mais geral de “então”: a de poder focalizar outro elemento, seja um sintagma, uma sentença ou uma porção textual.

2.1.3 “Então” como elemento de caráter relacional

Não obstante a polissemia inerente ao elemento “então”, presente desde o latim, conforme verificamos nas subseções 2.1.1 e 2.1.2, que lhe permite desempenhar funções diversas, seja como elemento fórico, seja como focalizador, acreditamos que possa haver outro ponto de interseção entre essas funções que permita ao falante acioná-lo nesses múltiplos contextos de uso. Portanto, defendemos que “então” funcione também como um elemento de caráter relacional em sentido amplo, podendo estabelecer ligações em diferentes níveis do discurso.

Vejamos os exemplos abaixo, retirados do *corpus*:

(05) Negra, a magistrada nasceu na época em que o apartheid começava a vigorar na África do Sul e cresceu na comunidade pobre de Soweto, uma das mais

oprimidas pelo governo local – e onde uma série de protestos contra o regime racista estourou em 1976. Um ano depois, Masipa, **então** jornalista, foi parar na cadeia por participar de uma manifestação que pedia a soltura de repórteres negros presos no período. (*Corpus revistas formais 2014*)

(06) Nosso tempo era curto (ficamos só 48h na cidade), **então** acordamos cedinho e pegamos a estrada (é pertinho, 30min) em direção à cidade de Canindé do São Francisco pra pegar o catamarã. (*Corpus blogs 2014*)

(07) O que foi a primeira coisa que você comprou quando ganhou seu primeiro dinheiro? A primeira coisa grande foi o meu apartamento, na Barra. Eu já tinha uma casa, aí tirei minha mãe de onde ela morava, em Campo Grande, no Cabuçu, e trouxe ela pra morar perto de mim. Ela morava de aluguel e aí, quando eu posei pra *Playboy*, em 2009, eu comprei meu apartamento, reformei a casa onde eu morava e botei minha mãe pra morar lá.

Então foi bom ter posado pra *Playboy*. Você já era conhecida? Já. (*Corpus revistas informais 2014*)

Em (05), “então” aparece dentro de uma cláusula apositiva, situando o referente “jornalista”, seu escopo²⁴, temporalmente, e, conseqüentemente, ocorrendo intrassentencial. Nesse caso, a relação estabelecida por “então” se dá entre um vocábulo e um marco temporal anaforicamente retomado por ele. Como podemos notar, ocorre uma espécie de ligação que se dá entre elementos dentro de uma sentença através de um movimento fórico.

Em (06), observamos que o escopo de “então” é toda a sentença que o segue, “acordamos cedinho”, a qual é relacionada com a anterior por esse conector – nesse caso, verifica-se uma conexão entre sentenças, o que configura uma função intersentencial. Por outro lado, em (07), em um contexto de entrevista, “então” introduz uma conclusão a que o entrevistador chega por meio de uma inferência a partir da resposta do entrevistado à pergunta anterior, ou seja, “então” estabelece uma conexão *lato sensu* entre atos de fala distintos à medida que liga a conclusão de ter sido bom posar para a *Playboy* à resposta do interlocutor de ter comprado um apartamento na Barra com o dinheiro que ganhou posando para a revista.

Partindo das discussões traçadas a partir dos exemplos acima, apresentamos uma proposta de análise na qual as construções com “então” atuam em três planos

²⁴ Utilizamos a palavra “escopo” conforme utilizada por Langacker (2008, p. 63), como “escopo imediato”, ou seja, a porção diretamente mais relevante para um conteúdo a ser conceptualizado (*the portion directly relevant for a particular purpose*), bem como utilizada por Tabor e Traugott (1998), como conjunto de conteúdos afetados. Embora Langacker (2008) faça distinção entre escopo imediato e escopo máximo, não a consideramos relevante.

distintos: i) compondo construções que relacionam temporalmente dois elementos; ii) atuando como conectores de duas proposições inter-relacionadas no plano lógico-semântico; iii) no plano discursivo, em construções nas quais atuam como marcadores discursivos. Em correspondência a esses três planos apresentados, propomos também três nomenclaturas distintas para as construções com “então”, tendo em vista a função preponderante assumida em determinada construção: i) circunstanciadores temporais; ii) conectores lógico-semânticos; iii) marcadores discursivos.

2.1.3.1 “Então” e a circunstanciação temporal

De acordo com Ilari *et al.* (2002), a classe denominada pela gramática tradicional como “advérbio” abarca elementos muito heterogêneos, com funções variadas. No entanto, o advérbio é comumente definido como uma categoria invariável, do ponto de vista morfológico, cuja função é a modificação de um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, isto é, sintaticamente, está relacionado a um elemento não-substantivo.

Tomando essa definição como referência, os circunstanciais não seriam considerados advérbios, uma vez que um advérbio de tempo, por exemplo, não modifica a ação verbal. Observemos as frases abaixo, retiradas de Martelotta (2012, p. 37):

- (08) a. Ele dormiu *aqui*.
- b. Ele dormiu *agora*.

De acordo com o autor, *aqui* e *agora* fornecem indicações circunstanciais à ação verbal, respectivamente, de lugar e tempo, sem, contudo, modificá-la, diferentemente de um advérbio que intensifica a ação verbal, como, por exemplo, *muito* em “Ele dormiu *muito*”. Não obstante essa definição, os circunstanciais de tempo são tradicionalmente incluídos na lista de advérbios, o que demonstra a confusão terminológica em torno dessa classe, que, inclusive, não se encerra nessa questão.

Outro aspecto controverso à adoção da nomenclatura “advérbio” ao nosso objeto de estudo diz respeito à concepção tradicional de considerar o advérbio ligado apenas aos constituintes da oração, ou seja, ao se considerar o advérbio como um elemento modificador do verbo, adjetivo ou advérbio, considera-se que seu escopo se encontra no interior da sentença. No entanto, de acordo com as proposições de Ilari *et al.* (2002), um advérbio pode ser de três tipos: de constituinte, de sentença e de discurso. Os autores advogam ainda a favor de uma descrição dos advérbios que leve em consideração dois tipos de gramática: i) uma gramática da conexidade, a qual se ocuparia do ponto de vista da constituição morfossintática dos advérbios; ii) uma gramática da coesão, a qual analisaria os advérbios sob o aspecto da coesão textual. Para isso, propõem a seguinte classificação dos advérbios:

Quadro 3 - Classificação dos advérbios levando-se em consideração a natureza das relações estabelecidas por eles (ILARI *et al.*, 2002, p. 73)

	“Gramática da conexidade”	“Gramática da coesão”
Âmbito inferior à sentença	advérbios de constituinte	advérbios de tópico etc
Âmbito igual à sentença ou superior	advérbios sentenciais	advérbios de discurso

Embora Ilari *et al.* (2002) proponham uma classificação que contemple tanto os advérbios de constituinte, quanto os de sentença e de discurso, o que representa um avanço em relação à tradição gramatical, consideramos, para a análise das construções com “então” encontradas no *corpus*, a nomenclatura “advérbio” inadequada e, sem adentrarmos em uma discussão mais pormenorizada sobre os aspectos diversos que envolvem o termo, justificamos nossa preferência por “circunstanciador temporal” para nos referirmos a uma das funções que será descrita no capítulo de análise, seguindo a definição de Matelotta (2012, p. 75), segundo a qual

[...] os circunstanciais temporais designam noções temporais que localizam no tempo as ações, sem modificar essencialmente sua estrutura semântica. A expressão temporal está prototipicamente relacionada a pontos de referência para uma indicação mais precisa de uma noção abstrata e relativa como a de tempo.

Neves (2008, p. 480) afirma que “todo circunstancial opera sobre o espaço e o tempo mediante o estabelecimento de relações”, o que vem ao encontro do que defendemos como função basilar de “então”: relacionar diversas porções do discurso. Além disso, a referida autora defende ainda, assim como o fazemos neste trabalho, a foricidade como segundo ponto que caracteriza um circunstancial, que

[...] identifica, por si só, a relação cronológica ou espacial desejada, e o termo a partir do qual se faz a localização, sendo que esta última operação tem seu sucesso garantido pela foricidade do advérbio” (NEVES, 2008, p. 491).

Voltando ao exemplo (05), verificamos que “então” retoma anaforicamente “um ano depois”, no contexto, o ano de 1977, situando “jornalista” em relação a essa data. Como podemos perceber, sem perder de vista seu caráter fórico e relacional, um circunstanciador pode veicular também uma circunstância de tempo, como ocorre no referido exemplo.

Outro ponto a ser considerado nesta seção diz respeito à posição que o advérbio/circunstanciador ocupa. Seguindo Ilari *et al.* (2002), tradicionalmente, considera-se que o advérbio seja detentor de grande liberdade posicional, o que não se confirma diante de uma pesquisa que leva em consideração a língua em uso, como a dos autores supracitados. Ilari *et al.* (2002) demonstram que a posição que um advérbio ocupa pode, inclusive, determinar sua função: os advérbios predicativos qualitativos e intensificadores, por exemplo, aparecem comumente ligados à expressão que tomam como escopo (verbo ou adjetivo); por outro lado, os modalizadores, frequentemente, se aplicam à sentença como um todo, assumindo a posição periférica na oração. Vejamos os exemplos retirados de Ilari *et al.* (2002):

(09) Eles não aceitam *muito* a pajem.

(10) Aquela fase chamada de *mais* difícil.

(11) *Humanamente* é impossível fazer tanto processo ao mesmo tempo.

Em (09) e (10), os intensificadores “muito” e “mais” aparecem imediatamente à direita do verbo e à esquerda do adjetivo que lhes servem, respectivamente, de

escopo. Já em (11), “humanamente” ocupa a margem esquerda da sentença que lhe serve de escopo, representando a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional como um todo, não se estabelecendo em função de um constituinte especificamente.

Essa falsa liberdade posicional dos advérbios na língua portuguesa é importante para nossa análise. Illari *et al.* (2002) afirmam que, embora a posição predominante do advérbio sentencial seja a inicial em relação à sentença, também podem ocorrer em posição final, sem, no entanto, alterar seu escopo, que continua sendo a sentença como um todo. Entendemos, dessa forma, que o mesmo ocorra com os advérbios de constituinte, os quais podem ocorrer antepostos ou pospostos ao seu escopo.

Veremos, no capítulo de análise, que as relações estabelecidas pelas construções com “então” podem ocorrer no nível do constituinte, da sentença ou do discurso, tendo sido denominadas por nós “circunstanciadores temporais” as construções que estabelecem relações entre constituintes e “conectores lógico-semânticos” as relações entre sentenças, conforme demonstraremos na seção 2.1.3.2.

2.1.3.2 “Então” e a conexão lógico-semântica

Primeiramente, falar em conexão remete-nos imediatamente à “relação entre orações”, embora não exclusivamente, levando-nos, conseqüentemente, à discussão de conceitos como coordenação e subordinação, parataxe e hipotaxe, dentre outros conceitos já propostos por autores empenhados em desvendar os processos de articulação de orações na língua portuguesa.

Na tradição gramatical, a definição das relações entre orações defendidas sob as insígnias “coordenação e subordinação”, tem recebido inúmeros questionamentos acerca dos critérios adotados, principalmente, no que tange à relação de independência ou não entre as orações. Cunha (1980), por exemplo, define orações coordenadas como orações de mesma natureza, uma vez que:

- a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio; b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a

eles se referem: apenas uma pode enriquecer com seu sentido a totalidade da outra.” (CUNHA, 1980, p. 399)

Como podemos notar, a independência que define as orações coordenadas está relacionada ao sentido, sendo, portanto, um critério semântico. No entanto, ao definir a estrutura subordinada, Cunha (1980) o faz com base em critérios basicamente sintáticos:

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração se chamam SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO. (CUNHA, 1980, p. 400)

Esse é apenas um dentre vários exemplos que misturam critérios semânticos e sintáticos na conceituação de coordenação e subordinação e se tornou um forte argumento contrário a essa tradição gramatical, o que acabou levando muitos linguistas a formularem novos parâmetros para classificar diferentes construções na língua, distribuídas tradicionalmente entre esses dois rótulos. Neves (2011) afirma que a visão tradicional fixou-se em uma sintaxe de superfície, que apresenta uma dicotomia muito rígida entre coordenação e subordinação, principalmente nas estruturas complexas, o que acaba sendo questionado pelos estudos funcionalistas subsequentes. Sem nos atermos às inúmeras discussões travadas acerca do assunto, traremos para este trabalho as propostas de Halliday (1985) e Hopper e Traugott (2003 [1993]).

Halliday (1985) propõe dois eixos de análise da cláusula complexa: o tático e o lógico-semântico. Para o autor, no eixo tático, verifica-se o grau das relações de interdependência: i) entre elementos que apresentam mesmo estatuto, um iniciando e o outro continuando (parataxe); e ii) entre termo dominante e termo dependente (hipotaxe). No entanto, não se trata de uma mera correspondência entre coordenação/subordinação e parataxe/hipotaxe. Para o autor, “parataxe” e “hipotaxe” são termos utilizados para caracterizar relação entre duas cláusulas dentro de uma cláusula complexa, a qual, segundo Halliday (1985), envolve relações dos dois tipos, entre cláusulas simples ou entre cláusulas complexas, conforme o exemplo “*I would if I could, but I can't.*”²⁵ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004 [1985],

²⁵ “Eu faria se eu pudesse, mas não posso” (tradução nossa).

p. 376), no qual são estabelecidas duas relações: uma paratática, entre “*I would if I could*” e “*but I can’t*”; outra hipotática, entre “*I would*” e “*if I could*”.

No eixo lógico-semântico, a relação entre os processos, em que estão envolvidas as cláusulas complexas, ocorre de duas formas: i) expansão, em que a cláusula secundária expande a cláusula primária por elaboração, extensão ou realce²⁶; ii) projeção, em que a cláusula secundária é projetada sobre a primeira sob a forma de uma locução ou de uma ideia²⁷.

Na expansão por elaboração, uma cláusula expande a outra reafirmando-a, especificando-a, comentando-a ou a exemplificando, através de conectores como: “isto é” e “por exemplo”. Já na expansão por extensão, uma cláusula expande a outra acrescentando-lhe algum elemento, dando-lhe uma exceção ou oferecendo-lhe uma alternativa, através de conectores como “e” e “ou”. Por outro lado, na expansão por realce, uma cláusula expande a outra, qualificando-a com alguma circunstância de tempo, lugar, causa ou condição, através de conectores como “assim”, “ainda” e “então”.

Conforme podemos depreender dessa abordagem de Halliday (1985), independentemente, se a relação táctica que se estabelece entre sentenças é paratática ou hipotática, as relações estabelecidas no campo lógico-semântico serão de expansão ou elaboração, o que contribui, em parte, para a solução da problemática da falta de clareza na adoção, pela tradição gramatical, de critérios sintáticos e semânticos na definição de coordenação e subordinação.

Não obstante o mencionado avanço, consideramos também de crucial importância uma discussão que envolva a função discursiva em que estão engajadas as sentenças na composição do texto. Para isso, consideramos relevante a noção de *continuum* proposta por Hopper e Traugott (2003 [1993]), no tocante à gramaticalização das sentenças complexas, definidas pelos autores como uma unidade composta por mais de uma cláusula. De acordo com Hopper e Traugott (2003 [1993], p.176-177), uma sentença complexa pode ser constituída de um núcleo e um ou mais núcleos adicionais, ou de um núcleo e uma ou mais margens, cláusulas relativamente dependentes que podem não estar sozinhas e, mesmo assim, apresentarem diferentes graus de dependência. Segundo os autores,

²⁶ Elaborating, extending or enhancing (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004 [1985], p. 377).

²⁷ Como nosso trabalho não está relacionado à projeção, não nos ateremos a ela. Também não estão incluídas aqui as relações de encaixamento, que não são consideradas nem parataxe, nem hipotaxe.

utilizando tanto componentes sintáticos, quanto semânticos, pode-se chegar a uma distribuição tripartida dessas sentenças complexas, representativa de um *continuum* gradual de combinação de cláusulas: i) parataxe, ou relativa independência e não encaixamento; ii) hipotaxe, ou interdependência e relativo encaixamento; e iii) subordinação, ou completa dependência e encaixamento²⁸.

O que julgamos relevante para nosso trabalho não é a proposta tripartida de análise das sentenças, mas a relativização dos conceitos de parataxe, hipotaxe e subordinação, ao apresentá-los como graus no processo de combinação de sentenças, redefinindo terminologicamente as duas tradições que apresentavam o mesmo processo de maneira bipartida, seja pelo par coordenação/subordinação, seja pelo par parataxe/hipotaxe.

Além de Hopper e Traugott (2003 [1993]), Lehmann (1995 [1982]) e Givón (1990) também haviam defendido a existência de um *continuum* na estrutura de articulação de orações, postulando graus na vinculação de uma cláusula à outra. Lehmann (1995 [1982]), estabeleceu dois polos dentro dos quais se encontram as relações estabelecidas em uma sentença complexa: quanto mais à esquerda desse polo, maior é a autonomia de uma sentença (parataxe); quanto mais à direita do mesmo polo, em contrapartida, menor é a sua autonomia enquanto sentença, ou seja, mais integrada e mais próxima do encaixamento. Givón (1990, p. 826) também defendeu a existência de diferentes graus de integração entre sentenças, afirmando que: i) nenhuma cláusula é totalmente independente do seu contexto oracional imediato, levando em consideração um discurso coerente; ii) a distinção absoluta entre cláusulas subordinadas (dependentes) e coordenadas (independentes) funciona apenas dentro de limites tipológicos rigidamente prescritivos ou dentro de uma rígida pré-seleção dos fatos. Além dessa crítica às dicotomias dos estudos tradicionais, Givón (1990) postula ainda a existência de uma relação de iconicidade entre integração de orações e os eventos descritos por elas, relacionando, através do subprincípio da proximidade, a sintaxe da semântica, isto é, os graus de integração sintática entre as sentenças expressam os graus de vinculação semântica entre elas.

Partindo, pois, dessas colocações, consideramos, para fins de análise neste trabalho, a articulação entre sentenças sob o ponto de vista do contínuo entre

²⁸ Esse continuum gradual é representado pelo *cline* “parataxis > hipotaxis > subordination” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 177).

parataxe e hipotaxe, tanto entre cláusulas simples, quanto entre estas e as cláusulas complexas, não sendo, pois, relevante a classificação das sentenças a serem descritas na análise do ponto de vista sintático. O que de fato nos interessa é a relação semântica estabelecida entre elas pelas construções com o conector “então”, observando a função que cada construção exerce no contexto em que ocorre.

Posto isso, cabe uma segunda discussão, a qual está vinculada às nomenclaturas “conjunção”, “conectivo” e “conector”. De acordo com Raposo *et al.* (2013), a tradição gramatical luso-brasileira, baseando-se em critérios semânticos, costuma apresentar um amplo leque de conjunções e locuções conjuncionais coordenativas, admitindo, inclusive, a existência das conclusivas e explicativas. No entanto, para esse mesmo autor, é preciso estabelecer distinções entre conjunções coordenativas, subordinativas e outros elementos de natureza adverbial ou preposicional, denominados conectores, uma vez que apresentam estatutos diferentes:

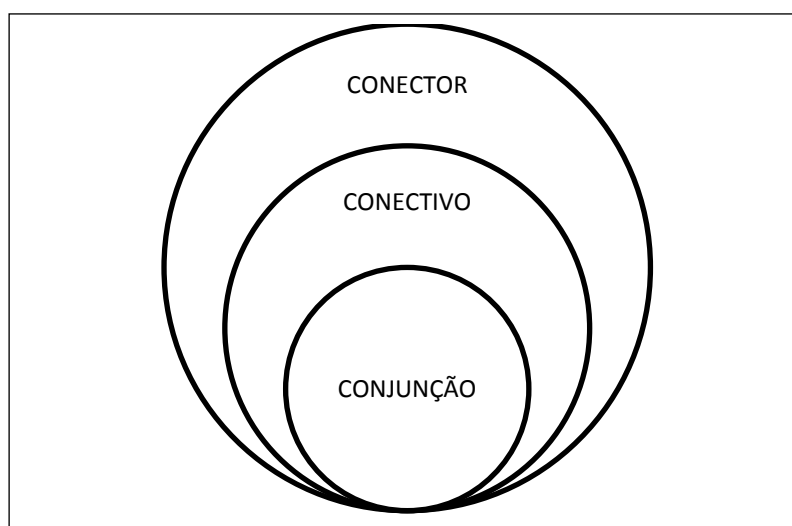
[...] ainda que uma conjunção seja, informalmente, um “conector” entre palavras, sintagmas ou orações, o termo “conjunção” designa uma classe gramatical que se caracteriza por um determinado número de propriedades gramaticais particulares; em contrapartida, o termo mais amplo “conector” designa uma coleção heterogênea de palavras ou locuções pertencentes a classes diversas e com propriedades gramaticais distintas, que partilham com as conjunções a função de estabelecer uma conexão entre constituintes de vários tipos, incluindo, por vezes, as orações. (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 1805)

Como podemos perceber, o termo conector abrange o que a tradição gramatical chamou conjunção, o que também ocorrerá, de maneira similar, com aquele em relação aos conectivos. Souza (2008, p. 11) apresenta os conectores como termos que promovem a conexão na linguagem, podendo ser representados tanto por palavras gramaticais, quanto por palavras lexicais que desempenham essa função específica, contribuindo para os processos argumentativos no discurso, isto é, são responsáveis pela coesão e, conseqüentemente, pela coerência textual. A autora defende que a conexão sequencial estabelecida pelos conectores pode ocorrer entre proposições, através de conectores lógicos, ou entre atos de fala

distintos, através dos operadores argumentativos. Já os conectivos, segundo Souza (2008, p.13), embora sejam conectores, são constituídos apenas de itens gramaticais, representados, pela NGB, como conjunções (coordenativas e subordinativas), pronomes relativos e preposições.

Dessa forma, a distinção entre “conjunção”, “conectivo” e “conector” está na natureza e abrangência de cada termo, ou seja, o termo “conector” é mais abrangente e engloba a totalidade dos “conectivos”, os quais, por sua vez, abarcam as conjunções, conforme podemos observar em nossa proposta de representação abaixo:

Figura 1 – Representação da abrangência dos termos “conjunção”, “conectivo” e “conector”



Como podemos perceber, a discussão em torno dessa abrangência dos termos relacionados na Figura 1 está diretamente ligada ao grau de interdependência entre as sentenças e, conseqüentemente, à discussão já traçada acerca dos termos coordenação/subordinação e parataxe/hipotaxe. Consideramos, pois, coerente, empregar, neste trabalho, o termo “conector” para fazer referência a “então” atuando entre sentenças, relacionando-as no plano através de um movimento que retoma a sentença anterior e projeta sobre a sentença subsequente uma relação no plano lógico-semântico, como a relação de causa e consequência, por exemplo. Vejamos:

(12) Anti-acne Boo Boo Zap – Ainda não experimentei essa linha pra espinha da Benefit. Vi um monte de blogueira falando bem, **então** fiquei afim de usar. Se eu

chegar a comprar faço post aqui no *blog* contando se funcionou pra mim.
(*Corpus blogs* 2014)

No exemplo (12), verificamos que “então” relaciona duas porções textuais, “vi um monte de blogueira falando bem” e “fiquei afim de usar”, no sentido amplo da palavra conectar. No entanto, sua função se aproxima da função de um conectivo uma vez que estabelece uma relação de dependência semântica entre as referidas proposições, em que a segunda é efeito da primeira. Verificaremos, mais adiante, sua atuação em diversas relações semânticas, não apenas de causa e efeito, mas também nas relações de condição, disjunção, finalidade, dentre outras a serem demonstradas no capítulo de análise.

De acordo com Posner (1980 *apud* SCHIFFRIN, 1986), é possível atribuir a um conectivo, em uma visão maximalista, diferentes valores. Schiffrin (1986) utiliza diversos autores para defender que o conectivo “e”, por exemplo, seu objeto de estudo, pode veicular não apenas a relação lógica de adição, mas também relações causais e temporais e relações de similaridade ou de identidade tópica. A essas relações, Camacho (1999) acrescenta a possibilidade de “e” veicular, também, as relações semânticas em diferentes níveis de análise, como o ideacional e o interpessoal, seguindo Halliday e Hansan (1976). De acordo com Camacho (1999, p.354), os defensores dessa posição maximalista “sustentam que os conectivos são dotados de valores semânticos específicos que contribuem para a interpretação pragmática das construções coordenadas”, o que leva a uma visão baseada na polissemia do conectivo. Em contraposição a essa visão polissêmica, encontra-se a de Halliday e Hansan (1976), segundo a qual os elementos conjuntivos atuam em dois planos coesivos, o ideacional e o interpessoal, não se tratando, portanto, de uma questão de polissemia, mas de contextos diferentes. Para Halliday e Hansan (1976), as relações expressas pelas conjunções nas sentenças não são lógicas, mas textuais, uma vez que representam tipos de conexão que podem ser interpretadas sob dois pontos de vista: o da experienciação, representando a interpretação da experiência (o que se dá no nível das relações entre as sentenças coordenadas), e o interpessoal, representando a participação na situação de fala (o

que se dá no plano discursivo)²⁹. De acordo com essa proposta de análise de Halliday e Hansan (1976), a conjunção “e”, bem como outras similares, por extensão, encontram-se envolvidas tanto na conexão lógica entre sentenças, quanto na conexão entre porções textuais maiores, ou seja, sem perder de vista a função textual da linguagem, os conectores operam tanto na função ideacional quanto na interpessoal da linguagem.

Esse tipo de raciocínio pode ser observado também nas construções com “então”, uma vez que estabelecem tanto conexões no plano lógico-semântico, quanto no discursivo. No entanto, cabe aqui estabelecer uma distinção entre esses dois planos, apresentada por Ilari (2008) sob a distinção entre *dictum* e *modus*, ou seja, entre uma relação objetiva entre fatos do mundo real e uma relação entre momentos de uma argumentação. De acordo com o autor, a associação no nível do *dictum* está ligada à realidade externa e à linguagem, enquanto a estabelecida no nível do *modus* se aplica a porções textuais, figurando no plano do discurso.

Portanto, levando em consideração as discussões contidas nesta seção, bem como na seção 2.1.3, consideramos que as ligações estabelecidas no nível do *dictum*, serão aqui denominadas conexões lógico-semânticas entre sentenças, desempenhadas por conectores, enquanto as ocorridas no nível do *modus* serão denominadas relações discursivas, desempenhadas por marcadores discursivos.

2.1.3.3 “Então” e a marcação do discurso

A maioria dos autores que se dedicam ao estudo dos Marcadores Discursivos (doravante MDs) afirma tratar-se de um amplo campo de pesquisa com uma enorme diversidade de concepções. Nesse sentido, de acordo com Guerra (2007), os marcadores discursivos têm produzido vasta bibliografia em Linguística.

No entanto, essa diversidade de concepções existentes leva a muitos pontos divergentes, que vão desde a nomenclatura utilizada até os princípios que norteiam as definições de cada corrente linguística, levando a discussões sobre a inclusão ou não de determinado item ou determinada expressão na lista dos MDs. Isso afeta

²⁹ Cf. What these connections are depends in the last resort on the meanings that sentences express, and essentially these are of two kinds: experiential, representing the linguistic interpretation of experience, and interpersonal, representing participation in the speech situation. (HALLIDAY; HANSAN, 1976, p. 238).

diretamente os resultados alcançados nos trabalhos com MDs e, conseqüentemente, instaura a necessidade de se delimitar primeiramente a abordagem sobre MDs que se pretende seguir.

Penhavel (2010) afirma que a pluralidade de abordagens de MDs está relacionada à pluralidade de modelos de análise linguística e também aos tipos de mecanismos que são analisados como MDs. As diferenças são numerosas. No que se refere às particularidades terminológicas, ao significado dos respectivos objetos de estudo e também à noção de conectividade, por exemplo, o autor afirma estarem os MDs ancorados nas especificidades de seus respectivos modelos teóricos. Além disso, nem o fato de existirem abordagens que utilizam a mesma terminologia – por exemplo, “marcador discursivo” – significa que elas o façam na mesma acepção.

Para Penhavel (2010), não há consenso entre as correntes porque a escolha do termo é baseada em princípios diferentes, o que insere cada uma em um modelo teórico-metodológico particular e, conseqüentemente, suas posições deverão ser avaliadas no âmbito desse modelo, e não como parte de uma área específica de estudos sobre MDs.

Sendo assim, neste trabalho, nos embasaremos nas abordagens propostas por Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Risso *et al.* (1996, 2006), que analisam como MDs expressões que operam tanto na organização textual, quanto na organização interacional do discurso.

Em sua vasta obra sobre MDs, Schiffrin (1987) discute como propriedades discursivas estão integradas dentro de um modelo de coerência do discurso, cujo sistema regente engloba vários domínios relacionados entre si, no qual estão inseridos os MDs, definidos, operacionalmente, como “elementos sequencialmente dependentes que dão suporte às unidades de fala”³⁰, isto é, elementos não obrigatórios no enunciado, mas que desempenham funções na interação.

De acordo com Schiffrin (2006), as palavras, bem como suas funções, estão relacionadas umas às outras através de suas posições em uma rede de significados, os quais são instanciados concretamente na língua através de declarações de um falante/escritor a um ouvinte/leitor em um determinado contexto.

Schiffrin (1987) concebe os MDs como indicadores da localização de declarações dentro das estruturas emergentes, significados e ações do discurso e

³⁰C.f.: “[...] discourse markers as sequentially dependent elements which bracket units of talk” (SCHIFFRIN, 1987, p. 31)

propõe um modelo que relaciona as declarações aos seus respectivos contextos de uso. Ao considerar o contexto, a autora parte das seguintes premissas básicas:

- (i) A língua sempre ocorre em algum tipo de contexto, incluindo contextos cognitivos nos quais as experiências e conhecimentos adquiridos são armazenados e acionados;
- (ii) A língua é potencialmente sensível a todos os contextos em que ela ocorre e também os reflete na medida em que ajuda a constituí-los;
- (iii) A língua é comunicativa por excelência porque é sempre dirigida a um destinatário, seja em presença ou não no emissor;
- (iv) A língua é projetada para refletir as bases comunicativas. Dessa forma, é o processo comunicativo que guia a emergência e o desenvolvimento de estruturas sintáticas na língua. (SCHIFFRIN, 1987, p. 3-6)

Em trabalho posterior, Schiffrin (2006) retoma essas questões e reafirma uma abordagem ancorada no significado (semântico e pragmático), no discurso e na função. Ela busca em Lyons (1977), em seu estudo sobre senso e referência, as bases para a definição de “significado semântico”, que tem como foco o sentido de verdade condicional, ou seja, as condições que devem ocorrer para que uma proposição seja verdadeira. Nesse contexto, os MDs podem contribuir em significado semântico para o discurso através de extensões metafóricas (SCHIFFRIN, 1990), e os chamados “marcadores da instância da fala” (BRINTON, 2003; KARKINNEN, 2004 *apud* SCHIFFRIN, 2006) podem se desenvolver através da perda de significado literal e podem ser classificados como “marcadores de comentário pragmático” (FRASER, 1990) em vez de MD (SCHIFFRIN, 2006, p.316). Nota-se aqui que os significados pragmáticos variam através dos falantes e da situação, o que equivale a dizer que eles dependem de um contexto (texto, conhecimento compartilhado, relação interpessoal, situação social, dentre outros) a partir do qual o interlocutor fará suas inferências sobre as intenções comunicativas.

Nessa perspectiva de estudo da língua em uso – da qual fazem parte as interações face a face que nos interessam em particular –, as palavras e suas funções estão localizadas dentro de um sistema ou de uma organização nos quais elas se conectam umas às outras através das suas posições em uma rede de significados e através da recorrência delas em um sistema maior para o qual elas contribuem – que são os textos e os contextos (SCHIFFRIN, 2006, p. 317).

A fim de englobar em sua abordagem tanto as expressões vazias de propriedade linguística (*oh* e *well*) quanto aquelas dotadas de significado proposicional (como *and*, *now*, *then* e as demais), Schiffrin (1987) propõe uma definição mais teórica de MD, destacando o papel mais amplo que eles assumem no discurso. De acordo com essa definição, as propriedades do discurso juntamente com as propriedades linguísticas da expressão (significado e/ou propriedades gramaticais) fornecem MDs com funções indexicais que são a chave para o entendimento de seus usos, uma vez que propõem as coordenadas contextuais dentro da quais uma elocução é produzida e projetada para ser interpretada, contribuindo para a coerência discursiva (SCHIFFRIN, 1987, p.315).

Por fim, a autora elenca as condições que permitiriam o uso de uma palavra como MD. Segundo ela, um MD: i) seria sintaticamente destacável de uma sentença; ii) seria usado em posição inicial de uma elocução; iii) apresentaria uma série de contornos prosódicos; iv) poderia operar no nível local e global do discurso, bem como em diferentes planos do discurso, sendo, pois, um elemento multifuncional (SCHIFFRIN, 1987, p. 328).

Marcuschi (1989, p.282) denomina Marcadores Conversacionais (doravante MCs) elementos que “operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois *multifuncionais*”. Como se pode observar, esta é uma definição que engloba o ponto de vista linguístico, sem excluir o pragmático. No entanto, como sugere a própria nomenclatura, esta definição está relacionada basicamente a fenômenos linguísticos característicos da fala e à organização conversacional do discurso, uma vez que compõem o *corpus* analisado pelo autor conversações telefônicas e conversações com tema sugerido (retiradas do *corpus* do Projeto NURC/Recife e do NURC/São Paulo).

Divididos em três categorias – verbais, prosódicos e não-verbais –, os marcadores são identificados pela função que desempenham na interação, uma vez que não existe uma única classe gramatical desempenhando a função de MC. E, ainda seguindo Marcuschi (1989), os marcadores conversacionais, embora assumam canonicamente as posições iniciais e finais, também podem ocorrer nas posições mediais (intraturno), já que, na interação, o texto é (re)organizado a todo momento.

Dentre esses três tipos de MCs identificados por ele, são os MCs verbais que apresentam maior relevo para o presente trabalho, por englobarem “partículas, palavras, sintagmas, expressões estereotipadas e orações de diversos tipos” (MARCUSCHI, 1989, p.290), e que foram subdivididos por ele em: simples, composto e oracional. Os MCs simples, são os que se realizam com um só lexema ou para-lexema, como ocorre com interjeições, advérbios, verbos, adjetivos, conjunções, dentre outros, dos quais são exemplo *éh, agora, olha, claro, então*, etc. Os MCs compostos, por sua vez, são aqueles com tendência à estereotipia, com pouca variação morfológica e de caráter sintagmático, como *mas assim, então aí, e então, e mesmo assim, aí eu disse*, dentre outros. E, por fim, os MCs oracionais que se realizam “como pequenas orações, podendo vir em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo). Aqui entram MCs de caráter estritamente semântico e pragmático como as paráfrases, os resumos, as repetições de frases curtas, etc” (MARCUSCHI, 1989, p. 290), tais como *o que eu acho, então eu acho que, oh nem sabe*, etc.

Em uma análise da posição dos MCs no *corpus* analisado, Marcuschi (1989) evidenciou um maior número de ocorrências dos MCs em posição de início de turno e de enunciado, justificando tal uso pelo fato de o locutor anunciar o quê e como vai fazer, além de ser responsável pela coesividade discursiva e a ela estar atrelado. Já na posição final, encontram-se, frequentemente, os MCs com truncamentos, hesitações e marcados prosodicamente. Com relação aos MCs mediais, o autor afirma tê-los encontrado com mais frequência em turnos mais longos, representando busca de auxílio, quebra no raciocínio ou apenas pausa preenchida, sendo também comuns a ocorrência de anacolutos, hesitações e alongamento de vogais.

Em sua análise, Marcuschi (1989, p.304) observa e descreve, sob dois aspectos, o funcionamento dos MCs encontrados: o intertextual e o interpessoal. Do ponto de vista da articulação textual, o autor constata as seguintes propriedades nos MCs encontrados: podem operar no encadeamento coesivo do texto, mas também o segmentando e suprimindo o papel de pontuação da fala; ocupam posições regulares, contribuindo na hierarquização e na topicalização de argumentos; mantêm relativa independência sintática no conjunto da construção; e operam como dêiticos discursivos. Já no que se refere às chamadas funções interacionais, Marcuschi (1989, p. 305) destaca que estão estas ligadas ao lado comunicativo da interação –

isto é, ao nível ilocutório das ações linguísticas – e à relevância socialmente construída, operando com o princípio de preservação das faces.

O autor propõe um modelo de funcionamento da conversação segundo o qual seis fatores favoreceriam a ocorrência de uma extensa série de MCs: o princípio de defesa das faces, os processos de negociação, os processos de hierarquização dos atos, as estratégias metacomunicativas, os mecanismos organizacionais da conversação e os processos de organização textual (do texto oral) (MARCUSCHI, 1989, p. 289).

O princípio de preservação da face é baseado na noção de “face” que Goffman (1967) desenvolveu e na noção de “face positiva” e “face negativa” com que Brown e Levinson (1978) trabalharam posteriormente. Para os autores, em toda interação face a face, a princípio, haveria uma ameaça em potencial, tanto à face do falante, quanto à do ouvinte, uma vez que a conversação é baseada em constantes negociações entre os interlocutores que buscam a todo o momento defender sua face positiva e sua face negativa, ou seja, deseja aprovação do outro, tenta impor sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tenta se defender da desaprovação do outro ou da imposição que possa recair sobre si. Conseqüentemente, para alcançar esses objetivos, os falantes lançam mão de recursos verbais como as formas de polidez e os marcadores de atenuação, por exemplo, sem os quais eles teriam suas faces ameaçadas.

Além desses marcadores de atenuação, os demais tipos de MCs adquirem, segundo Marcuschi (1989, p. 288), função de *conectores pragmáticos* já que são eles que estabelecem as relações interpessoais reguladoras dos atos de fala, estruturados dentro de uma hierarquia de trocas entre atos e intervenções dos interlocutores (turnos). Não obstante essa função, eles também atuam na estruturação da cadeia discursiva, sequenciando as *unidades comunicativas* (unidades delimitadas por MCs), enunciados conversacionais que podem ou não coincidir com turnos, orações ou atos de fala, mas que são referências para o estabelecimento das propriedades dos MCs. Embora a unidade comunicativa seja um ponto de referência para se localizar a posição dos MCs, a sua identificação em uma cadeia discursiva não é uma ação consensual uma vez que depende da interpretação de quem analisa, não havendo regras fixas que determinem os limites entre uma e outra unidade comunicativa.

Observando o comportamento dos MCs encontrados em seu *corpus*, Marcuschi (1989, p. 299-301) chegou às seguintes conclusões quanto às suas propriedades formais e funções intratextuais:

(i) MCs verbais funcionam como encadeadores do texto, sobretudo em textos mais longos, ressaltando que pode se tratar também de uma estratégia de economia interacional;

(ii) em contextos argumentativos, destaca-se o uso de MCs bidirecionais no início de turno, ou seja, Mcs que retomam anaforicamente o contexto argumentativo anterior e, ao mesmo tempo, refere o argumento a ser apresentado, o que os torna um tipo especial de dêiticos que sustentam a interação ao considerar o interlocutor, sem deixar de introduzir uma posição pessoal (por exemplo, “então eu acho que”, “não eu acho que”, “eu tenho a impressão que”, dentre outros);

(iii) MCs iniciais apresentam independência sintática em relação à construção na qual estão inseridos³¹, o que significa dizer que podem ser retirados sem prejuízo para a construção sintagmática em si, porém são dependentes discursivamente e não podem ser retirados sem que haja prejuízo³²;

(iv) MCs funcionam tanto linearmente na cadeia linguística, operando no desenvolvimento discursivo, quanto verticalmente, isto é, no nível do encadeamento da interação;

Enfim, Marcuschi (1989) propõe um modelo em que são considerados MDs elementos ou conjunto de elementos que podem funcionar tanto como dêiticos interacionais quanto como sequenciadores discursivos; que podem apresentar independência sintática, mas serem discursivamente dependentes; ou seja, que podem operar tanto no plano das relações textuais quanto no plano das relações interpessoais, sendo, pois, caracterizados pela multifuncionalidade.

Risso *et al.* (2006) desenvolveram um dos estudos atuais mais significativos sobre MDs no Brasil, baseado nos princípios da Gramática Textual-Interativa³³. Os autores justificam a adoção da nomenclatura “Marcadores Discursivos”, a qual adotamos em nosso trabalho pela abrangência de seu uso, uma vez que a adoção

³¹ Ver Schiffrin (1987, p. 24).

³² Marcuschi (1989) concorda com Schiffrin (1987) no que se refere à posição inicial, porém acrescenta os MCs em posição final, os quais possuem funções interacionais e não são analisados por ela.

³³Sobre a perspectiva da Gramática Textual-Interativa, ver Jubran (2006).

de “Marcadores Conversacionais”, conforme Marcuschi (1989), implicaria limitar seus usos à modalidade oral da língua, reduzida ao gênero conversação.

Como Schiffrin (1987) e Marcuschi (1989), Risso *et al.* (1996, 2006) incluem no rol de MDs elementos de natureza diversificada, como sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, isto é, incluem tanto itens que operam na organização textual quanto na organização interacional do discurso. Além disso, por não haver um consenso terminológico nem conceitual que viabilize os estudos sobre MDs, Risso *et al.* (1996, 2006) propõem uma definição gradiente de MDs que utilize traços identificadores de suas propriedades básicas, a partir de uma análise das dez variáveis. Partindo da combinação desses traços, os MDs são considerados por Risso *et al.* (2006) prototípicos ou não-prototípicos: estes são elementos menos típicos e podem apresentar desvios em relação as matrizes-padrão, não ultrapassando, de modo geral, dois desses padrões; aqueles, ao contrário, incorporam de modo mais uniforme e integral os traços das matrizes-padrão. Para os autores, aqui está o ponto chave para a definição de MD adotada por eles, segundo a qual haveria um contínuo, no qual se encontram elementos mais ou menos próximos do que é estabelecido como um MD prototípico.

Seguindo essa linha de raciocínio, há, além dessa gradiência entre os MDs, o que Risso *et al.* (2006) denominaram *unidades limítrofes*, ou seja, elementos que se afastam ainda mais dos MDs não-prototípicos, muito embora mantenham funções que possam aproximá-los dos MDs. Formas como *nós vamos terminar aqui hoje, parece que, logicamente*, dentre outras, apresentam grandes desvios em relação às matrizes-padrão, não se enquadrando na classificação de MDs, mas estando em processo de discursivização, em direção à classificação como MDs.

A respeito dessa abordagem, postulam-se, então, as seguintes conclusões: os traços do núcleo-piloto conferem a identidade básica aos MDs, ou seja, a sua natureza discursiva, por um lado, e a sua ancoragem pragmática, por outro. Em outras palavras, Risso *et al.* (1996, 2006) assumem a concepção de texto a partir da perspectiva sociocomunicativa, englobando, no conjunto de MDs, tanto os sequenciadores, responsáveis pela articulação textual, quanto os interacionais, responsáveis pelas relações interpessoais, e não excluindo, portanto, a possibilidade de ambos ocorrerem inter-relacionados, de forma inversamente proporcional: quanto maior for uma função, menor será a ocorrência da outra. Embora não utilizemos em

nosso trabalho os critérios de classificação de MDs de acordo com o nível de prototipicidade elencados por Risso *et al.* (1996, 2006), concordamos parcialmente com sua abordagem, principalmente, no que se refere à nomenclatura MD utilizada tanto para a modalidade oral quanto escrita.

Após breve exposição de alguns trabalhos sobre MDs, chegamos a algumas conclusões fundamentais, apesar da diversidade e da complexidade que envolve o conceito de marcador discursivo: i) consideramos o MD como elemento que opera tanto na organização do discurso quanto na facilitação do seu processamento³⁴, já que torna acessíveis os significados implícitos; ii) engloba o ponto de vista linguístico, operando como articulador do texto no nível intertextual, mas sem, contudo, excluir o interpessoal, operando como organizador da interação no nível interpessoal; iii) embora assumam canonicamente as posições iniciais e finais, os MDs também podem ocorrer nas posições mediais (intraturno); iv) em contextos argumentativos, os MDs retomam anaforicamente o contexto argumentativo anterior, introduzindo também a conclusão (no caso de nosso objeto) a fim de sustentar a posição do falante/escritor, sem deixar de considerar o ouvinte/leitor; v) consideramos a ocorrência do MD tanto na escrita quanto na fala.

³⁴ Entende-se processamento do discurso como o conjunto de atividades linguístico-cognitivas efetuadas pelos interlocutores (falante/escritor e ouvinte/leitor) para (re)construir a significação contextual do discurso (PENHAVEL, 2012, p. 5).

CAPÍTULO III

ESTUDOS SOBRE “ENTÃO”

O objetivo deste capítulo é apresentar os trabalhos considerados mais relevantes no que se refere ao estudo de “então”, a fim de apontar suas contribuições, mas também as lacunas que pretendemos preencher com nossa análise.

Para isso, optamos por apresentar, na seção 3.1, uma revisão bibliográfica, do ponto de vista teórico, de alguns trabalhos como o de Martelotta (1994), Martelotta e Silva (1996), Risso (1996, 2006), Tavares (1999, 2014), Pezatti (2001), Arena (2008), Chiarelli (2011) e Rodrigues (2009). Na sequência, na seção 3.2, apresentamos, comparativamente, os usos encontrados nas referidas obras a fim de evitar a repetição exaustiva dos pontos de interseção entre elas. Por fim, tecemos as considerações finais na seção 3.3.

3.1 Revisão bibliográfica

No domínio dos estudos linguísticos, numerosos são os trabalhos que analisaram o item “então” no PB até o presente momento e, embora haja divergências terminológicas em relação aos seus usos, é inegável a existência de, ao menos, um consenso entre eles: consideram “então” um elemento multifuncional.

Diante de uma vasta e diversificada literatura sobre o assunto, torna-se difícil a tarefa de reunir e relacionar o que cada abordagem tem a acrescentar. Por esse motivo, assume-se como proposta apresentar uma resenha daqueles trabalhos que são considerados, a nosso ver, mais fundamentais para o capítulo de análise, partindo dos usos encontrados pelos autores, relacionando-os entre si, para fundamentar uma nova proposta de análise. Assim sendo, com o objetivo de fazer um levantamento bibliográfico acerca do item “então”, propomos uma revisão dos trabalhos de Martelotta (1994), Martelotta e Silva (1996), Risso (1996, 2006), Tavares (1999, 2014), Pezatti (2001), Arena (2008), Chiarelli (2011) e Rodrigues

(2009) a partir dos usos descritos pelos autores, com base na análise de seus dados.

Embora possa haver alguma divergência oriunda não só dos dados analisados e da abordagem assumida pelos referidos autores, como também pela própria multifuncionalidade inerente ao objeto de análise, é possível afirmar que muitos são os pontos consensuais, em sua maioria, ligados ao uso original do “então” com valor espacial/temporal e sua possível passagem pelo processo de gramaticalização via espaço > (tempo) > texto.

De acordo com Martelotta (1994), os valores temporais e textuais que “então” apresenta hoje podem ser atestados desde o português arcaico (nas formas *emtom*, *entonce* ou *entõce*) e, por esse motivo, é necessário um retorno ao latim para que se possa verificar a sua relação com os dados espaciais, conforme o fizemos no Capítulo II. Retomando, o autor acredita – e nós também – que um elemento com valor adverbial (*tum*), acrescido de uma partícula (*ce*), encontrada em pronomes demonstrativos latinos, tais como *hic(e)* e *illic(e)*, que remete a dados espaciais, seria responsável tanto pela origem do valor espacial, quanto pelo posterior valor anafórico/temporal apresentado por *intunc*.

Seguindo Martelotta (1994), pode-se, então, afirmar que já, no português arcaico, não se encontrava mais o uso original de “então” espacial, uma vez que o item havia sofrido uma expansão em seu uso, assumindo um caráter anafórico temporal, conforme exemplo abaixo, trecho de um texto do século XIII ou XIV, retirado de Nunes (1959, p. 19 *apud* MARTELOTTA, 1994, p. 146):

- (13) – ... e ell foi alaa soo, em çima de seu cauallo, e achou-a em çima de huua pena, e ella lhe disse:
— Filho Enheguez Guerra, vem a mym, ca be sey eu ao que uees.
E ell foy pera ella e ella lhe disse:
— Vees a perguntar como tirarás teu padre da prisão.
Emtom chamou um cauallo que amdaua solto pello monte, que havia nome Pardallo, e chamou-o per seu nome, e ella meteo hua freo no cauallo...

Em sua tese, na qual são analisados os circunstanciadores temporais “ai”, “depois”, “logo”, “então”, “já” e “ainda” e sua ordenação, Martelotta (1994), no que se refere ao circunstanciador “então”, explica a passagem desse circunstanciador a operador argumentativo através de dois processos de mudança semântica: a

metáfora espaço > (tempo) > texto, proposta por Heine *et al.* (1991), e a pressão de informatividade, proposta por Traugott e Heine (1991).

A metáfora espaço > (tempo) > texto explica como um novo sentido é inferível a partir do sentido original, enquanto a pressão por informatividade está diretamente ligada ao contexto conversacional que proporcionará a inferência de um novo uso. No entanto, Martelotta (1994), seguindo Traugott e König (1991, p. 190), defende que tanto a metáfora quanto a pressão de informatividade não são processos excludentes, mas complementares, pois explicam a origem de grande parte dos operadores argumentativos, uma vez que o processo metafórico tende a ocorrer em contextos específicos. No caso de “então”, por exemplo, o uso como operador argumentativo, utilizado para expressar relações lógicas no discurso, teria originado do uso como sequenciador temporal, que, por analogia, assumiu esse sentido a partir do valor espacial inerente à origem latina do vocábulo. Na prática, é como se um determinado contexto fosse responsável pelo despertar de uma nova relação analógica, unindo os dois processos na construção de um novo sentido, o que questionamos, uma vez que “então” já era utilizado em latim para expressar esse tipo de relação, conforme discutido no capítulo anterior.

Martelotta (1994) demonstra, em seus dados, a maleabilidade da noção de circunstância por ser adaptável aos aspectos pragmático-discursivos do ato comunicacional, o que permite uma constante adaptação de uma circunstância temporal a outra, como, por exemplo, a utilização de “então” com valor temporal a partir de seu valor espacial. Entretanto, à medida que um circunstanciador assume novas funções discursivas, ele tende a perder os traços semântico-gramaticais que o organizam no próprio discurso, como sua mobilidade original, tornando-se, assim, mais fixo, caso do uso de “então” como operador argumentativo conclusivo.

No que refere a “então”, os trabalhos de Martelotta (1994) e Martelotta e Silva (1996) classificam os seguintes usos encontrados: anafórico, sequencial, introdutor de informação nova/livre, retomador de assunto, conclusivo, alternativo, intensificador e resumitivo. Conclui, ainda, que esse operador argumentativo, bem como os demais analisados, através do processo de gramaticalização, perde conteúdo semântico, enquanto assumem funções mais pragmáticas e argumentativas.

Os trabalhos de Tavares (1999, 2014) vêm não só para corroborar alguns usos do “então” encontrados em Martelotta (1994) e Martelotta e Silva (1996) como também para deixar sua contribuição no tocante à macrofunção, denominada por ela “sequenciação retroativo-propulsora”³⁵, considerada uma das etapas do processo de gramaticalização tanto de “então” quanto dos demais sequenciadores investigados: “e”, “ai” e “daí”. Tavares (2014) apresenta os resultados de uma pesquisa denominada sociofuncionalista, traçando um estudo comparativo entre dados extraídos do romance *As vinhas da Ira*, do final da primeira metade do século XX, e a fala de Florianópolis do final da segunda metade do século XX³⁶, buscando demonstrar a influência dos fatores sociais e linguísticos que estariam impulsionando a especialização dos itens analisados em sequenciadores.

Embora Tavares (1999, 2014) reconheça a existência de outros usos de “então”, tais como anafórico, intensificador, inferidor, interjectivo, alternativo, preenchedor de pausa, dentre outros possíveis, o foco de sua pesquisa e sua maior contribuição encontram-se no desdobramento da macrofunção “sequenciação retroativo-propulsora” em cinco subfunções, a saber: sequenciação textual, sequenciação temporal, introdução de efeito, retomada e finalização.

Tavares (2014, p. 29) define a sequenciação retroativo-propulsora como “um domínio funcional responsável por marcar a introdução de informações³⁷ no discurso” que “estabelece uma relação coesiva de sequenciação entre enunciados, de modo que o primeiro serve de base para o que será dito no segundo. Baseia-se para isso, no sentido dado por Givón (1984) a “domínio funcional”, referindo-se tanto a áreas funcionais gerais, como tempo, aspecto e modalidade, quanto a áreas mais estritas, como tempo futuro, modo subjuntivo, anáfora, dentre outros. Nesse caso, a sequenciação retroativo-propulsora é um microdomínio em relação à macrofunção articulação geral entre informações, que engloba sequenciação, adversão, concessão, causalidades, dentre outras relações conjuntivas (TAVARES, 2014, p.

³⁵ Risso (2006, p. 453) faz alusão a esse uso.

³⁶ Foram utilizados, para esse período, dados representativos da fala de personagens do romance “As vinhas da Ira”, de John Steinbeck, cuja tradução levou em consideração marcas do dialeto das classes populares do Rio Grande do Sul (TAVARES, 2014, p. 17).

³⁷ A autora entende por informação aquilo que é dito/escrito como fatos/eventos ou argumentos/ideias. Segue Schiffrin (1987, p. 262) ao afirmar que essas unidades apresentam-se linearmente organizadas no discurso, sendo os fatos/eventos ordenados temporalmente tendo em vista o momento em que ocorrem no mundo real, enquanto argumentos/ideias seguem uma ordenação lógica de anterioridade e posterioridade.

34). Nesse contexto, a autora utiliza também o termo “camada” de Hopper (1991) para se referir às camadas dos domínios funcionais, isto é:

[...] formas alternantes de realização existentes em relação de estratificação na mesma etapa histórica de uma língua. Essas formas provavelmente emergiram na gramática em diferentes épocas, somando-se às já existentes no domínio, pois o surgimento de uma nova forma em certa função não acarreta necessariamente o desaparecimento das mais antigas. (TAVARES, 2014, p. 34)

De acordo com o exposto, uma forma inovadora surge condicionada ao seu contexto de uso e coexiste com as demais formas existentes, as quais passam a competir por espaço, podendo vir a sofrer mudança na língua, pela ação de diferentes mecanismos propulsores de ordem estrutural, comunicativa, social ou cognitiva (TAVARES, 2014, p. 34).

O domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora seria responsável por manter, do ponto de vista do falante, a coerência na linha de raciocínio e, do ponto de vista do ouvinte, direcionar a atenção tanto para informações apresentadas quanto para o que será dito, mantendo a sequencialidade do que é dito. Mantém ainda a coesão textual através da retomada anafórica e da introdução catafórica³⁸ dos elementos que têm como escopo um movimento simultâneo retroativo-propulsor.

Como forma material da sequenciação, Tavares (2014, p. 29) apresenta “um conector sequenciador que interliga nacos do discurso, tecendo partes de proporções variadas, desde informações interligadas localmente em orações a tópicos/assuntos conectados globalmente”.

Como se pode depreender de sua proposta, há, implicitamente, a assunção da correspondência de uma forma a uma determinada função. No entanto, as cinco subfunções apresentadas para a macrofunção “sequenciação retroativo-propulsora” são apresentadas como nuanças³⁹ da macrofunção e os usos de “e”, “ai”, “daí” e

³⁸ Esse movimento anafórico e catafórico, em Tavares (2014), equivale ao movimento retroativo-propulsor realizado pelos sequenciadores.

³⁹ A autora define nuanças da sequenciação como efeitos contextuais que podem ser atingidos através de indícios *online*, ou seja, a partir do que foi dito anteriormente, o que se seguiu, inferências e implicaturas que ocorrem no momento da interação (TAVARES, 2014, p. 43).

“então” como camadas ou variantes⁴⁰, o que diferencia esse estudo de nossa pesquisa, que apresentará, no capítulo de análise, uma proposta de distribuição dos usos de construções com “então” em uma rede hierarquicamente organizada.

Embora a referida autora tenha agrupado os usos do “então” como sequenciador retroativo-propulsor e proposto uma sistematização dos dados, agrupando-os em cinco subfunções, elas não representam em si uma novidade em relação às classificações apresentadas por outros pesquisadores do assunto, mas torna-se uma obra de referência pela pesquisa detalhada em busca de um maior entendimento sobre o mecanismo de sequenciação retroativo-propulsor como um todo.

Risso (2002, 2006) se dedica ao estudo de “então”, dentre outros objetos, investigando o contínuo entre o advérbio, no âmbito da frase, e o articulador, no âmbito das relações textuais. Pelo fato de seu interesse recair, em primeiro plano, sobre os traços definidores dos marcadores discursivos⁴¹, seu trabalho enfatiza as funções de “então” ligadas ao nível das relações textual-interativas, isto é, funções ligadas à articulação textual, às relações interpessoais e à operacionalidade argumentativa, atribuindo a ele a denominação geral de “marcador discursivo”. Risso (2006) aponta para a ancoragem de “então” em uma instância preliminar do discurso, a partir da qual se depreende a sucessão das informações subsequentes, realizando a coesão entre partes do texto, de modo semelhante ao que ocorre nos segmentos da frase.

Sua grande contribuição está, pois, na descrição dos usos de “então”, agrupando-os conforme seu funcionamento na coesão, seja no plano frasal, seja no plano textual-interativo, demonstrando um contínuo entre seus usos.

Arena (2008) apresenta um estudo panorâmico acerca da multifuncionalidade e da polissemia do “então”, analisando as ocorrências do item em textos escritos, relacionando as funções desempenhadas por ele às sequências tipológicas narrativa, descritiva, explicativa/expositiva, argumentativa e injuntiva/instrucional. A referida autora constatou que o caráter polissêmico e multifuncional de “então” remonta ao português arcaico, como Martelotta (1994) também havia afirmado, e mantém até o português moderno os seguintes valores sintático-semânticos:

⁴⁰ O termo camada liga-se aos estudos de gramaticalização, enquanto *variantes*, à teoria variacionista.

⁴¹ Referência a Risso *et al.* (1996).

advérbio, sequenciador, conector lógico e operador argumentativo, podendo ocorrer, também, o que chamou de “casos imbricados”, com mescla de valores. A inserção de alguns usos no que a autora chamou “casos imbricados” demonstra a dificuldade de categorização do “então” devido à multifuncionalidade e polissemia apresentada por ele nas diversas sequências tipológicas ao longo do tempo. A autora ainda enfatiza que, mesmo na forma canônica, é “praticamente impossível reconhecer um só valor sintático-semântico para o então” (ARENA, 2008, p. 127), confirmando o estatuto de categoria linguística não discreta de “então” e reforçando a importância dos estudos funcionalistas nesses contextos de análise. Vejamos o exemplo abaixo:

- (14) Quando o príncipe trouxe à memória o muito e bom pão de casa de seu pai, **então** começou a aborrecer a miséria das cascas dos animais de que vivia. (Nova Floresta, Manuel Bernardes, século XVIII *apud* ARENA, 2008, p. 95)

Nesse trecho, seguindo Arena (2008), o “então” traz consigo tanto o valor temporal quanto o de conector frasal. É usado indicando tempo à medida que poderia substituir a oração adverbial temporal anterior (“Quando o príncipe trouxe à memória o muito e bom pão de casa de seu pai”), retomando-a anaforicamente. No entanto, a relação de causa e efeito é tão clara entre a primeira oração e a introduzida pelo “então” que ele poderia ser perfeitamente interpretado como o que ela chamou de conector lógico. Esse exemplo é, pois, considerado um caso imbricado por apresentar essa dupla possibilidade de interpretação e o “então” assumir um acúmulo de funções.

Após levantamento da frequência dos usos ao longo de oito séculos, Arena (2008) afirma haver indícios de um processo de gramaticalização na seguinte direção: advérbio > sequenciador > conector lógico > operador argumentativo. Além disso, a autora chegou à conclusão de que os usos como advérbio e como sequenciador foram mais utilizados em contextos narrativos, enquanto os usos como conector lógico e operador argumentativo foram mais frequentes em contextos argumentativos. Com isso, pode-se dizer que os resultados obtidos por ela corroboram os de Martelotta (1994), no que diz respeito ao fato de estarem envolvidos dois processos aparentemente excludentes na gramaticalização de “então”: a unidirecionalidade metafórica e a inferência por pressão de informatividade. Seu trabalho, entretanto, apresenta um ganho ao subespecificar a

unidirecionalidade espaço > (tempo) > texto, defendida por Martelotta (1994) e Martelotta e Silva (1996), em advérbio > sequenciador > conector lógico > operador argumentativo, tornando-a mais evidente, e ao relacionar esses usos aos contextos das sequências tipológicas.⁴²

O trabalho de Chiarelli (2011) utiliza como embasamento todos os demais trabalhos até agora revisados sobre o “então”, acrescentando-lhes o estudo sobre o funcionamento do “então” na Tradição Discursiva⁴³ *carta* nos séculos XIX, XX e XXI, bem como em amostra de fala do português paulista a partir de uma subamostra do Banco de Dados IBORUNA⁴⁴, enfocando os seus usos juntivos.

Chiarelli (2011) adota um modelo de junção baseado em Raible (2001) e Halliday (1985), segundo o qual é considerado um juntor o item que estabelece um vínculo sintático-semântico entre quaisquer partes do texto, independentemente do seu tamanho.

Além disso, com base em Quirk *et al.* (1972) e Pezatti (2001), Chiarelli (2011) utiliza o critério da prototipicidade, elegendo como parâmetros fundamentais para a classificação de uma conjunção coordenativa prototípica: “não apresentar mobilidade na sentença; ser restrito à posição inicial; não poder ser precedido de outra conjunção e não poder inverter as sentenças” (CHIARELLI, 2011, p. 35).

Assim sendo, ao focar, em sua pesquisa, os usos do “então” como juntor, mais ou menos prototípico, a autora está se referindo aos seus usos como articulador de qualquer porção textual, seja no plano da oração, do texto ou até mesmo do discurso, entre os quais haveria um contínuo. Com relação à existência desse contínuo que vai do nível da sentença ao textual-interativo, concorda com Risso (2006), divergindo, porém, à medida que esta considera “então” um conector sentencial no caso de articulação no nível da sentença e um MD no nível textual, enquanto aquela o considera um juntor nos dois casos. Para Chiarelli (2011), o processo de gramaticalização de “então” envolve duas possíveis escalas de

⁴² Embora nosso trabalho não contemple as sequências tipológicas de maneira rigorosa, acreditamos, como Arena (2008), que elas estejam envolvidas diretamente com as construções com “então”.

⁴³ A autora segue a proposta segundo a qual uma Tradição Discursiva (TD) seria “a repetição de uma maneira particular de dizer ou escrever que adquire valor de signo” (KABATEK, 2006 *apud* CHIARELLI, 2011, p. 61). Uma TD vai desde uma fórmula simples, como “bom dia”, até uma forma complexa, como uma carta, considerada como uma forma convencionalizada de se escrever, a qual engloba outras TDs, tais como as cartas pessoais e as cartas de leitores e redatores, ou seja, muda de acordo com a sua finalidade social.

⁴⁴ Constituído pelo Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (GONÇALVES, 2008 *apud* CHIARELLI, 2011).

mudança, a saber, *não junção > junção* e *junção > não junção*, embora não tenha apresentado resultados comprobatórios desta última escala. Além dessa nova perspectiva, seu trabalho apresenta como contribuição a demonstração da importância dos contextos linguísticos que levaram à mudança *tempo > conclusão*.

Como podemos perceber, as pesquisas de cunho funcionalista tendem a tratar, diacronicamente, a passagem do item “então” com função temporal para a função textual através de um contínuo unidirecional da mudança. No entanto, a pesquisa de Rodrigues (2009) lança um novo olhar para a trajetória de gramaticalização de “então”. Partindo do uso canônico como circunstanciador temporal, considerado o uso mais prototípico, a autora investiga seus usos (e também os de “agora”) em quatro sincronias – latina, arcaica, clássica e moderna –, utilizando como *corpora* textos predominantemente narrativos. Os resultados encontrados pela autora estão apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1 - Ocorrências de então conforme a sincronia (adaptado⁴⁵ de RODRIGUES, 2009, p. 80)

Funções	Corpus	Sincronia Latina	Sincronia Arcaica	Sincronia Clássica	Sincronia Moderna	Total
[+ prototípicos]	Romance	11	431	16	35	493
	Teatro	2	7	2	12	23
[- prototípicos]	Romance	13	538	7	48	606
	Teatro	12	10	4	34	60
Total		38	986	29	129	1182

Os usos [+ prototípicos] estão relacionados aos traços básicos [+ escopo verbal], [+ mobilidade] e [+ referência temporal], enquanto os [- prototípicos] reúnem os traços [+ escopo clausal], [+ fixidez], [+ conexão] e [+ marcação discursiva].

O que se esperaria, seguindo a linha de raciocínio da unidirecionalidade *tempo > texto*, é que fossem encontrados os usos [+ prototípicos] nas sincronias pretéritas e um crescente aumento dos usos [- prototípicos] nas sincronias mais recentes. No entanto, como se pode averiguar na tabela 1, os usos [- prototípicos] de “então”, ou seja, como conectores e marcadores discursivos, são mais frequentes do que seus usos [+ prototípicos], isto é, como circunstanciador temporal. Estes perfazem um total de 666 ocorrências, representando 56,35% do total de 1182 ocorrências nas quatro sincronias, enquanto aqueles representam 43,65%, ou 516

⁴⁵ Foram retirados do quadro de RODRIGUES (2009, p. 80) os usos relativos a “agora” a fim de tornar mais objetiva a sua visualização.

ocorrências, do mesmo total. Analisando cada sincronia separadamente, os usos [-prototípicos] só aparecem em menor quantidade na sincronia clássica.

De acordo com Rodrigues (2009), conclui-se que os compêndios gramaticais têm apresentado uma caracterização incompleta de “então” como advérbio de tempo, uma vez que seu uso como conector é tão ou mais frequente que o uso como circunstanciador nas sincronias e *corpora* analisados. A autora aponta os contextos analisados (peças de teatro e romances) como propiciadores dos usos com funções mais discursivas, por apresentarem uma certa informalidade e um caráter dialógico, embora sejam textos escritos, o que demonstraria que a trajetória *tempo > texto* ocorre a cada sincronia levantada, ou seja, sincronicamente, e não diacronicamente, como tem apontado os estudos apresentados até o momento. Embora sincrônico, para a autora, o processo continua sendo unidirecional e é motivado pelos contextos de uso nos quais ocorrem os usos de “então”.

Utilizamos essas conclusões a que Rodrigues (2009) chega em sua pesquisa para advogarmos pela possibilidade de trabalhos como o nosso, que apresenta um mapeamento das construções com “então” na sincronia presente e que contemple, também, a oralidade, *locus* em que se acredita encontrar seus usos mais recentes e mais discursivos.

Até este ponto, expusemos as contribuições de cada trabalho sem, contudo, exemplificar os usos descritos. Portanto, a fim de encontrarmos uma forma mais amena de elucidar comparativamente os usos do “então” mais recorrentes nas obras resenhadas, trazemos a seguir uma subseção apresentando-os, partindo sempre do trabalho pioneiro de Martelotta (1994), comparando-o com as demais obras aqui utilizadas como referência.

3.1.1. Usos descritos nas obras de referência

Para que se tenha uma visão panorâmica sobre as propostas dos autores resenhados, utilizaremos um quadro comparativo simplificado, no qual estão alinhados, pelas convergências e divergências, os usos de “então” encontrados por eles:

Quadro 4 - Nomenclatura utilizada pelos autores para os principais usos de “então”

MARTELOTTA (1994) Martelotta e Silva (1996)	TAVARES (1999, 2014)	RISSO (2002, 2006)	ARENA (2008)	RODRIGUES (2009)	CHIARELLI (2011)
Anafórico	Anafórico temporal	Indicação temporal e remissão anafórica	Advérbio	Tempo	Anafórico temporal
Sequencial	Sequenciação temporal	Sequencialidade temporal	Sequenciador	Sequenciador	Sequenciador temporal
Introdutor de informações livres	Sequenciador textual	Encaminhamento de tópico			Sequenciador textual
Retomando assunto	Retomada	Retomada tópica após inserção		Retomador	Retomador
Conclusivo	Introdução de efeito	Relação lógico-semântica	Conector lógico	Conclusivo	Conclusivo
Alternativo	*Alternativo	Expressão de contraste entre alternativas excludentes	Incluído no conector lógico		
Intensificador	*Intensificador				
Resumitivo	Finalizador	Fecho de tópico	Operador argumentativo (conclusão no nível do modus)		
	*Inferidor				
	*Interjectiva				
				Introdutor de tópico	

3.1.1.1. Anafórico temporal

O valor anafórico temporal descrito por Martelotta⁴⁶ (1994) e Martelotta e Silva (1996) diz respeito a uma alusão anafórica a um momento mencionado previamente, equivalendo a “naquela época”, como se confere no exemplo abaixo:

- (15) “... eu acho que isso é um elemento muito importante... porque a televisão tem um alcance popular magnífico... começa a ouvir... a tomar conhecimento de informações as quais até **então** não tinha acesso... por quê? por falta de condições ou por falta de quem levasse essas informações a ela.... ou a elas...” (MARTELOTTA; SILVA, 1996, p. 125)

⁴⁶ Embora Martelotta (1994) não tenha encontrado em seus dados o uso anafórico temporal, ele o reconhece e descreve como oriundo do *tum* latino, dele advindo o valor sequencial de base temporal (p. 158).

Esse termo anafórico temporal também é citado por Tavares (1999), que o utiliza para as conexões temporais entre eventos internos ao discurso, ou seja, eventos com localização temporal, distinguindo-o do uso anafórico discursivo que, segundo a autora, aponta para situações narradas pelo falante ou opiniões emitidas por ele. Para Tavares (1999), o anafórico discursivo orienta o leitor para partes do discurso que não podem ser identificáveis pontualmente e destaca, ainda, a preferência em utilizar o termo anafórico discursivo em detrimento a dêitico discursivo, como o faz Marcuschi (1997 *apud* TAVARES, 1999, p.13), por considerar dêiticos apenas aqueles itens que indiquem um apontamento para o mundo externo, seja em relação ao lugar, seja em relação ao tempo.

Embora não utilize o nome anafórico temporal, Risso (2006) afirma ser o traço semântico de indicação temporal, ligado a uma remissão anafórica que mantém a característica do “então” adverbial, convergindo com a ideia de retomada de um tempo anterior ao momento da enunciação. Arena (2008), seguindo Risso (1996), utiliza a denominação de advérbio, estipulando o seu uso com sentido anafórico como canônico, por analisar os demais usos a partir dele. Acrescenta, ainda, que, em seus dados, esse uso está predominantemente vinculado à sequência tipológica narrativa, podendo representar, inclusive, eventos simultâneos, apresentando também uma mobilidade sintática. E, por fim, é relevante ressaltar que, segundo Arena (2008), tanto a anaforicidade, quanto o valor temporal e também a mobilidade são traços de “então” que poderão estar presentes, em maior ou menor grau, mesmo em seus usos mais gramaticalizados.

3.1.1.2. Sequenciador

O “então” sequencial é descrito por Martelotta (1994) como um elemento que opera na sequenciação de eventos, podendo ocorrer em contextos narrativos ou não. A noção de tempo presente neste uso está relacionada ao momento em que um evento se inicia em relação a outro mencionado anteriormente, os quais se encontram interligados por “então”. Semanticamente, equivale a “neste momento” e, de acordo com o autor, seria proveniente do uso anafórico por pressão de informatividade, uma vez que mantém uma referência anafórica ao momento de

conclusão do evento anterior. Vejamos os exemplos utilizados em Martelotta (1994, p. 148 e 149):

(16) I: ... procura-se a laranjeira que se quer fazer o enxerto... encontrase, nessa laranjeira, um galho que tenha a mesma grossura... do que vai servir de cavalo, quer dizer do que vai surgir dali. **Então**, num ponto onde há um olho, onde vai sair um broto, tira-se ali a casca num pequeno retângulo... Depois levanta-se a casca que está sendo enxertada e coloca-se a outra...

(17) I: O meu pai chegou em mil novecento e vinte e nove, ele tinha dezoito ano, certo? O meu pai, **então**, ele foi trabalhar, é, vendendo jornal nos trem lá em São Paulo junto com uns italianos...

O exemplo (16) é um exemplo típico de uma enumeração de procedimentos, no caso, para se fazer um enxerto. Nesse caso, pode-se afirmar que o “então” não faz alusão a um momento específico na linha do tempo, mas ao exato momento em que um evento termina e outro inicia, podendo, inclusive, ser parafraseado por “neste momento”.

O exemplo (17) é apresentado pelo autor como o contexto que teria levado à mudança do uso anafórico > sequencial, via pressão de informatividade⁴⁷, uma vez que o “então”, além de sequencializar dois eventos (a chegada do pai e seu posterior trabalho vendendo jornal), também faz referência ao ano de 1929, data em que o pai chegou. Martelotta (1994), assim, admite a multifuncionalidade do “então” que, ao passar a expressar sequencialidade, mantém a característica anafórica de seu uso anterior.

Tavares (2014) também inclui esse padrão de uso de “então” dentro da macrofunção retroativo-propulsora, afirmando que, apesar de haver um encadeamento das informações relacionando-as na ordem de ocorrência dos acontecimentos no mundo, ou seja, de forma icônica, não deixa de existir também uma ordenação discursiva, que se encontra presente em todas as subfunções da macrofunção sequenciação retroativo-propulsora. Esse uso também é contemplado por Rodrigues (2009), segundo a qual “então” estabelece o elo de conexão com as ações posteriores na evolução dos fatos e possui como escopo não mais o verbo, mas todo o enunciado.

⁴⁷ Nos moldes de Traugott e König (1991, p. 194), o que será discutido no capítulo de análise. Novos sentidos de “então” poderão ser inferidos, levando ao surgimento de novos usos a partir da convencionalização.

3.1.1.3. Sequenciador textual

Martelotta (1994) denomina “introdutor de informação nova” o uso de “então” responsável pela sequenciação textual, ou seja, é aquele que, embora mantenha o valor sequencial, já não apresenta mais o valor temporal. A sequencialidade aqui se refere à sequência de informações que são apresentadas, na qual o então introduz uma nova informação que é acrescentada no discurso em curso, podendo ser parafraseado por “dando sequência”, “continuando”.

Vejamos o exemplo abaixo:

- (18) “...o meu pai não... o meu pai já é uma pessoa... ah... ele... já... pessoa muito fechada... e... triste... porque a juventude dele... a criação dele... foi uma coisa... foi uma coisa... como é que eu vou dizer?... eh... ele foi criado... os pais dele por um clima de autoritarismo... entendeu?... meu avô era autoritário... ele não via a justiça... sabe? entendeu? ele foi criado no Norte... no interior... **então** aque/ as pessoas do interior geralmente têm a mente fechada... entendeu? são pessoas do tipo... entre aspas... ignorantes... né?...” (MARTELOTTA e SILVA, 1996, p. 129)

Nessa sequência de um relato de opinião, o “então” cumpre a função de introduzir uma informação nova em relação ao que vinha sendo relatado, não havendo, no entanto, nenhuma ideia de sequencialidade temporal, nem relação lógica entre as partes interligadas por ele.

Risso (2006) também descreve esse uso de “então”, afirmando ser ele responsável pela progressão tópica, na medida em que apresenta, linearmente, várias porções informacionais dentro de um mesmo tópico. Esse uso opera no encadeamento dos segmentos tópicos com frouxos elos de dependência entre eles.

3.1.1.4. Retomador

O uso chamado por Martelotta (1994) de “então retomando assunto” seria, segundo o autor, também oriundo do “então” sequencial por pressão de informatividade, apresentando como função um redirecionamento do assunto interrompido no curso da fala, conforme os exemplos abaixo:

(19) I: ... com treze anos, eu comecei a trabalhar na obra com meu pai. Comecei a ajudar meu pai. Pintava um parede, pintava isso, pintava aquilo. Eu sei até assentar tijolo, botar cerâmica, essas coisas assim dentro duma casa eu sei fazer. Trocar um cano d'água, ver um fio, fazer instalação, colocar uma bucha na parede. Isso tudo eu sei fazer dentro duma casa. Tudo eu faço, certo? Mas, **então**, com meu pai não dava muito certo, porque meu pai era uma pessoa muito boa, muito bacana, mas filho com pai, geralmente, na profissão nunca dá certo.

(20) I: ... Afinal, deu um ataque de bobagem e fizeram a porcaria do Fundão. E eles atribuíram o problema ao fato de que... sabe, quer dizer... ele dizia que ele não estava errado em planejar a Universidade na Ilha do Fundão; errado foi fazer a Avenida Brasil e... toda a industrialização do Rio naquele local. Mas o Fundão é um absurdo, não é? O Fundão é um negócio inacreditável. Eu andei dando umas aulas no Fundão em janeiro e fevereiro, que me perguntaram num programa da COPE. Vocês conhecem o COPE?

E: Hum, hum.

I: **Então**, eu dava aulas lá de direito para engenheiro... mas eu nunca imaginei que o Fundão pudesse ser uma calamidade... (MARTELOTTA, 1994, p. 153).

No exemplo (19), o falante inicia sua narrativa informando que havia começado a trabalhar na obra com seu pai. Entretanto, ele mesmo introduz uma série de informações antes de retomar com o “então” o que ele falaria sobre o trabalho com o pai.

O exemplo (20) é retomado por Martelotta e Silva (1996), que enfatizam a preocupação que o falante tem no que diz respeito à expectativa do ouvinte. Nesse caso, o então retomador dá continuidade à sequência interrompida, mas também apresenta a função interpessoal de sinalizar para o ouvinte o redirecionamento do fluxo interrompido.

Dentre os autores elencados no quadro comparativo, apenas Arena (2008) não descreveu esse uso. E parece haver um consenso com relação à sua função de retomada. Risso (2006) acrescenta que esse marcador discursivo não retoma anaforicamente a porção textual imediatamente anterior, mas uma sequência textual anterior, suspensa temporariamente por material interveniente, sinalizando ao seu interlocutor essa retomada.

3.1.1.5. Conclusivo

O uso conclusivo seria, de acordo com Martelotta (1994), o terceiro e último uso derivado do “então” sequencial e teria dado origem aos usos alternativo e intensificador. Observemos:

(21) I: Não, não tem prejudicado em nada. Pelo contrário, essa crise de gasolina até está melhor, porque o preço do carro aumentou muito. **Então**, ninguém está querendo comprar carro novo, está querendo reformar. (MARTELOTTA, 1994, p. 154)

O “então” estabelece uma relação de causa e consequência entre as porções textuais sequenciadas por ele: nesse caso, o fato de o preço do carro ter aumentado é a causa para o fato de ninguém estar querendo comprar um carro novo. Para Martelotta (1994), esse uso teria sofrido gramaticalização através dos mecanismos de pressão de informatividade e da metáfora espaço > (tempo) > texto⁴⁸, ou seja, por analogia, um elemento que indica uma sequência no tempo passa a representar uma noção no texto de anterioridade e posterioridade, através de uma relação de causa e consequência, motivada por determinados contextos.

Rodrigues (2009) associa o uso conclusivo de “então” à função de conexão, que, embora não seja totalmente discursiva, não apresenta mais os traços prototípicos desse advérbio, como referência temporal, mobilidade, escopo verbal e circunstanciação.

Tavares (2014) atribui a esse uso de “então” o nome de “introdutor de efeito” e inclui entre as informações introduzidas por ele as que representam consequência, conclusão, efeito ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente. O mesmo faz Risso (2006) ao incluir as relações lógico-semânticas de decorrência, conclusão ou resultado no rol das relações estabelecidas por “então” concluidor na esfera da implicatividade entre duas proposições. Embora reconheça nuances semânticas nas relações estabelecida por esse uso, não chega a separá-los.

Por outro lado, Arena (2008) estabelece a nomenclatura “conector lógico” para usos do “então” ligados ao estabelecimento de relações lógicas de causa/consequência, condicionalidade e alternância, no nível do *dictum*, ou seja, das relações factuais, podendo aparecer correlacionado com a conjunção “se” e “ou”.

3.1.1.6. Alternativo

Incluído por Arena (2008) nos usos como conector lógico, o caso do “então” com valor alternativo é aquele em que o item aparece acompanhado da conjunção “ou”:

⁴⁸Referência a Heine *et alii* (1991, p. 182).

(22) I: ... tinha o café, que era o meio de vida... mas eles tinham tudo o mais: eles plantavam a cana para produzir o melado ou açúcar, eles plantavam a verdura para o consumo ou para os porcos, não é? Tinha também o... uma pequena quantidade de gado, para abastecer a fazenda de carne **ou então** de leite, não é? (MARTELOTTA, 1994, p. 155).

Segundo Martelotta (1994), esse uso como operador argumentativo é derivado também por pressão de informatividade do “então” conclusivo e não perde sua característica conclusiva, apenas se manifestando de maneira alternativa. No exemplo acima, se a fazenda não for de carne, conseqüentemente será de leite. Como podemos perceber, existe uma falta de consenso terminológico: enquanto Arena (2008) inclui a alternância no conjunto do que denomina conexão lógica, Martelotta (1994) a insere no grupo dos operadores argumentativos. Em nossa análise, contudo, seguimos aquela por considerarmos a conexão entre relações lógicas função básica do subesquema 2, no qual esse padrão construcional (microconstrução 2.2.4) está inserido.

3.1.1.7. Intensificador

O “então” intensificador pode ser parafraseado, de acordo com Martelotta (1994), por “ainda mais”. E sua função consistiria, nesse caso, em intensificar o antecedente apresentado.

(23) I: Olha aqui: eu vejo... eu acho que as lojas de homens são lindíssimas. A gente encontra até coisa mais bonita em homem que em... Então agora com o unique sex, **então**, está apara mim. Porque às vezes a gente quer comprar um blazer, que não encontra na loja de mulher, vai na loja de homem e encontra. (MARTELOTTA, 1994, p. 156).

Nesse exemplo, o “então” intensifica o antecedente “unique sex”, apresentando-o como uma opção ainda melhor em relação às “lojas de homens que já eram lindíssimas, ou seja, se a situação já era boa, conseqüentemente, ficará melhor com a “unique sex”. Como se pode notar, o valor conclusivo ainda se configura na leitura do trecho. Martelotta (1994) ressalta ainda que esse valor intensificador advém de *tum* (*in+tunc*, em latim), que já apresentava valor intensificador, segundo Faria (1975 *apud* MARTELOTTA, 1994, p. 156).

Martelotta e Silva (1996) sugerem parafraseá-lo por “principalmente” e indicam haver a intensificação de um elemento em comparação com outros. A loja “unique sex” está sendo comparada às demais lojas de homens existentes. Além desses autores, apenas Tavares (1999) elenca esse uso em que, segundo ela, ressalta uma informação sobre o elemento que possui como escopo, em relação a outros elementos, sendo, por isso, considerado um modificador de seu antecedente.

Para Martelotta (1994), esse valor de “então” seria oriundo de alguns contextos em que se pode inferir um valor intensificador da sentença conclusiva, havendo, portanto, gramaticalização por pressão de informatividade, nos termos de Traugott e König (1991 *apud* MARTELOTTA, 1994, p. 157).

3.1.1.8. Resumitivo

Martelotta e Silva (1996, p. 128) acrescentam aos usos descritos no trabalho de Martelotta (1994) aquele que denominaram “então resumitivo”:

- (24) “... o que a gente vê nas universidades... por exemplo... na UERJ o pátio cheio de carros lindos... novos... o que nos descreve a situação... a seguinte... que... a universidade é pública... mas quem frequênta são pessoas que têm capacidade de... pagar uma universidade... cara... né? particular e cara que... que existe por aí... é as pessoas que têm... sempre tiveram aquela dificuldade quando vão pra universidade não consegue... não tem a mesma condição de passar... por uma universidade pública como outra... né? acabam indo forçosamente tendo que estudar numa universidade particular... isso mais uma vez para botar pra frente toda a... vontade de estudar... toda a... né? vontade de crescer na vida... e ser uma pessoa melhor... do que os seus antepassados... né? pais e mães... e tentar sair... evoluir um pouco mais daquela vida que sempre teve... vida de pobreza... vida de bairro pobre e tentar dar uma vida melhor pros filhos dessa pessoa... conhecer pessoas novas... e... é o que acontece essas pessoas vão... tem essas dificuldades... de passar por uma escola pública... porque não tem as mesmas armas que tem a pessoa que estuda numa escola particular e **então**... esse é o grande problema da educação do país...”

No exemplo (24), o “então” é utilizado para introduzir uma frase que resume o que havia sido dito sobre os problemas da educação, ou seja, uma frase que resume a ideia defendida, concluindo-a.

A partir desse uso, como veremos, as divergências entre os trabalhos utilizados como referência aumentam consideravelmente, tanto na nomenclatura, quanto na descrição do que seria considerado como padrão de uso. Por exemplo,

Tavares (1999, 2014) denomina esse uso como “finalizador”, responsável por marcar o final de um tópico ou subtópico. Embora a autora o relacione à presença de elementos anafóricos como “isso, essa, assim etc.” que sinalizam a intenção do falante em encerrar o tópico, também afirma que o mesmo pode “manifestar a ideia de conclusão (como introdutor de efeito)” (TAVARES, 1999, p. 20), o que demonstra, a nosso ver, uma certa confusão terminológica, já que a autora apresenta o uso como introdutor de efeito separadamente. Vejamos o exemplo apresentado:

(25) Eu, por exemplo, tinha uma senhora de uns setenta anos que comprava comigo, era minha cliente. Não comprava com outra pessoa a não ser comigo. Ela acostumou. (...) Pessoa de idade é assim: ela gosta duma pessoa, e se pega a firmeza naquela pessoa, ela- **Então** o comércio era assim. (NL/FL P04:985 *apud* TAVARES, 2014, p. 49)

A partir do exemplo acima, fica claro se tratar de um uso muito próximo do resumitivo descrito por Martelotta e Silva (1996), que também apresenta a presença de um elemento anafórico (“esse”).

Sob a denominação de “fecho de tópico”, Risso (2006) descreve esse uso de “então” como responsável por endossar um ponto de vista exposto anteriormente, representando relação de dependência entre argumentos, associada ao âmbito da conclusão, efeito ou resultado. Nesse caso, “então” é considerado um marcador discursivo, e não um conector, como para Tavares (2006), o que demonstra também uma variação de nomenclatura, embora seja o mesmo uso.

Por outro lado, Arena (2008) apresenta um uso de “então” denominado “operador argumentativo”, o que poderia aproximá-lo do resumitivo de Martelotta e Silva (1996), assim também considerado, que representa uma conclusão no nível do *modus*, isto é, de uma relação de conclusão ou inferência do falante. Sob esse aspecto, esse uso se aproximaria dos apresentados acima, uma vez que, tanto no exemplo (24) quanto no exemplo (25), temos uma conclusão do falante, no nível do *modus*. No entanto, a partir dessa consideração, vários são os problemas que surgem.

Primeiramente, ao aplicarmos essa distinção entre conclusão no nível do *dictum* e do *modus* utilizada por Arena (2008) aos exemplos de Tavares (2014), verificamos a não equivalência terminológica deste trabalho com aquele. Vejamos:

(26) É como se tivesse sempre alguém vigiando a pessoa. Não tens liberdade. **Então** é melhor viver sem o vício, né? (DA/FLP17:1360 *apud* TAVARES, 2014, p. 46)

Apesar de não termos o contexto de produção do exemplo (26) para verificarmos se se trata de um segmento argumentativo em fecho de tópico, podemos afirmar que se trata de uma conclusão no nível do *modus* por expressar o ponto de vista do falante, o que aproximaria esse exemplo do uso que Arena (2008) convencionou chamar “operador argumentativo”.

Além disso, Arena (2008) inclui sob essa denominação um uso em que “então” retoma uma conclusão já apresentada anteriormente, em uma espécie de raciocínio circular, ratificando o que já havia sido concluído, em uma relação argumentativa. Além desse, a autora inclui outros usos considerados argumentativos por expressarem uma conclusão no nível do *modus*, os quais não apresentaremos aqui por considerarmos, assim como a conclusão por circularidade, se tratar de usos diferentes do resumitivo em questão. Em nossa análise, apresentaremos uma proposta diferenciada de categorização desses diferentes usos, subdividindo-os por similaridades e particularidades que demonstrarão estarmos diante de microconstruções diferentes da língua. Isso só será possível por não tratarmos, como a autora, esses casos a partir da perspectiva da multifuncionalidade e polissemia do item “então”.

Além dos usos aqui elencados, encontramos outros como enfatizador, inferior, interjectivo, dentre outros, mencionados, mas não sistematicamente descritos. A maioria dos trabalhos apresentados trata da trajetória *advérbio > conjunção* (sob essa ou outra denominação), não abrangendo os usos mais recentes de “então”, apresentando, sobretudo, sua contribuição para o entendimento dos usos elencados no quadro 4. No entanto, parece-nos claro que todos veem esses usos sob a perspectiva da multifuncionalidade e da unidirecionalidade, conceitos que acreditamos carecerem de uma revisão à luz da abordagem da construcionalização, com o que pretendemos contribuir ao propormos uma organização das construções com “então” em níveis de esquematicidade, na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), no capítulo de análise.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo visa a apresentar os procedimentos metodológicos norteadores desta pesquisa. Para isso, julgamos necessário: na seção 4.1, apresentar o *corpus* com o qual trabalhamos ao longo desta pesquisa, indicando como ele foi constituído e apontando as convenções adotadas na transcrição dos dados de oralidade; na seção 4.2, focar no método adotado em nossa proposta de análise sincrônica das construções com “então”, advogando a favor da utilização do método misto, isto é, do equacionamento do método qualitativo e do método quantitativo, a fim de alcançar os objetivos propostos neste trabalho; e, por fim, na seção 4.3, descrever os procedimentos de análise de dados que norteiam a leitura do Capítulo V.

4.1 O *corpus* constituído

Para a presente pesquisa foi constituído um *corpus* sincrônico composto por duas modalidades da língua: escrita e oral. A modalidade escrita contém textos retirados da *internet*, do ano de 2014⁴⁹, distribuídos em diferentes níveis de formalidade, conforme o fez Félix de Oliveira (2012)⁵⁰. Seguimos parcialmente a metodologia utilizada na constituição do *corpus* sincrônico pela referida autora, que utilizou textos retirados da internet, totalizando 900 mil palavras, divididas em três níveis de formalidade, a saber: o nível de formalidade 1 contém textos retirados de *blogs*; o nível de formalidade 2 é composto por textos de revistas informais, como “Ana Maria” e “Marie Claire”; e o nível de formalidade 3 é constituído de textos oriundos de revistas formais, tais como “Exame” e “Veja”.

⁴⁹ Este *corpus* foi constituído em parceria com Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto.

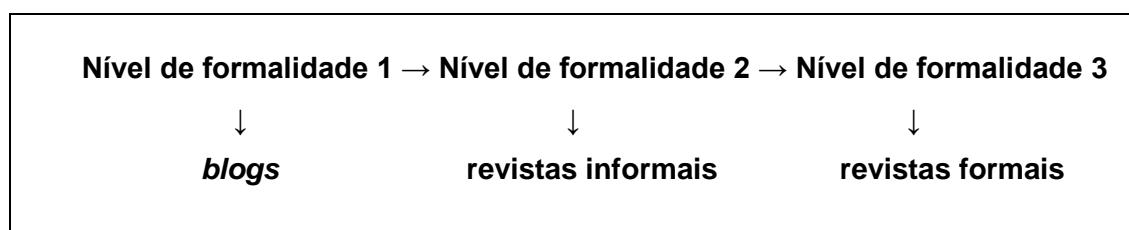
⁵⁰ Félix de Oliveira (2012) constituiu um *corpus* referente ao ano de 2011.

Félix de Oliveira (2012) baseia-se, para a proposição do *continuum* de formalidade, na perspectiva da variação diafásica⁵¹, segundo a qual os falantes mudam seus registros de acordo com a situação comunicativa. Questões como o assunto tratado, o tipo de interlocutor e a relação entre eles, bem como o estado emocional dos mesmos, se refletem na língua. Além disso, o suporte⁵² e sua vinculação aos textos que compõem os níveis de formalidade, segundo a autora, estão relacionados ao modo como cada assunto é abordado, e, conseqüentemente, influenciam a língua.

Assim, textos fixados em *blogs* (nível de formalidade 1) permitem uma maior flexibilidade em sua abordagem, uma vez que tal ambiente virtual possibilita uma linguagem menos policiada e menos padronizada de acordo com critérios formais da escrita. No entanto, a publicação em revistas de circulação nacional e vinculadas a editoras, como é o caso dos outros dois níveis de formalidade analisados, exige uma maior preocupação formal, inclusive, uma preocupação em se evitarem colocações que possam comprometer a credibilidade da revista. Porém, o grau de formalidade entre os dois níveis – nível de formalidade 2 e nível de formalidade 3 – varia devido aos temas/assuntos abordados, como destacado acima. (FÉLIX DE OLIVEIRA, 2012, p. 64)

Vejamos, no quadro abaixo, a esquematização do *continuum* de formalidade que foi proposto por Félix de Oliveira (2012) e no qual nos baseamos neste trabalho:

Quadro 5 - *Continuum* proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o *corpus* sincrônico escrito (reproduzido de FÉLIX DE OLIVEIRA, 2012, p.110)



Além desses critérios relacionados ao nível de formalidade, tomamos como base duas das três diretrizes de Vitral (2006) para a constituição das amostras

⁵¹ A variação diafásica (do grego: *dia* + *phasis*= "através de" + "discurso") é a variação linguística que ocorre na fala de um mesmo indivíduo ocasionada pelas condições extraverbais que cercam o ato de fala (COSERIU, 1980 *apud* FÉLIX DE OLIVEIRA, 2012, p.64).

⁵² Félix de Oliveira (2012) utiliza o termo "suporte" seguindo Marcuschi (2009 [2008], p 174): "lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto".

escritas a fim de não inviabilizar os resultados: i) optar por diferentes gêneros textuais; ii) utilizar *corpora* com o mesmo número de palavras, para que seja possível aferir a frequência de uso das construções analisadas. Assim sendo, em cada nível de formalidade, utilizamos um *corpus* de 300.000 palavras, contendo diferentes registros da língua, tais como entrevistas, guias de viagem, diário, carta, reportagens, tutoriais, dentre outros gêneros textuais, totalizando 900.000 palavras, conforme quadro abaixo:

Quadro 6 - Total de número de palavras analisadas por *corpus* escrito

Corpus escrito 2014	
Nível de formalidade	Número de palavras analisadas
Nível de formalidade 1 (<i>Blogs</i>)	300.000
Nível de formalidade 2 (Revistas informais)	300.000
Nível de formalidade 3 (Revistas formais)	300.000

Conforme podemos observar no quadro 6, o nível de formalidade 1 é composto por 300 mil palavras retiradas de *blogs*, ambiente virtual que veicula diferentes gêneros textuais. De acordo com Félix de Oliveira (2012), para que os textos representem esse nível de formalidade, não se devem incluir os *blogs* de colunistas de renome, de jornalistas, de instituições etc. que utilizam esse meio para divulgar ideias, artigos, notícias, reportagens e, até mesmo, produtos. Por outro lado, devem ser considerados apenas aqueles *blogs* que apresentem um cunho pessoal e que tratem das experiências dos escritores, seja através de narrativas, seja com a emissão de um ponto de vista.

Também com 300 mil palavras, seguindo os parâmetros elencados, selecionamos as seguintes revistas: “Ana Maria”⁵³, “Donna”⁵⁴, “Marie Claire”⁵⁵, “Quem”⁵⁶ e “TPM”⁵⁷, das quais retiramos notícias, reportagens, entrevistas a respeito de moda, decoração, culinária, relação entre pais e filhos, fofoca etc. De acordo com

⁵³ Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/anamaria/>. Acesso em: 15 dez. 2015.

⁵⁴ Disponível em: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2015.

⁵⁵ Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/>. Acesso em: 8 dez. 2015.

⁵⁶ Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/>. Acesso em: 10 dez. 2015.

⁵⁷ Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/>. Acesso em: 8 dez. 2015.

Félix de Oliveira (2012), esses assuntos do cotidiano seriam abordados por meio de uma linguagem com nível de formalidade intermediário, enquanto assuntos relacionados à política, economia, cultura, saúde etc., sobretudo quando se recorre à opinião de um especialista, são tratados com um grau de formalidade maior. Portanto, esse nível de formalidade 3 é composto por textos retirados das revistas “Veja”⁵⁸, “Exame”⁵⁹ e “Isto é”⁶⁰ consideradas mais formais do que as demais apresentadas, uma vez que tratam de temas de interesse nacional e internacional.

Como o nosso objetivo geral era mapear as construções com “então”, a fim de propor uma rede construcional, sentimos a necessidade de buscar uma forma de atestar as construções mais recentes, supostamente, na oralidade. Por esse motivo, incluímos, em nossa análise, cinco horas de gravação dos programas de entrevistas “De frente com Gabi”⁶¹ e “Jô Soares”⁶², ocorridas em 2014 e retiradas também da *internet*, com o intuito de contemplar a modalidade oral da língua.

O gênero entrevista foi escolhido porque partimos da hipótese de que se trata de um gênero que facultaria encontrarmos evidências empíricas de oralidade. Embora seja um gênero considerado uma prática de linguagem padronizada – enquanto o entrevistador faz perguntas, abre e fecha a entrevista, introduz e provoca a participação do interlocutor, orientando a interação, o entrevistado responde às demandas do entrevistador – é também uma prática de linguagem em que as trocas entre os participantes ocorrem em tempo real, isto é, através de uma cogestão direta (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999).

De acordo com Hoffnagel (2007), a entrevista é considerada um gênero primordialmente oral, haja vista que, na maioria das vezes, aparece relacionada a interações verbais, tais como entrevista jornalística, de emprego, com um médico, coletiva, dentre outras. Para o autor, mesmo quando publicada em jornais e revistas, normalmente, trata-se apenas de uma transcrição da entrevista oral realizada anteriormente.

Analogamente ao critério adotado para o *corpus* escrito, acreditamos que, de acordo com o assunto a ser abordado na entrevista e seu nível de especificidade, teremos um nível de formalidade maior ou menor: uma entrevista com um

⁵⁸ Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2015.

⁵⁹ Disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2015.

⁶⁰ Disponível em: <https://istoe.com.br>. Acesso em: 14 abr. 2015.

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 09 jul. 2015.

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 26 nov. 2015.

especialista para uma revista científica, por exemplo, apresentará um nível de formalidade maior do que uma entrevista com um cidadão que emite sua opinião sobre um assunto do cotidiano. Diante dessas questões e da hipótese inicial de que encontraríamos no gênero entrevista novos padrões construcionais com “então” emergentes na língua, incluímos cinco horas de gravação de programas de entrevistas em nosso *corpus*, considerando um nível de formalidade intermediário⁶³.

A referência aos textos escritos é realizada a partir do nível de formalidade, acrescido do ano: “*Corpus* revistas formais 2014”, “*Corpus* revistas informais 2014” e “*Corpus* blogs 2014”. Já para fazermos referência ao *corpus* oral, utilizamos a seguinte notação: nome do *corpus*, ano, número da entrevista e minuto exato em que ocorre a pronúncia de “então” na entrevista gravada, como, por exemplo, “*Corpus* oral 2014 – E11, 9:18”. A transcrição desses dados da oralidade foi realizada por nós, seguindo, basicamente, os critérios estabelecidos em Marcuschi (1986), com algumas alterações, conforme quadro abaixo:

Quadro 7 - Convenção de símbolos para transcrição de dados da oralidade

... – pausa	(...) – transcrição parcial
[– sobreposição de vozes	(()) – comentários do analista
:: – prolongamento da vogal ou da consoante	/ – truncamentos bruscos
() – suposições	MAIÚSCULAS – ênfase ou acento forte

Reforçamos, contudo, que este trabalho não está voltado para a distinção entre fala e escrita, nem para a distinção entre níveis de formalidade, o que só será considerado quando tais distinções demonstrarem algum aspecto relevante para a análise.

⁶³ Lembramos que não estamos enfocando a comparação entre gêneros textuais, oralidade e escrita, nem entre níveis de formalidade, embora algumas considerações possam ser traçadas ao longo da análise a esse respeito. Nossa proposta foi constituir um *corpus* que reunisse um número significativo de padrões construcionais emergentes na língua.

4.2. Método de análise

Seguimos, conforme mencionado, a abordagem construcional da mudança, mais especificamente, na perspectiva de análise apontada por Traugott e Trousdale (2013), isto é, aquela em que a mudança linguística é vista como um fenômeno sintático e pragmático-discursivo, a ser estudado a partir de padrões emergentes no uso da língua e hierarquicamente organizados em rede. Dessa forma, acreditamos ser viável empreender nossa análise em uma sincronia – no caso, a escolhida foi a atual –, uma vez que nosso estudo não se pauta na trajetória individual de “então”, mas no seu envolvimento em uma rede construcional, mapeada a partir de uma amostra de dados da língua. Para tanto, a metodologia adotada foi a análise qualitativa dos dados aliada à frequência de uso, como forma de atestar empiricamente as construções mais prototípicas, das quais estariam emergindo os novos padrões construcionais.

Schiffrin (1987) defende a adoção pelo analista tanto do método qualitativo quanto do quantitativo, mesmo que de maneira assimétrica, ou seja, para ela, uma análise que se pauta na descrição do objeto de análise e também verifique a sua frequência de uso é sempre uma análise mais apurada. Martelota (2009) segue nessa mesma linha, sugerindo que o levantamento da frequência deve ser utilizado para referendar a análise qualitativa, uma vez que ele fornece ao analista a possibilidade de ver o nível de marcação do elemento analisado e, conseqüentemente, sua situação no fluxo da mudança, detectando, objetivamente, os movimentos funcionais que caracterizam as línguas naturais, bem como as possibilidades de manifestação translinguística de tendências de ordem cognitiva.

Traugott e Trousdale (2013) também advogam a favor da utilização das abordagens qualitativa e quantitativa tanto na linguística histórica quanto na análise da mudança em curso. Para os autores, o aumento na frequência pode ser considerado marca da produtividade e também da esquematicidade, uma vez que a frequência pode ser pensada em relação ao *token* ou ao *type*.

Sendo assim, utilizamos, no Capítulo V, o método misto de análise de dados, compreendendo duas frentes de trabalho: a descrição qualitativa dos dados em seu contexto de uso e o levantamento das frequências *token* e *type* dos padrões construcionais. Pela frequência de uso, conseguimos verificar tanto a construção

mais exemplar dentro de um subesquema específico, como aquela menos exemplar, de acordo com o maior ou menor número de ocorrências. Por outro lado, pela frequência *type*, observamos a expansão do subesquema e atestamos o subesquema mais produtivo na sincronia analisada.

Com a finalidade de alcançar o objetivo geral de propor uma rede construcional de construções com “então” composta por três níveis de esquematicidade – microconstrução, subesquema e esquema –, consideramos, portanto, o equacionamento entre método qualitativo e método quantitativo como sendo a metodologia mais adequada para nossa análise, cabendo a cada um as seguintes funções:

[...] caberia, principalmente a uma análise qualitativa de dados as seguintes funções: a) caracterizar o pareamento entre forma e significado no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e b) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua. Já o levantamento da frequência de uso se tornaria fundamental se, por exemplo, nosso objetivo for: d) compreender como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; e) compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático (com maior número de *slots*) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; e f) verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua (CUNHA LACERDA, 2016, p. 89).

4.3. Metodologia de análise de dados

Na busca pela identificação e pela descrição dos padrões microconstrucionais encontrados em nossos dados, partimos dos usos encontrados e os agrupamos por semelhanças e diferenças, chegando tanto às microconstruções individuais quanto ao conjunto de microconstruções de um mesmo subesquema. A fim de descrever a rede construcional de “então”, agrupamos as microconstruções e seus respectivos subesquemas de forma a demonstrar um crescente de intersubjetividade nos padrões instanciados, tanto verticalmente, quanto horizontalmente, sem que haja, no

entanto, qualquer indicação de relação de deriva – ou, em outros termos – de unidirecionalidade.

Na construção do Capítulo V, optamos pela descrição do esquema, seguida da descrição de cada subesquema, incluindo suas respectivas microconstruções. Em outras palavras, para fins didáticos, partimos da descrição do nível mais hierárquico porque as características contidas nele estão presentes tanto nos subesquemas quanto nas microconstruções. Em seguida, traçamos as considerações sobre os níveis intermediários, os subesquemas, e suas respectivas microconstruções. Dessa forma, a nosso ver, fica mais visível que cada microconstrução apresenta, além de suas características particulares, todas aquelas contidas no nível hierárquico anterior.

Reforçamos que essa representação de rede que adotamos, de maneira alguma, traduz relação de unidirecionalidade, uma vez que entendemos a direcionalidade da mudança como algo estabelecido entre os nós da rede e os níveis hierárquicos aos quais estão ligados. Verificaremos, no capítulo de análise, que os padrões construcionais com “então” são instanciados na língua a partir de um esquema mais abstrato e também a partir da necessidade que têm os falantes de se expressarem de forma mais (inter)subjativa.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DOS DADOS:

uma proposta de rede para construções com “então”

Partindo da proposta de Traugott e Trousdale (2013) de organização das construções instanciadas na língua em níveis hierárquicos denominados esquema, subesquema e microconstrução, apresentamos, neste capítulo, uma proposta de ordenação das construções com “então” encontradas no *corpus* analisado em uma rede cujos nós encontram-se vinculados por similaridades.

Embora seja um capítulo de análise, em muitos momentos, utilizamos conceitos de base teórica diversificada, retomados brevemente e localmente, a fim de explicar os três níveis da rede e a emergência dos padrões construcionais na língua. Dessa forma, na seção 5.1, descrevemos o nível mais esquemático da rede proposta para o nosso objeto de estudo, o esquema, demonstrando o envolvimento de “então” com os movimentos de caráter fórico, focalizador e relacional, seja entre constituintes, entre sentenças ou entre porções discursivas.

Na seção 5.2, demonstramos como os três subesquemas estão relacionados na rede e como as microconstruções contidas neles se instanciam a partir do pareamento entre função e forma, compondo novos sentidos cada vez mais abstratos e mais intersubjetivos. Adotamos aqui a perspectiva da abordagem construcional da gramática, argumentando a favor do surgimento de novas construções na língua, ou seja, de um rearranjo que ocorre via processo de analogização e neoanálise entre elementos componentes da função e da forma.

Por fim, na seção 5.3, apresentamos a nossa proposta de rede construcional para construções com “então”, tecendo as conclusões a que chegamos acerca das construções identificadas e demonstrando ser possível, a partir de um *corpus* linguístico sincrônico, chegar a uma proposta de rede taxonômica.

5.1 O esquema

Ao lançarmos um olhar para os dados da língua em uso que foram coletados, inevitável é o fazermos de forma perspectivizada, como aliás o é a própria escolha do *corpus* a ser analisado. Diante da perspectiva assumida, direcionamos, inclusive, nosso olhar para a base teórica que servirá de alicerce para todo o trabalho. Embora isso seja apenas uma constatação do óbvio, aqui, serve para justificar o direcionamento que será dado à análise do nível mais esquemático da rede construcional de “então”, buscando descrever não apenas uma construção esquemática da língua com seus níveis hierárquicos, mas perseguindo os nós em que “então” estaria envolvido e objetivando mostrar que a forma como a rede será apresentada é apenas uma dentre as suas diversas possibilidades de configuração, que poderá ser ampliada ou reduzida, isto é, ressignificada, dependendo do enfoque que se pretende apresentar.

A nossa proposta, portanto, é mapear as construções encontradas no *corpus* sincrônico descrito no Capítulo IV, partindo, num primeiro plano, do esquema. Em seguida, descreveremos os subesquemas, apresentando-os horizontalmente, partindo dos usos [- subjetivos] para os [+ intersubjetivos], da esquerda para a direita, e sistematizando os agrupamentos por similaridades de microconstruções, as quais, por sua vez, serão apresentadas verticalmente, de cima para baixo – para facilitar a visualização – também em um crescente de intersubjetividade. Deixamos claro que a disposição das construções na rede hierárquica não está associada a uma configuração de unidirecionalidade, ou seja, não acreditamos que haja relação de derivação de uma microconstrução em relação à outra, mas sim que todas as microconstruções coexistem em uma rede taxonômica para fins de análise de uma sincronia.

Nesta seção, lançamos ao esquema de “então” um olhar analítico amplo, buscando demonstrar o grau de abstração a partir do qual as demais hierarquias irão se desenvolver. Genericamente, “então” participa de um esquema que envolve o pareamento da forma $\{ X \leftarrow \text{então} \rightarrow (Y) \}$ ⁶⁴ com as funções mais elementares, aqui denominadas “apontamento fórico”, que está diretamente relacionado a sua

⁶⁴ X e Y são variáveis relacionadas por “então”, que sofrem alterações estruturais de acordo com o subesquema em que se encontram.

provável origem dêitica e fórica, e “caráter focalizador e relacional”, de acordo com discussões no Capítulo II.

Conforme demonstramos no Capítulo II, a origem latina de “então” com valor espacial/temporal só é recuperável na forma latina “*tunc*”, proveniente do acréscimo da partícula “*ce*”, encontrada em pronomes demonstrativos, ao elemento adverbial “*tum*” e está diretamente relacionada à dêixis.

Vejamos:

(27) No ano de 1966, as meninas de Minas Gerais enlouqueceram os pais para ganhar uma boneca Xodó, brinquedo sensação à época, mas a pequena Andrea Neves, neta do **então** deputado federal e candidato à reeleição Tancredo Neves, gostava mesmo de brincar de eleições. (*Corpus revistas informais 2014*)

(28) "Há uma confusão muito comum de misturar a entrega com euforia e loucura, pois é preciso conhecer gradualmente a pessoa que você pretende ficar por um bom tempo. Se uma pessoa se apaixona loucamente em poucos dias, **então** alguma coisa não está bem com ela. (*Corpus revistas informais 2014*)

(29) M: Me conta dessa família... quem canta?

S: A minha família... quem trouxe tudo isso foi meu avô... junto com minha avó que tinha um circo chamado circo teatro América... foi o único circo que tinha carpete vermelho... cantou Xitãozinho e Xororó... os trapalhões... minha mãe trabalhou muito tempo com os trapalhões... minha mãe trabalhou com o Nilton César

M: Mas trabalhou fazendo o quê?

S: Ela canta... fez muito bar miss ela toca baixo... minha tia toca bateria... canta... toca violão... **então** elas eram crouner desse desse conjunto do Nilton Cezar... e:: e tinha o circo do meu avô então quando a minha mãe saía pra trabalhar... os meus tios me colocavam no palco pra cantar. (*Corpus oral 2014 - E11, 5:01*)

Os exemplos dados são representantes de três subesquemas distintos: (27) do subesquema 1, cuja característica basilar é a circunstanciação temporal; (28) do subesquema 2, que apresenta a conexão como função primária; e (29) do subesquema 3, que engloba os marcadores discursivos. No entanto, os três subesquemas apresentam como função comum a foricidade, a focalização e o caráter relacional. Em (27), “então” retoma anaforicamente o “ano de 1966”, mencionado anteriormente para fazer referência à época em que a boneca Xodó era a sensação, situando, nessa mesma época, a função de deputado federal exercida por Tancredo Neves, evitando a repetição do ano mencionado e estabelecendo uma

relação entre o referente e o tempo anaforicamente retomado. Em (28), “então” introduz a correlata hipotética “alguma coisa não está bem com ela”, situando-a em relação à condicional anterior “se uma pessoa se apaixona loucamente em poucos dias” e realizando um movimento de retomada e, ao mesmo tempo, de propulsão. Por fim, em (29), o marcador discursivo “então” realiza um movimento de retomada do próprio fluxo do discurso, interrompido pelo interlocutor com a pergunta “Mas trabalhou fazendo o quê?”. O falante responde à pergunta intercalada, mas decide voltar ao que estava sendo narrado, utilizando o “então”, juntamente com a frase retomadora “elas eram crouner desse desse conjunto do Nilton Cezar”, com o intuito de sinalizar, ao mesmo tempo, volta ao raciocínio em suspenso e sua continuidade, desempenhando função fórica e relacional.

Ao relacionar um elemento retomado “X” com outro “Y”, as construções com “então” também focalizam esse elemento “Y” anunciado. Dessa forma, em (27), (28) e (29), “então” focaliza, respectivamente, “deputado federal”, “alguma coisa não está bem com ela” e “elas eram crouner desse desse conjunto do Nilton Cezar”.

Defendemos, portanto, que todas as construções com “então” estão em consonância com essa função exemplar de natureza fórica, focalizadora e relacional, até mesmo em seus usos com maior grau de abstração, como na ocorrência abaixo, em que o “então” atua como um marcador de prefaciação, organizando a resposta à pergunta do entrevistador, sem deixar de estabelecer um elo entre ambas:

(30) M: a sua mãe segura as pontas pra você quando você tá fora... o que você ganhou... quando você fazia... o Balão Mágico... sustentava a família?

S: **então**... na época do Balão nós colocamos todo mundo pra trabalhar... então... na verdade... o trabalho deles... lógico... através de mim né...é claro... o trabalho deles ss propriamente ia sustentá-los claro porque eles estavam trabalhando e recebendo por isso... então os meus tios viajavam no show e faziam as coisas e hoje cada um tem a sua casinha (...) (*Corpus oral 2014 – E2, 00:42*)

Além de estabelecer essa relação entre o que lhe foi perguntado e a organização de sua resposta, o falante, ao introduzir seu enunciado com “então...”, aponta cataforicamente para o que será dito, ou seja, focaliza o segmento textual que o segue, sinalizando para o interlocutor o processamento da pergunta e a elaboração da resposta.

Podemos perceber, portanto, que faz parte do esquema mais geral de “então” essa origem dêitica espacial latente nos três subesquemas intermediários através do processo de metaforização. Entendemos “metáfora” nos termos de Lakoff e Johnson (2002), como parte da vida cotidiana, ou seja, da linguagem, do pensamento e da ação, responsável por nos permitir “entender um domínio da experiência em termos de outro” (p. 207). De acordo com os autores, a experiência do tempo, por exemplo, é um tipo natural de experiência entendida praticamente em sua totalidade em termos metafóricos, no caso de nosso objeto de estudo, via “especialização do tempo” (p. 209).

Veremos, nas seções seguintes, que essa noção espacial, originalmente contida em “então”, é metaforizada de diferentes maneiras, não havendo, portanto, um desbotamento total da mesma, mas uma subespecificação em cada subesquema e em cada microconstrução através da expansão metafórica. Em outras palavras, a noção de espaço é transportada metaforicamente para o eixo temporal, que, por sua vez, é expandida para o nível textual discursivo e, por fim, é reinterpretada no plano interacional, em um crescente de intersubjetividade.

Para essa análise, seguimos Lakoff e Johnson (2002), no que se refere ao processo metafórico de entendimento de um domínio em termos de outro, e também Ilari *et al.* (2008), no tocante à categoria cognitiva “espaço” como sentido base de “então”. Observemos o quadro abaixo, retirado de Ilari *et al.* (2008, p. 672):

Quadro 8 - Categorias cognitivas, traços e papéis semânticos (destaque nosso)

Categoria cognitiva	Organização da categoria cognitiva espaço	Subcategorias cognitivas	Papéis semânticos
Espaço	Posição no espaço	Eixo horizontal	/origem/, /meta/
		Eixo vertical	/superior/, /inferior/
		Eixo transversal	/anterior/, /posterior/
	Disposição no espaço	Eixo continente/ conteúdo	/dentro/, /fora/
	Proximidade no espaço	Eixo longe/ perto	/proximal/, /distal/
	Movimento no espaço	Real/ fictício	/dinâmico/, /estático/

A nossa tese parte do princípio de que o sentido fonte de “então” como dêitico espacial evoca o *frame* de posição no espaço a partir das três subcategorias cognitivas descritas no quadro 8 – isto é, eixos horizontal, vertical e transversal – e se mantém nos três subesquemas. Demonstraremos, em nossos dados, que, no subesquema 1, encontram-se as microconstruções que mantêm do sentido fonte a posição no eixo horizontal e transversal, que implica, de acordo com Ilari *et al.* (2008), a imagem do percurso, do deslocamento, em relação a um ponto inicial, medial ou final e anterior ou posterior. No entanto, esse sentido fonte é transportado metaforicamente para o eixo temporal, conforme veremos na seção seguinte, com as construções “até então” e “desde então”, por exemplo, que indicam, respectivamente, “ponto de chegada” e “ponto de partida” na linha temporal.

Essa metáfora de deslocamento no espaço para deslocamento no tempo é expandida para o nível das relações entre sentenças no subesquema 2, em que as construções com “então” assumem função de conexão entre sentenças, seja na sequenciação de eventos, seja nas relações lógico-semânticas. Nesse caso, há uma reinterpretção do deslocamento no tempo como deslocamento no plano textual, em que as relações de anterioridade e posterioridade do eixo espacial transversal do sentido fonte se mantêm no discurso: no exemplo (28), “então” estabelece uma relação entre uma condição “se uma pessoa se apaixona loucamente em poucos dias” e sua consequência “alguma coisa não está bem com ela”, em que esta depende da ocorrência daquela, em uma relação metafórica de anterioridade e posterioridade tanto semântica, quanto textual.

No subesquema 3, essa noção de deslocamento no plano discursivo é expandida e, à medida que as construções se tornam mais intersubjetivas, parece haver uma metaforização do plano discursivo para o interacional: o “então” prefaciador do exemplo (30) relaciona o que foi perguntado acima com o que será respondido abaixo, mantendo, do sentido fonte, uma relação no eixo vertical.

Como podemos perceber, há uma expansão do significado fonte “posição no espaço” que vai do subesquema 1 ao subesquema 3, passando pela posição no tempo, no texto/discurso, até chegar às relações interacionais, como veremos na seção seguinte, na qual demonstraremos, também, de maneira mais detalhada,

como as funções dos subesquemas estão alinhadas com a função mais geral do esquema, a partir da análise dos dados encontrados no *corpus* sincrônico.

De acordo com Martelotta (1994) e apresentado do Capítulo III, usos contidos nos subesquemas 2 e 3 teriam surgido também por pressão da informatividade, ou seja, pelo contexto de uso, a partir do uso denominado por ele de anafórico temporal.

Com relação à intersubjetividade, conforme apresentado no Capítulo I, lembramos que: i) não consideramos o uso da linguagem objetivamente, uma vez que essa visão exclui o sujeito consciente na enunciação e que consideramos ser a subjetividade, bem como a intersubjetividade, uma característica inerente à linguagem⁶⁵; ii) consideramos que toda enunciação pressupõe um falante/escritor que endereça o enunciado a um ouvinte/leitor em um determinado contexto, sendo, portanto, intersubjetiva, em sentido amplo. Apesar de partirmos desses pressupostos, utilizamos os conceitos de subjetividade e intersubjetividade nos termos de Traugott (1995, 2010), conforme exposto no Capítulo I. Voltaremos a essa questão mais adiante, uma vez que a intersubjetividade não é uma característica do esquema mais geral, mas perpassa os subesquemas no seguinte crescente de (inter)subjetividade: [-subjetivo] > [+subjetivo] > [+intersubjetivo].

5.2 Os subesquemas e as microconstruções

De acordo com a abordagem assumida no Capítulo I, são considerados subesquemas conjuntos de microconstruções agrupadas por similaridades e especificidades responsáveis, ao mesmo tempo, pela identidade do subesquema ao qual pertencem e pela diferenciação entre os subesquemas. Esses subesquemas vão sendo moldados gradualmente à medida que as microconstruções vão surgindo, isto é, de acordo com Trougott e Trousdale (2013, p. 26), os “produtos da construcionalização podem resultar em mudanças nos esquemas e subesquemas”⁶⁶.

⁶⁵ Seguimos Benveniste (1966 *apud* MACKENZIE, 2017, p. 48), segundo o qual “a linguagem está tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que é duvidoso se ela ainda poderia funcionar e ser chamada de linguagem se fosse construída de outra forma”. Analogamente, também consideramos a intersubjetividade como característica inerente à linguagem.

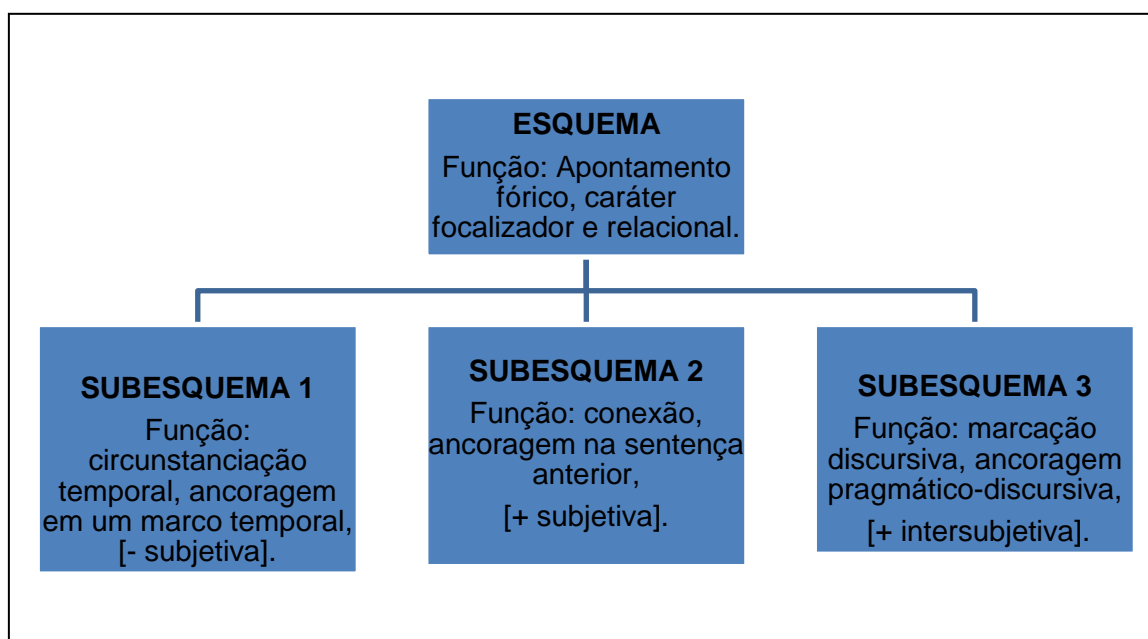
⁶⁶ C.f.: “[...] the products of constructionalization may result in changes in schemas and subschemas” (TROUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.26).

Por conseguinte, os subesquemas definidos proporcionam, através da analogização e da neoanálise, o surgimento de novos nós na rede.

Tendo em vista a característica geral do esquema de “então” abordada na seção 5.1, demonstramos, nesta seção, como os subesquemas se inserem nesse contexto, ampliando funcionalmente o esquema e também descrevemos como eles se distinguem entre si a partir das particularidades de cada um. Apresentamos ainda uma análise qualitativa dos padrões microconstrucionais encontrados no *corpus* analisado, buscando organizá-los de modo sistemático em uma rede taxonômica.

Identificamos, em nossos dados, a existência de três subesquemas:

Figura 2 - Representação dos dois níveis mais hierárquicos da rede construcional de “então”: esquema e subesquema



Conforme podemos observar na Figura 2 – e já ilustrado na seção anterior com os exemplos (27), (28) e (29) –, embora os três subesquemas apresentem como traços comuns um caráter relacional e um movimento que ora retoma algo mencionado, ora aponta para algo a ser introduzido, ou ambas as possibilidades, eles diferem em vários aspectos. O subesquema 1, que será descrito na subseção 5.2.1, possui como característica particular a circunstanciação temporal; já o subesquema 2, que será apresentado na subseção 5.2.2, apresenta a conexão como traço básico que o diferencia dos demais; por fim, o subesquema 3, que será

abordado na subseção 5.2.3, agrupa os usos de “então” com função de marcador discursivo.

Vejamos, na tabela abaixo, como os esquemas estão distribuídos quantitativamente nos *corpora* analisados:

Tabela 2 - Distribuição dos subesquemas por modalidade e níveis de formalidade

<i>Corpora</i>		Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total	
		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Corpus escrito	Revistas formais	77	60,63 %	27	12,56%	28	4,20%	132	13,08%
	Revistas informais	32	25,20%	74	34,42%	135	20,24%	241	23,89%
	Blogs	16	12,60%	101	46,97%	311	46,63%	428	42,42%
Corpus oral	Entrevistas	2	1,57%	13	6,05%	193	28,93%	208	20,61%
Total		127	12,59%	215	21,31%	667	66,10%	1009	100%

Analisando a tabela 2, podemos verificar a seguinte configuração em relação a um universo de 1009 ocorrências: 667, equivalentes a 66,10%, pertencem ao subesquema 3, cuja função basilar está relacionada à marcação discursiva; 215 ocorrências, ou seja, 21,31% das ocorrências encontradas, pertencem ao subesquema 2, cuja função primordial é a conexão entre sentenças; por fim, com 127 ocorrências e 12,59%, aparece o subesquema 1, cuja função elementar é a circunstanciação temporal. Esses dados representam uma possível expansão das construções com “então” relacionadas ao subesquema 3, que é o mais frequente no *corpus*.

Além disso, ao observarmos os níveis de formalidade do *corpus* escrito na tabela 2, constatamos que: i) o subesquema 1 ocorre com maior frequência em revistas formais, com 60,63% de representatividade; ii) o subesquema 2 apresenta maior frequência em *blogs*, com 46,97%; e iii) o subesquema 3 aparece com representatividade maior nos *blogs*, com 46,63%. Essa distribuição por níveis de formalidade parece indicar que um crescente de intersubjetividade, representado pelos agrupamentos que vão do subesquema 1 ao subesquema 3, coincidiria com um decréscimo no grau de formalidade na escrita, uma vez que o subesquema 1

apresenta maior representatividade de usos entre as revistas formais, o que, no subesquema 3, ocorrerá entre os *blogs*, ficando os usos do subesquema 2 distribuídos entre as revistas informais e formais.

Vejamos, agora, de forma mais detalhada, a distribuição dos subesquemas no *corpus* oral:

Tabela 3 - Distribuição dos subesquemas no corpus oral

<i>Corpora</i>		Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total	
		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Corpus oral	Entrevistas	2	0,96%	13	6,25%	193	92,79%	208	100%

Ao realizarmos o levantamento de dados na oralidade e agruparmos as construções por similaridades, verificamos, conforme a tabela 3 acima, que, das 208 ocorrências, 193 (92,79%) pertencem ao subesquema 3, enquanto 13 (6,25%) estão alocadas no subesquema 2, sendo pouco significativas as 2 ocorrências (0,96%) pertencentes ao subesquema 1. Como vimos, a maioria das ocorrências estão relacionadas ao terceiro subesquema, o que comprova nossas hipóteses de que esses usos seriam mais recentes na língua e de que seriam identificados primordialmente na oralidade, o que nos motivou a utilizar, também, um *corpus* oral que nos permitisse atestar novas microconstruções na língua.

Embora essas conclusões sejam apenas parciais por estarem restritas a uma sincronia da língua, elas estão em concordância com as pesquisas diacrônicas realizadas pelos autores resenhados no Capítulo III, segundo os quais o percurso de gramaticalização de “então” seria advérbio > conjunção > marcador discursivo. No entanto, nosso trabalho pretende demonstrar que, sincronicamente, utilizando a abordagem de Traugott e Trousdale (2013) – ou seja, através da proposição do pareamento forma <> função, do agrupamento dessas microconstruções por similaridades em níveis esquemáticos – denominados subesquema e esquema – e da organização de uma rede taxonômica em um crescente de intersubjetividade –, é possível se verificar uma direcionalidade da mudança em uma sincronia.

Apresentamos a seguir, de forma mais detalhada, cada subesquema da rede construcional de “então”, com suas microconstruções, descrevendo seus padrões

construcionais a fim de comprovar que estamos diante de construções diferentes instanciadas na língua.

5.2.1 O subesquema 1 e suas microconstruções

Agrupamos, no subesquema 1, as microconstruções com “então” que apresentam, resumidamente, o seguinte conjunto de similaridades: foricidade, caráter focalizador e relacional, circunstanciação temporal, metaforização espaço > tempo, ancoragem em um marco temporal, [- subjetiva]. Trata-se de microconstruções que exercem papel de circunstanciadores temporais que relacionam seus escopos a um marco temporal identificado contextualmente e retomado anaforicamente por eles. Vejamos os exemplos e suas respectivas paráfrases:

(31) Giovanna da Silva Justo nasceu no Morro da Mangueira, em 1977, numa família de cinco irmãos. Aos 9 anos, ingressou na ala mirim de mestre-sala e porta-bandeira. No início dos anos 90, seu pai, Orlandy da Silva Júnior, **então** vice-presidente da escola, sabendo do talento da filha, tentou colocá-la no posto máximo que uma mulher ocupa na avenida. Foi o primeiro não. (*Corpus revistas informais 2014*)

(32) Pioneira nesse segmento no Brasil, a americana Outback — com garçons jovens que costumam agachar na hora de explicar o cardápio ou anotar os pedidos — demonstra o potencial do modelo. A rede chegou ao Brasil em 1997 e, **desde então**, tornou-se a marca de restaurante mais popular do país, segundo a empresa de pesquisa Euromonitor. (*Corpus revistas formais 2014*)

(33) Um dia, quando voltava de uma viagem para o interior com minha família, fui pega de surpresa com a notícia de que Nozumu tinha começado a namorar uma amiga, também da igreja. Fiquei chateada, não imaginava que ele engataria um relacionamento com outra mulher naquele momento. "Fui pega de surpresa com a notícia de que Nozumu tinha começado a namorar uma amiga, também da igreja. Foi um choque. **Só então** entendi que o amava." (*Corpus revistas informais 2014*)

(31') Giovanna da Silva Justo nasceu no Morro da Mangueira, em 1977, numa família de cinco irmãos. Aos 9 anos, ingressou na ala mirim de mestre-sala e porta-bandeira. No início dos anos 90, seu pai, Orlandy da Silva Júnior, **na época** vice-presidente da escola, sabendo do talento da filha, tentou colocá-la no posto máximo que uma mulher ocupa na avenida. Foi o primeiro não.

(32') Pioneira nesse segmento no Brasil, a americana Outback — com garçons jovens que costumam agachar na hora de explicar o cardápio ou anotar os pedidos — demonstra o potencial do modelo. A rede chegou ao Brasil em 1997 e, **desse momento até os dias atuais**, tornou-se a marca de restaurante mais popular do país, segundo a empresa de pesquisa Euromonitor. (*Corpus revistas formais 2014*)

(33') Um dia, quando voltava de uma viagem para o interior com minha família, fui pega de surpresa com a notícia de que Nozumu tinha começado a namorar uma amiga, também da igreja. Fiquei chateada, não imaginava que ele engataria um relacionamento com outra mulher naquele momento. "Fui pega de surpresa com a notícia de que Nozumu tinha começado a namorar uma amiga, também da igreja. Foi um choque. **Exatamente naquele momento** entendi que o amava." (*Corpus revistas informais 2014*)

Em (31), tem-se um exemplo em que “então” pode ser parafraseado por “na época”, conforme se pode observar em (31'), o que demonstra seu valor temporal, indicando um apontamento retroativo no tempo em relação ao momento da enunciação, mas retomando anaforicamente uma época já mencionada, “o início dos anos 90”, a fim de evitar a repetição da época em que Orlandy da Silva Júnior era vice-presidente da escola.

Embora a noção temporal também se mantenha nos exemplos (32) e (33), há variações em termos de aspectualidade. Em (32), que pode ser parafraseado por “desse momento até os dias atuais”, a construção “desde então” denota uma aspectualidade⁶⁷ durativa, a partir de um momento especificado anteriormente. Trata-se de uma data que está sendo retomada anaforicamente, um momento na linha temporal demarcado contextualmente: a empresa americana Outback tornou-se a marca de restaurante mais popular do país desde 1997.

A mesma duratividade presente no exemplo (32), com “desde então”, já não se observa em (33), no qual a construção “só então” demarca pontualmente o momento em que a enunciadora entendeu que amava Nozumu, retomando, nesse caso, anaforicamente o momento em que ela recebeu a notícia de que Nozumu estava namorando, o que a impactou profundamente, fazendo-a perceber, naquele exato momento, que estava apaixonada – estabelecendo uma relação entre este e aquele momento.

⁶⁷ Consideramos a definição de aspecto contida em Travaglia (2015, p. 42) como uma “categoria verbal de TEMPO”, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.”

Com apenas três casos, é possível verificar que se trata de circunstanciadores temporais com funções e formas distintas, o que nos aponta para microconstruções diferentes, mas que apresentam em comum os traços característicos do subesquema 1: apontamento fórico, caráter focalizador e relacional, circunstanciador temporal, metaforização espaço > tempo, ancoragem em um marco temporal, [- subjetiva].

Passemos, agora, à descrição das similaridades que caracterizam todas as microconstruções desse subesquema, a começar pelo traço considerado mais significativo porque distingue este subesquema dos dois subesquemas subsequentes: a circunstanciação temporal.

Assim sendo, o subesquema 1 engloba as microconstruções que caracterizam usos do “então” intrinsecamente relacionados à noção temporal, com caráter fórico, focalizador e relacional. As construções com “então” encontradas no subesquema 1 são usadas discursivamente para indexar informações precedentes, situando seu escopo em relação à referência temporal anterior, sem, entretanto, modificar sua estrutura semântica. Consideramos, portanto, microconstruções do subesquema 1 os “adverbiais”⁶⁸, seguindo ainda na mesma linha de raciocínio de Martelotta (2012), que não traça uma distinção categórica entre advérbios simples e locuções adverbiais, tendo em vista a própria diacronia de “então”, resultado da locução *in tunc(e)*.

No nível cognitivo, podemos dizer que o subesquema 1 evoca o esquema imagético espacial do trajeto, transportado, metaforicamente, para o domínio temporal. De acordo com Ilari *et al.* (2008, p. 631), o “significado base” das preposições é espacial, com função de indicar, localizar objetos ou eventos. As preposições passam, entretanto, a transportar o sentido espacial para o domínio temporal, impondo-lhe uma conceitualização espacial. As preposições “até”, “desde” e a locução prepositiva “a partir de”, presentes no subesquema 1, estão diretamente relacionadas a uma localização espacial no eixo horizontal, conforme demonstram Ilari *et al.* (2008, p. 674):

⁶⁸ O termo adverbial é utilizado na designação tanto de advérbios quanto de locuções adverbiais (MATOS, 2000; AUSTIN *et al.*, 2004; TESCARI NETO; PEZZATI, 2005 *apud* MARTELOTTA, 2012, p. 26)

Quadro 9 - Preposições do eixo horizontal

Ponto inicial	Ponto medial	Ponto final
de, desde, a partir de	por, no meio de	a, em, para, até (a), contra

Sendo assim, ao nos depararmos com exemplos hipotéticos como “Peguei um engarramento **até** meu bairro” e “Peguei um engarramento **desde** o centro da cidade”, temos as noções espaciais demarcadas, respectivamente, em relação ao engarramento: ponto final do destino, ponto de origem. Essas preposições indicam deslocamento, perspectivizando a dinamicidade do trajeto, seja prospectivamente, demarcando o ponto de origem (“desde o centro da cidade”), seja retrospectivamente, demarcando o ponto de chegada (“até meu bairro”).

No caso das construções em estudo, temos a seguinte representação: “até então” indica ponto final no eixo temporal, enquanto “desde então” indica ponto inicial no mesmo eixo.

Foram identificados, no subesquema 1, cinco padrões no nível microconstrucional, apresentados previamente no quadro abaixo, no qual encontram-se agrupados de acordo com suas especificidades e similaridades, isto é, de acordo com um pareamento função e forma⁶⁹:

Quadro 10 - Pareamento função e forma do subesquema 1 e as microconstruções pertencentes a ele

SUBESQUEMA 1
FORMA: $\{[X]_{s1} \leftarrow [(Esp.) \text{ então}^{ANT/POSP} \rightarrow Y]_{s2}\}$
X = Constituinte da sentença anterior S = Sentença ← = Retomada fórica Esp.= Especificador Ant/Postp = Anteposto/Postposto → = focalização Y = Constituinte da sentença posterior
FUNÇÃO: Apontamento fórico; caráter focalizador e relacional; circunstanciação temporal; ancoragem em um marco temporal.

⁶⁹ Lembramos que todas as microconstruções englobam as características do subesquema nos quais estão inseridas, as quais não são descritas a fim de não ficar repetitivo, uma vez que aparecem no topo do quadro.

MICROCONSTRUÇÃO 1.1	
<p>FORMA: $\{[X]_{s1} \leftarrow [(\text{det}) \text{então} \rightarrow Y]_{s2}\}$ det = determinante</p>	<p>FUNÇÃO: Circunstanciação temporal; [-subjetivo]</p>
MICROCONSTRUÇÃO 1.2	
<p>FORMA: $\{[X]_{s1} \leftarrow [\text{desde então}^{\text{ANT/POSP}} \rightarrow Y]_{s2}\}$</p>	<p>FUNÇÃO: Delimitação inicial no eixo temporal; [-subjetivo]</p>
MICROCONSTRUÇÃO 1.3	
<p>FORMA: $\{[X]_{s1} \leftarrow [\text{até então}^{\text{ANT/POSP}} \rightarrow Y]_{s2}\}$</p>	<p>FUNÇÃO: Delimitação final no eixo temporal; [-subjetivo]</p>
MICROCONSTRUÇÃO 1.4	
<p>FORMA: $\{[X]_{s1} \leftarrow [\text{a partir de então} \rightarrow Y]_{s2}\}$</p>	<p>FUNÇÃO: Delimitação inicial nos eixos temporal discursivo; [-subjetivo]</p>
MICROCONSTRUÇÃO 1.5	
<p>FORMA: $\{[X]_{s1} \leftarrow [\text{só então} \rightarrow Y]_{s2}\}$</p>	<p>FUNÇÃO: Delimitação pontual; focalização; [+subjetivo]</p>

A partir do quadro anterior, podemos observar, de antemão, que as cinco microconstruções encontram-se no mesmo subesquema por apresentarem como pontos de interseção o apontamento anafórico, a circunstanciação temporal e a ancoragem em um marco temporal, embora cada construção apresente também pontos divergentes que nos permitem afirmar se tratar de construções diferenciadas.

Consideramos que, em uma escala crescente de (inter)subjatividade, a microconstrução 1.5 já estaria um grau acima em relação às demais, uma vez que o tipo de focalização da construção “só então” já indica uma certa perspectivação do sujeito, como veremos mais abaixo.

Encontramos, nos *corpora* analisados, 127 ocorrências exemplares do subesquema 1. Vejamos:

Tabela 4 - Distribuição das microconstruções do subesquema 1

Microconstruções do subesquema 1	Total	
	n.º	%
<i>Micro 1.1</i>	56	44,09%
<i>Micro 1.2</i>	37	29,13%
<i>Micro 1.3</i>	21	16,54%
<i>Micro 1.4</i>	7	5,51%
<i>Micro 1.5</i>	6	4,72%
Total	127	100%

Esta tabela demonstra que a microconstrução 1.1 é a mais recorrente nos *corpora* analisados, com 44,09% de representatividade em relação ao total de ocorrências do subesquema 1, sendo, portanto, a mais prototípica em relação à circunstanciação temporal. Em ordem decrescente em termos percentuais, aparecem as microconstruções 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5, embora não tenha sido esse o motivo de tal ordenação. Conforme explicitado na metodologia, as microconstruções foram alocadas na rede de forma a demonstrar um crescente de (inter)subjetividade nos usos instanciados, tanto verticalmente, quanto horizontalmente, sem que haja, no entanto, qualquer indicação de relação de derivação – ou unidirecionalidade – entre elas. Apesar disso, é relevante notar que o decréscimo percentual coincide com o crescente em intersubjetividade – lendo a tabela 4 de cima para baixo –, o que equivale dizer que a microconstrução 1.1 é mais prototípica, porém, menos intersubjetiva do que a microconstrução 1.5, a qual estaria indiretamente relacionada ao subesquema 2 se levássemos em consideração apenas o grau de (inter)subjetividade. O mesmo parece ocorrer em relação aos demais subesquemas, nos quais a primeira microconstrução apresenta alguma característica do subesquema anterior, e a última microconstrução o faz em relação ao subesquema posterior. Por esse motivo, defendemos a expansão semântica e pragmática das construções com “então” tanto verticalmente, dentro de um mesmo subesquema, quanto horizontalmente, entre os subesquemas da rede. Vejamos, a seguir, de maneira mais detalhada, como essas relações se estabelecem.

5.2.1.1 Microconstrução 1.1

De acordo com a tabela 4, verificamos que a microconstrução 1.1, formalmente representada por $\{[X]_{s_1} \leftarrow [(\text{det}) \text{ então} \rightarrow Y]_{s_2}\}$, apresenta 56 ocorrências e 44,09% de representatividade nos *corpora*, sendo, pois, a mais prototípica do subesquema 1 e, portanto, a que teria servido de modelo para as demais dentro do mesmo subesquema. Vejamos os exemplos:

- (34) Os critérios do FI-FGTS não são unanimidade. Um dos membros do Conselho Curador do Fundo de Garantia a questioná-los é Luigi Nese, presidente da Confederação Nacional de Serviços. Em 2012, ele pediu que fosse revista a decisão de adquirir 750 milhões de reais em títulos da LLX, empresa de logística **então** pertencente a Eike Batista. (*Corpus* revistas formais 2014)

- (35) O sr. conheceu a presidenta na campanha eleitoral de 2010 e promoveu uma mudança no visual da **então** candidata. Para a disputa deste ano podemos esperar alguma surpresa? (*Corpus revistas formais 2014*)
- (36) Foram ricos os anos de militância estudantil. Na noite de 30 de abril de 1981, Andrea saiu de Ipanema dirigindo um Corcel ao lado de seu **então** namorado, Sérgio, para ver o show de comemoração do Dia do Trabalhador, no Riocentro. (*Corpus revistas informais 2014*)
- (37) Na primeira semana de janeiro de 1979, o general Medeiros desceu em Porto Alegre com o chefe da Polícia Federal, coronel Moacyr Coelho, para uma reunião de cúpula da segurança no QG do III Exército. Um dos presentes era o velho amigo do coronel De Armas: o coronel Brilhante Ustra, **então** no comando de uma guarnição de artilharia na Grande Porto Alegre. Nasceu dali uma história esdrúxula de outra ‘invasão’, desta vez colocando o casal uruguaio e as crianças a bordo de um ônibus de linha que cruzava a fronteira. A farsa foi desmontada pela imprensa em poucas horas. (*Corpus revistas formais 2014*)

As quatro ocorrências acima (34 a 37) contêm exemplos da mesma construção com “então” – que indica uma circunstância de tempo –, podendo ser parafraseadas por “na época”, retomando anaforicamente uma data mencionada anteriormente e, ao mesmo tempo, focalizando o termo à sua direita – um elemento de caráter predicativo.

Temos, aparentemente, classes distintas como escopo de “então”: o adjetivo “pertencente” em (34); os substantivos “candidata” e “namorado”, respectivamente, em (35) e (36); a locução prepositiva “no comando” em (37). No entanto, seguimos Martelotta (2012), que discute a possibilidade de um advérbio se referir a um substantivo, como em “Deus é verdadeiramente pai” e “Pedro é muito homem”, apresentando como solução o argumento de Bomfim (1988 *apud* Martelotta, 2012, p. 35), segundo o qual “pai” e “homem”, nos exemplos acima, não podem ser entendidos substantivamente, mas como um “conjunto de qualidades atribuídas ao elemento que recebe a referência”, ou seja, como elementos de função predicativa.

Em nossas ocorrências, podemos afirmar, analogamente, que “então” focaliza o elemento que atribui característica ao seu referente, localizando-o temporalmente, o que fica claro nas paráfrases abaixo:

- (34’) Os critérios do FI-FGTS não são unanimidade. Um dos membros do Conselho Curador do Fundo de Garantia a questioná-los é Luigi Nese, presidente da Confederação Nacional de Serviços. Em 2012, ele pediu que fosse revista a decisão de adquirir 750 milhões de reais em títulos da LLX, empresa de logística **que na época era pertencente** a Eike Batista.

- (35') O sr. conheceu a presidenta na campanha eleitoral de 2010 e promoveu uma mudança no visual **daquela que na época era candidata**. Para a disputa deste ano podemos esperar alguma surpresa?
- (36') Foram ricos os anos de militância estudantil. Na noite de 30 de abril de 1981, Andrea saiu de Ipanema dirigindo um Corcel ao lado **daquele que era seu namorado**, Sérgio, para ver o show de comemoração do Dia do Trabalhador, no Riocentro.
- (37') Na primeira semana de janeiro de 1979, o general Medeiros desceu em Porto Alegre com o chefe da Polícia Federal, coronel Moacyr Coelho, para uma reunião de cúpula da segurança no QG do III Exército. Um dos presentes era o velho amigo do coronel De Armas: o coronel Brilhante Ustra, **que na época era comandante** de uma guarnição de artilharia na Grande Porto Alegre. Nasceu dali uma história esdrúxula de outra 'invasão', desta vez colocando o casal uruguaio e as crianças a bordo de um ônibus de linha que cruzava a fronteira. A farsa foi desmontada pela imprensa em poucas horas.

Além de focalizar o elemento de caráter predicativo à sua direita (“pertencente”, em (34); “candidata”, em (35); “namorado”, em (36); e “no comando”, em (37)), “então” realiza uma retomada anafórica de um adverbial de tempo (respectivamente, “em 2012”, “na campanha eleitoral de 2010”, “na noite de 30 de abril de 1981” e “na primeira semana de janeiro de 1979”), contextualizando temporalmente a informação sobre o referente.

5.2.1.2 Microconstrução 1.2

A microconstrução 1.2, formalmente representada por $\{[X]_{s1} \leftarrow [desde \text{ então}^{ANT/POSP} \rightarrow Y]_{s2}\}$, aparece nos *corpora* com 37 ocorrências e 29,13% de representatividade, sendo a segunda mais frequente no subesquema 1. Apesar de o ponto de interseção com a microconstrução 1.1 ser o caráter anafórico e a circunstanciação temporal, a microconstrução 1.2 do subesquema 1 apresenta como especificidade a demarcação de um ponto inicial em relação a um marco temporal, sentido alcançado com a junção da preposição “desde” ao circunstanciador temporal “então”. Vejamos o exemplo a seguir:

- (38) Nas duas últimas semanas, a empresária Ana Cristina Aquino conversou com ISTOÉ por cerca de duas horas. Dona de um forte sotaque mineiro, ela autorizou que os encontros mantidos num restaurante em Brasília fossem gravados e divulgados como entrevista. Disse estar endividada e abandonada pelo grupo ao qual se associou em 2010 e que **desde então** opera nos meandros do Ministério

do Trabalho. Por causa disso é que ela diz ter recorrido ao Ministério Público e avalia que tornar públicas suas acusações é a melhor maneira de se proteger. (*Corpus revistas formais* 2014)

De acordo com Illari *et al* (2008, p. 631), o significado de base de uma preposição é espacial, uma vez que apresenta como função primária indicar, localizar objetos ou eventos. Dessa forma, a preposição “desde”, em uma delimitação espacial, marca o ponto de partida, isto é, o limite inicial do percurso, como, por exemplo, “Vim a pé desde casa”. Por outro lado, a preposição “até”, presente, como veremos adiante, na microconstrução 1.3, demarca espacialmente o ponto de chegada: “Fui de casa até o centro da cidade”. No entanto, é comum, através do processo metafórico, segundo o qual “tempo é movimento no espaço”, transportar usos espaciais para domínios temporais, o que ocorre com “desde então” e “até então”, que mantêm como traço da significação primária a “origem”, no caso de “desde”, e o “limite final”, no caso de “até”, usos que são expandidos do universo espacial para o temporal.

Em (38), “desde então” retoma anaforicamente “2010”, delimitando o início da “operação nos meandros do Ministério do Trabalho”, sem, contudo, especificar seu término. Vejamos outros exemplos:

(39) Dave Panton, 32 anos, saiu de San Diego, na Califórnia (EUA), em 2011 e está na estrada **desde então**. Em passagem por São Paulo, ele fala da sua vida sem destino certo (*Corpus revistas informais* 2014)

(40) Nenhuma empresa aproveitou de forma tão ágil a oportunidade criada por esse novo momento quanto a camisaria catarinense Dudalina. Criada há 56 anos pelo casal Duda Souza e Adelina Hess, passou mais de cinco décadas vendendo suas camisas só para varejistas. Isso começou a mudar em 2010, quando abriu sua primeira loja-conceito.

Era o mesmo caminho seguido com sucesso pela pioneira Hering e as que vieram depois, como a Malwee e a Paquetá, fabricante de sapatos gaúcha que partiu para o varejo a fim de fugir da competição com os chineses. “Estava cansada de me sentir espremida pelo custo da matéria-prima e pela pressão por preço baixo dos lojistas”, afirma Sônia Hess, presidente da Dudalina e filha dos fundadores.

Naquele mesmo ano, a empresa começou a fabricar camisas femininas, feitas sob medida para o batalhão de mulheres que entravam no mercado de trabalho e ascendiam nas companhias. Na época, não havia uma varejista dedicada a esse público. O faturamento quadruplicou **desde então**, chegando a 500 milhões de reais em 2013. (*Corpus revistas formais* 2014)

Em (39), a construção “desde então” relaciona seu escopo ao início de um marco temporal já mencionado no contexto, isto é, “desde então” retoma anaforicamente “2011” como um marco temporal inicial do percurso em realização de Dave Panton. A combinação de “desde então” com verbos no presente, “opera” e “está”, indica uma duratividade que se estende aos dias atuais, sem delimitação de seu término. No entanto, a sua ocorrência com verbos no passado, como em (40), denota uma duratividade finita, mas sem precisar seu término. Nesse exemplo, “desde então” recupera temporalmente o início do aumento do faturamento da empresa catarinense Dudalina através da retomada anafórica do ano de “2010”. Além disso, com o verbo “quadruplicou”, empregado no pretérito-perfeito, marca esse processo com aspectualidade durativa.

Observemos, ainda, nos fragmentos (39) e (40), que “desde então” apresenta possibilidade de mobilidade na sentença, uma vez que seria possível em (39), por exemplo, as leituras “e, **desde então**, está na estrada” e “e está, **desde então**, na estrada”.

5.2.1.3 Microconstrução 1.3

Voltando à tabela 4, verificamos que a microconstrução 1.3, formalmente representada por $\{[X]_{s1} \leftarrow [\text{até então}]^{\text{ANT/POSP}} \rightarrow Y\}_{s2}$, com 21 ocorrências e 16,54% de representatividade nos *corpora*, é a terceira construção mais frequente do subesquema 1. Vejamos ocorrências representativas deste padrão microconstrucional:

- (41) São Paulo - Há uma verdade incontestável no varejo: promoções aumentam as vendas. A pechincha, aliás, é uma arte tão antiga quanto o comércio. As etiquetas de preços só foram inventadas nos anos 1860, em Paris. **Até então**, os preços eram debatidos, cliente a cliente. (*Corpus revistas formais* 2014)
- (42) No começo da semana fui pra São Paulo resolver umas coisas e acabei passando no shopping Vila Olímpia depois. Olhando as vitrines lembrei que precisava comprar algo bonitinho pra usar na virada. Entrei em várias lojas, mas a que conquistou meu coração foi uma marca nova que eu não conhecia **até então**, a Lucy In The Sky. O look de hoje é com um dos vestidos que comprei por lá. (*Corpus blogs* 2014)
- (43) Ela vai embalar suas coisas e deixar na sua portaria, com um bilhete singelo escrito “A gente se vê”. E enquanto você engole a indiferença, tentando tirar da

sua garganta o nó do fim, ela vai ao cabeleireiro cortar o cabelo, mudar a cor e encantar todo mundo com seu novo visual. Ela vai usar vestidos mais curtos e te deixar morrendo de ciúmes daquelas pernas que **até então** eram só suas. E vai rebolar por aí em festas e jantares a dois com outros caras. E você vai continuar nas mil baladas da vida, tentando encontrar qualquer sorriso que se assemelhe a risada escandalosa e apaixonante dela. (*Corpus blogs* 2014)

Em (41), o circunstanciador temporal “até então” retoma anaforicamente o adverbial “nos anos 1860”, indicando o término da negociação dos preços diretamente com cada cliente, uma vez que, a partir dessa data, passou-se a usar as etiquetas de preço. Há, portanto, um anúncio da proposição “os preços eram debatidos, cliente a cliente”, indicando que o seu término ocorreu em um momento anteriormente mencionado (“nos anos 1860”), sem fazer referência ao seu início, embora com aspectualidade durativa.

Observamos, nos exemplos acima, a mesma possibilidade de mobilidade na sentença que ocorre com “desde então”, uma vez que “até então” aparece em posições diferentes em (42) e (43): no final (“que eu não conhecia **até então**”) e no início (“que **até então** eram só suas”) da sentença. No entanto, em ambos os casos, seria possível a sua utilização, sem alteração no sentido, nas posições inicial, medial ou final: (42’) “que **até então** eu não conhecia”; (42”) “que eu **até então** não conhecia”; (43’) “que eram **até então** só suas”; (43”) “que eram só suas **até então**”. Isso demonstra que se trata de um circunstanciador temporal que apresenta mobilidade no interior da sentença, diferentemente, da microconstrução 1.1, em que o circunstanciador “então” ocorre sempre à esquerda de seu escopo. Apesar dessa mobilidade, a posição com maior número de ocorrências no *corpus* é a inicial, sugerindo um movimento de deslocamento para o início da sentença em que o circunstanciador se encontra.

Embora se assemelhe à microconstrução 1.2 nesse ponto, a microconstrução 1.3 diferencia-se dela porque demarca não o início do evento no eixo temporal, mas seu término, como já mencionamos anteriormente.

Tomando (42) como exemplo, verificamos que seu escopo ainda encontra-se interno à cláusula, no caso, o verbo “conhecia”, cuja ação é recuperável no discurso em relação a um marco temporal. Nesse aspecto, as microconstruções 1.2 e 1.3 diferenciam-se da microconstrução 1.1, cujo escopo é um elemento de caráter predicativo, em relação ao qual não apresenta mobilidade, uma vez que causaria

estranheza algo como “na noite de 30 de abril de 1981, Andrea saiu de Ipanema dirigindo um Corcel ao lado de seu namorado **então**, Sérgio”, por exemplo.

Além disso, começa a ocorrer um pequeno passo rumo ao discurso, já que o marco temporal retomado anaforicamente nem sempre vem especificado por um adverbial de tempo, como em (41) “nos anos 1860”. Em (42), a ocorrência de “no começo da semana” não é uma referência exata de “até então”, divisor de dois momentos: aquele em que a marca “Lucy In The Sky” deixa de ser desconhecida e passa a ser conhecida pelo sujeito da enunciação, que, no caso, é o momento em que ele entra em uma loja e vê o produto pela primeira vez. “Até então” aponta anaforicamente para o evento descrito anteriormente, enfocando o seu término. A presença maciça de verbos no passado reforça a ideia de uma ação ocorrida no passado, com duração limitada, sendo indicado seu término, mas não seu início.

5.2.1.4 Microconstrução 1.4

A microconstrução 1.4, instanciada formalmente por $\{[X]_{s1} \leftarrow [a \text{ partir de então} \rightarrow Y]_{s2}\}$, com apenas 7 ocorrências e índice de 5,51% do total encontrado nos *corpora*, assim como a microconstrução 1.2, $\{[X]_{s1} \leftarrow [desde \text{ então}^{ANT/POSP} \rightarrow Y]_{s2}\}$, também indica ponto de partida em relação a um marco temporal. Partindo, no entanto, do princípio da não sinonímia de Goldberg (1995)⁷⁰, buscamos evidências de funções distintas, analisando os exemplos encontrados no *corpus* de análise:

(44) A realidade, hoje, aponta para uma evolução. Há no País sete sheiks brasileiros. Dez anos atrás, havia três. Em todos os Estados da federação há alguma mesquita, mussala, sociedade beneficente ou cemitério islâmico. No Rio de Janeiro, por exemplo, encontra-se uma das comunidades pioneiras em realizar sermões em português e não em árabe – o islã praticado no Brasil, atualmente, deriva da imigração árabe do Oriente Médio do fim do século XIX e século XX. Essa movimentação toda pela qual passa o islã teve como gatilho os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. **A partir de então**, a mesma esteira que trouxe para cá notícias distorcidas sobre os fundamentos islâmicos e o medo semeou nas pessoas uma grande curiosidade sobre a religião. (*Corpus revistas formais* 2014)

(45) Os bonés ganharam notoriedade mesmo na transição dos séculos XIX e XX com o advento do beisebol. **A partir de então**, o modelo foi popularizado e ganhou status de acessório de moda na década de 60 quando surgiram os primeiros moldes e formatos estilizados. (*Corpus blogs* 2014)

⁷⁰ De acordo com Goldberg (1995), se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas.

(46) Além da genética, muitos fatores influenciam no ganho de peso, como histórico familiar, hábitos antigos e sedentarismo. No entanto, colocar a responsabilidade por não emagrecer somente em fatores externos não vai ajudar em nada na redução de peso. O importante é reconhecer que a decisão final de comer ou não uma barra de chocolate é da própria pessoa. **A partir de então** será possível enfrentar as dificuldades, combatê-las e, assim, conquistar bons resultados. (*Corpus revistas informais 2014*)

Como podemos evidenciar nos exemplos (44) e (45), a microconstrução 1.4, já não retoma somente um tempo cronológico que é ponto de partida para uma ação que vai se desenvolver até o momento atual, mas indica também uma relação discursiva no texto, em que a ação posterior vai se desenvolver a partir do que é exposto anteriormente.

No exemplo (44), a microconstrução 1.4 retoma anaforicamente o marco temporal “11 de setembro de 2011”, mas também o próprio evento, isto é, os atentados terroristas que marcaram essa data. Notamos, portanto, um caminhar para uma relação de retomada discursiva, o que diferencia essa construção da microconstrução 1.2, que retoma prototipicamente um marco temporal. Em (45), “a partir de então” relaciona a popularização do boné à época em que o beisebol surgiu, na transição dos séculos XIX e XX, tornando-se ainda mais evidente essa relação discursiva, em que a microconstrução “a partir de então” aponta anaforicamente para toda a sentença anterior, um fato demarcado temporalmente, que é ponto de partida para o evento posterior.

Já em (46), “a partir de então” indica que um momento hipoteticamente estabelecido é ponto de partida e condição para o evento posterior: só será possível enfrentar as dificuldades e conquistar bons resultados a partir do momento em que houver o reconhecimento de que a decisão final de comer ou não uma barra de chocolate é da própria pessoa. Como podemos perceber, trata-se de um momento discursivo, estabelecido contextualmente, havendo um caminhar considerável rumo ao discurso, uma vez que “a partir de então” assume posição fixa no início da sentença, que funciona como seu escopo, dando relevo à sentença anterior, com a qual já estabelece uma certa relação de dependência e de decorrência, confirmando a hipótese da expansão pragmática do uso prototípico de “então” e o crescente de intersubjetividade que estamos propondo.

Nos exemplos (44), (45) e (46), “**a partir de então**” poderia ser parafraseada por “**desde então**”, o que a aproximaria desta construção. No entanto, nos três exemplos, aquela construção poderia ser parafraseada por “a partir disso”, o que comprova estarmos diante de uma expansão do uso como circunstanciador temporal para um uso como conector textual. Parece-nos que o falante utiliza-se do padrão construcional “[preposição] + [então]” (como em “até então” e “desde então”), que indica uma duratividade em relação a um marco cronológico específico, para criar, por analogia, “a partir de então”, num primeiro momento, representando apenas uma mudança construcional na forma, com o mesmo sentido de “desde então”, e, posteriormente, assumindo o estatuto de uma nova construção na língua, por se tornar um novo par forma-função, retomando anaforicamente um momento no discurso referido anteriormente, a partir do qual o outro se desenvolveu ou poderia hipoteticamente se desenvolver. Embora essa afirmação não possa ser categórica por se tratar de uma pesquisa sincrônica, sua baixa frequência (5,55%) do total de ocorrências no *corpus* indica ser um uso recente e, conseqüentemente, instanciado pelos mais prototípicos da rede.

Nesse sentido, procuraremos demonstrar que as microconstruções que ocupam a posição final dentro de cada subesquema estão, de alguma forma, relacionadas tanto ao subesquema ao qual estão vinculadas quanto ao subesquema subsequente, o que demonstra haver um contínuo entre um uso mais prototípico e o menos prototípico, o qual representa uma expansão daquele, mas ainda mantém alguma característica que nos leva a incluí-lo naquele subesquema. Sendo assim, justificamos a inserção de “a partir de então” no subesquema 1 por considerarmos que essa construção, embora já estabeleça uma relação no plano textual, ainda localiza seu escopo temporalmente, mesmo que seja um momento delimitado contextualmente, ou seja, ainda há um resgate temporal do momento em que o evento precedido pela microconstrução ocorre na realidade.

Além disso, seguindo o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), esse pequeno avanço em relação ao discurso, que se intensifica na microconstrução 1.5, representa um micropasso rumo à expansão metafórica que estamos propondo dentro do próprio subesquema ao qual ela pertence e, conseqüentemente, um avanço em termos de (inter)subjetividade, já que esta está diretamente relacionada aos processos de expansão semântica.

5.2.1.5 Microconstrução 1.5

A microconstrução 1.5, {[X]_{s1} ← [só então → Y]_{s2}}, ocupa a última posição do subesquema 1 e apresenta 4,72% de representatividade nos *corpora* analisados, sendo, pois, o padrão menos prototípico do subesquema 1. Assim como a microconstrução 1.4, ela também realiza uma retomada no texto de um momento real ou hipotético, a partir do qual o próximo evento se desenvolve, com a diferença de “**só então**” apresentar aspecto pontual, ou seja, focalizar o momento exato em que a ação ocorre, representando uma espécie de imediaticidade do evento. Observe os excertos abaixo:

(47) "Fui pega de surpresa com a notícia de que Nozumu tinha começado a namorar uma amiga, também da igreja. Foi um choque. **Só então** entendi que o amava." (*Corpus* revistas informais 2014)

(48) **Obras** - Entre 2011 e 2013, nas duas primeiras etapas do restauro, haviam sido recuperadas as 12 imagens dos apóstolos - que medem cerca de 3 metros cada -, a capela do Santíssimo, as capelas laterais e o órgão com 6 mil tubos, que foi instalado em 1954, durante as comemorações do quarto centenário de São Paulo. Se depender dos planos dos religiosos, a recuperação da igreja não termina por aqui. "Estamos resgatando os detalhes para iniciar o restauro do baldaquino, ainda neste ano", adianta Rossi.

De mármore branco italiano de Carrara, a peça sustenta-se por quatro colunas de pórfiro vermelho da Sibéria, com capitéis de bronze. "Em cima, há um trabalho com folhas de ouro", completa o restaurador. "Em seguida, devemos iniciar o restauro da nave da igreja", diz João Baptista. **Só então**, mais de 100 anos após ser inaugurada, a Basílica de Nossa Senhora da Assunção estará novamente tinindo, pronta para ser vista, frequentada e apreciada por fiéis católicos, turistas e todos os outros interessados. (*Corpus* revistas formais 2014)

Em (47), “**só então**” pode ser parafraseado por “exatamente naquele momento”: o locutor entende que ama Nozumu exatamente no momento em que recebe a notícia de que ele está namorando uma amiga. Por outro lado, em (48), “**só então**” retoma um momento hipotético e contextualmente delimitado: a Basílica Nossa Senhora da Assunção estará pronta para ser inaugurada exatamente no momento em que se encerrar o restauro da nave da igreja, último item da lista de restauração. Nesse caso, comprovaríamos o resgate temporal através da paráfrase “**Quando** encerrarmos o restauro da nave da igreja, a Basílica de Nossa Senhora da Assunção estará novamente tinindo”. Observamos, nesse caso, que esse momento só é depreendido contextualmente, uma vez que esse término não é mencionado, o

que demonstra que a microconstrução 1.5 relaciona seu escopo a um momento discursivo, delimitando-o pontualmente no tempo.

Além desse caminhar rumo às relações textuais, a microconstrução 1.5, ocupando o início da sentença, focaliza toda a proposição, projetando a informação a ser dada a partir de um evento previamente apresentado e apontando o momento exato em que a ação ocorre ou ocorrerá.

A microconstrução 1.5 focaliza um momento pontual no discurso e, nesse caso, percebemos, portanto, já haver uma projeção do falante, isto é, ele chama a atenção do interlocutor para um momento específico no enunciado. Dessa forma, a microconstrução 1.5 apresenta uma expansão pragmática em relação às demais construções do subesquema 1 à medida em que subjaz a ela um aspecto mais intersubjetivo que todas as outras quatro microconstruções, pois o falante utiliza a construção “só então” para focalizar um momento contextualmente demarcado a partir do qual a ação seguinte se realizará. Esse movimento no discurso já envolve uma dedução do falante, característica basilar do subesquema 2.

Com a análise desta última microconstrução do subesquema 1, conseguimos demonstrar que: i) todas as microconstruções do subesquema 1 apresentam uma função em comum, a qual denominamos circunstanciação temporal; ii) essa função se estabelece no subesquema a partir da expansão metafórica espaço > tempo, com base no sentido fonte de “então” como dêitico espacial, passando a anafórico temporal; iii) o pareamento forma-função, descrito ao longo da subseção 5.2.1, demonstra um caminhar rumo ao texto, de um uso [-subjetivo] para um [+subjetivo]; iv) as cinco microconstruções apresentam ancoragem em um marco temporal anteriormente apresentado e retomado anaforicamente.

5.2.2 O subesquema 2 e suas microconstruções

No subesquema 2, estão alocadas as microconstruções com “então” que apresentam como conjunto de similaridades as seguintes características: foricidade, caráter focalizador e relacional, conexão, metaforização tempo > texto e ancoragem sentencial, [+ subjetiva] do que as microconstruções do subesquema 1. As

microconstruções deste subesquema desempenham função de conectores⁷¹ textuais que relacionam seus escopos com as sentenças precedentes, estabelecendo uma relação de interdependência semântica entre ambas. Vejamos os exemplos abaixo:

(49) Depois dessa fase, ela lançou Anacrônico e eu acabei dando uma afastada do som dela. Comecei a entrar numa fase mais romântica (a era Los Hermanos) e acabei dando um tempo do rock pra mergulhar na MPB. Ouvia muito (muito, muito, muito mesmo) Chico Buarque, Tropicália, Elis, Cazuza e cia (bem Noites Tropicais, livro sobre a MPB dos anos 50 a 90). Curtia uma música ou outra, mas sempre acompanhava fotos dela. Aí veio Chiaroescuro e, por mais que, novamente, o álbum não tenha me empolgado à primeira audição, me apaixonei por Me Adora (top10 da minha playlist: músicas de momentos especiais da vida).

Então vieram discos ao vivo e o Agridoce (projeto paralelo com o guitarrista da banda, Martin), até que, depois de um bom tempo sem lançar material inédito ela surge com Setevidas. E que álbum foda. Rock, intenso, lírico, pesado. Tenho ouvido sem parar, especialmente na estrada, quando a mente fica mais tranquila e dá a devida atenção às letras e musicalidade. É o álbum mais maduro e o mais elogiado da sua carreira. Setevidas fala de passagens e transformações. (*Corpus blogs* 2014)

(50) A fórmula contém formol, **então** não pode ser usada pelas alérgicas. (*Corpus blogs* 2014)

Como vemos, em (49), temos uma sequência de eventos enumerados que ocorrem sucessivamente, dentro de uma sequência narrativa: depois de várias ações enumeradas, temos a sequência em que 1º) “veio Chiaroescuro”, 2º) “me apaixonei por *Me Adora*”, 3º) “*vieram discos ao vivo e o Agridoce*”. A sequência “*vieram discos ao vivo e o Agridoce*” é introduzida por “então”, que estabelece uma relação entre essa sentença e a anterior, demonstrando uma ordem de sucessão de eventos, tanto no plano textual, quanto no temporal. Por outro lado, em (50), “então” estabelece uma relação entre fatos, mas não se trata de eventos narrados, e sim de uma relação lógica de causa e consequência: o fato de a fórmula não poder ser usada pelas alérgicas decorre do fato de ela conter formol. No entanto, tanto a sequenciação das orações no discurso narrativo em (49), quanto a ordenação das sentenças em (50), demonstram o caráter icônico da combinação dessas sentenças que se inserem no mesmo subesquema.

⁷¹ A palavra conector será utilizada tanto no sentido *lato sensu*, quanto *stricto sensu*, o que será melhor descrito adiante.

Podemos perceber que existem semelhanças entre (49) e (50): há uma relação entre sentenças, ou seja, há uma retomada anafórica e um apontamento para frente, indicando continuidade discursiva, o que demonstra uma ordenação no plano textual. No entanto, as duas construções pertencentes ao subesquema 2 se diferem no sentido em que a microconstrução com “então” presente em (50), seguindo Risco (2006), ordena uma ação motivada na esfera lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado entre fatos ou argumentos, enquanto a do exemplo (49) ordena eventos que se sucedem temporalmente e textualmente em uma sequência narrativa. Portanto, as similaridades existentes entre elas nos permitem incluí-las no mesmo subesquema, enquanto as distinções nos levam a entendê-las como padrões microconstrucionais diferentes, os quais serão descritos nas subseções adiante.

Os padrões do subesquema 2 foram agrupados em torno da função mais geral que é a “conexão” no eixo lógico-semântico entre sentenças. Utilizamos a palavra “conector” no sentido amplo, para fazer referência tanto à função comumente denominada “sequenciador”, quanto às demais funções pertencentes a esse subesquema. Conforme discutido em 2.1.3, “então” apresenta como função basilar relacionar elementos em diversos níveis, sendo, pois, considerado um conector *lato sensu*. No entanto, entendemos que as construções com “então” do subesquema 2 estão mais próximas, devido à abrangência dos conectores e ao grau de integração entre as sentenças interligadas por eles, da função de um conectivo. Por essa razão, relembremos que assumimos a conexão lógica entre sentenças como característica basilar do subesquema 2, diferenciando-a do que convencionamos chamar caráter relacional presente no esquema mais abstrato.

Conforme salientamos, na seção 5.2.1, o subesquema 1 apresenta como características distintivas em relação aos demais subesquemas a circunstanciação temporal e a ancoragem em um marco temporal anterior. Por outro lado, o subesquema 2 apresenta a conexão lógica entre sentenças e a ancoragem na sentença anterior como principais particularidades. Estes dois atributos podem ser facilmente verificados, como podemos observar nos exemplos (49) e (50): as sentenças posteriores ao “então” – “vieram discos ao vivo e o Agridoce” e “não pode ser usada pelas alérgicas” – são os seus escopos, projetados em relação às sentenças anteriores “me apaixonei por *Me Adora*” e “A fórmula contém formol”, nas

quais o conector, nos dois casos, está ancorado. Dessa forma, configura-se, também, o caráter relacional característico desse subesquema, estabelecido através de um movimento retroativo propulsor, seguindo Tavares (2014). Esse movimento no plano textual demonstra ter havido uma mudança baseada em uma reinterpretação metafórica do valor temporal característico do subesquema 1: a sucessão temporal é reinterpretada como sucessão no texto, sendo as construções utilizadas para estabelecer relações de interdependência entre sentenças.

Essas relações de interdependência semântica⁷² entre orações, segundo Koch (2002), podem ser estabelecidas entre enunciados ou entre enunciado e enunciação. As relações entre enunciados são as denominadas lógicas, ou seja, no nível do *dictum*, enquanto as outras são as pragmáticas ou argumentativas, estabelecidas no nível do *modus*. Essa distinção, basicamente, irá diferenciar o subesquema 2 do subesquema 3.

As relações no nível do *dictum*, como veremos nas microconstruções, apresentam um caráter icônico, na medida em que há uma decorrência da segunda sentença em relação à primeira, isto é, seguindo Halliday e Matthiessen (2004), conforme discutido em 2.1.3, há uma expansão na sentença seguinte em relação à anterior no campo lógico-semântico, no caso do subesquema 2, por ordenação temporal, causa/efeito, disjunção, condição/consequência, finalidade, oposição ou explicação, conforme encontrado no *corpus* analisado.

Foram identificados, no subesquema 2, sete padrões construcionais no nível microconstrucional, agrupados abaixo conforme o pareamento função e forma:

Quadro 11 - Pareamento forma e função do subesquema 2 e das microconstruções pertencentes a ele

SUBESQUEMA 2	
FORMA: {{(se) X } ← [(conector) então → Y]}	
X = Sentença 1 Y = Sentença 2	
FUNÇÃO: Apontamento fórico; caráter focalizador e relacional; conexão entre sentenças; ancoragem sentencial.	

⁷² Koch (2002, p. 112) considera as orações tradicionalmente denominadas coordenadas, subordinadas e justapostas como interdependentes, ou seja, exprimem a mesma relação semântica que exige, necessariamente, a presença de dois membros necessários para veicular o significado pretendido.

MICROCONSTRUÇÃO 2.1	
FORMA: {[X] ← [(e) então → Y]}	FUNÇÃO: Relação de sequencialidade de eventos; [+ subjetivo].
MICROCONSTRUÇÃO 2.2	
FORMA: {[X] ← [∅ então → Y]}	FUNÇÃO: Relação de causa e efeito; [+ subjetivo].
MICROCONSTRUÇÃO 2.3	
FORMA: {[X] ← [ou então → Y]}	FUNÇÃO: Relação de disjunção; [+ subjetivo].
MICROCONSTRUÇÃO 2.4	
FORMA: {[se X] ← [então → Y]}	FUNÇÃO: Relação de condição e consequência; [+ subjetivo].
MICROCONSTRUÇÃO 2.5	
FORMA: {[X] ← [para então → Y]}	FUNÇÃO: Relação de finalidade; [+ subjetivo].
MICROCONSTRUÇÃO 2.6	
FORMA: {[X] ← [mas então → Y]}	FUNÇÃO: Relação de oposição; [+ subjetivo] do que os demais.
MICROCONSTRUÇÃO 2.7	
FORMA: {[X] ← [porque então → Y]}	FUNÇÃO: Relação de explicação; [+ subjetivo] do que os demais.

Vejamos, na tabela abaixo, a distribuição de cada microconstrução no subesquema 2, de acordo com as ocorrências encontradas nos *corpora* analisados:

Tabela 5 - Distribuição das microconstruções do subesquema 2

Microconstruções do subesquema 2	Total	
	n.º	%
<i>Micro 2.1</i>	50	23,26%
<i>Micro 2.2</i>	125	58,14%
<i>Micro 2.3</i>	18	8,37%
<i>Micro 2.4</i>	16	7,44%
<i>Micro 2.5</i>	4	1,86%
<i>Micro 2.6</i>	1	0,47%
<i>Micro 2.7</i>	1	0,47%
Total	215	100%

De acordo com a tabela 5, a microconstrução 2.1 apresenta 50 ocorrências, equivalente a 23,26% do total encontrado nos *corpora*, ocupando o segundo lugar em frequência de uso. A mais recorrente, no entanto, é a microconstrução 2.2, com 125 ocorrências e 58,14% de representatividade, seguida, respectivamente, das microconstruções 2.3, 2.4, 2.5, 2.6 e 2.7.

É interessante observarmos, ainda, que faz parte de cinco dos sete padrões microconstrucionais desse subesquema a possibilidade de justaposição de conectores distintos: “e então”, “ou então”, “para então”, “mas então” e “porque então”. Podemos perceber, ao contrapormos essas combinações de conectores com as mesmas ocorrências sem um dos conectores, que há uma perda pragmático-semântica significativa, principalmente, no que se refere à focalização da sentença introduzida por eles e à intensificação da relação estabelecida por ambos, ou seja, a utilização da justaposição de conectores parece aumentar a força expressiva da relação estabelecida por eles, seja de sequenciação, de disjunção, de finalidade, de oposição ou de explicação. Além disso, “então” acrescenta à sentença subsequente uma ideia de decorrência em relação à primeira.

A esse respeito, Diewald (2011) defende a ideia de que os fenômenos da gramaticalização e da pragmaticalização estejam diretamente associados, o que implica dizer que fatores pragmáticos, ou seja, aqueles motivados pelas necessidades comunicativas dos participantes de uma interação, dentre os quais, a expressividade do falante, podem levar à gramaticalização. Também Dall’Orto (2018), em estudo sobre as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa, defende que o locutor conceptualiza a expressividade de maneiras distintas. De acordo com a autora, a necessidade de ser mais expressivo na interação leva o falante à instanciação de novas construções, fenômeno que está diretamente ligado ao da (inter)subjetividade, uma vez que, ao utilizar, por exemplo, “mega” no lugar de “super” para ser mais expressivo, ele demonstra uma preocupação tanto com sua imagem quanto com a de seu interlocutor.

Assim sendo, de maneira análoga, verificamos, embora não seja o objetivo de nosso trabalho, que, no subesquema 2, as construções com justaposição de conectores é um forte indício de maior expressividade do falante em relação aos usos, no mesmo contexto, de apenas um conector, e, portanto, de um passo adiante

em relação ao crescente de (inter)subjetividade. Além disso, embora nossos dados não nos permitam afirmar categoricamente, parece haver uma tendência a se utilizar os conectores justapostos como *chunks*, uma vez que o deslocamento dos mesmos na sentença parece quebrar a força expressiva dos mesmos e, conseqüentemente, gerar novo significado⁷³.

5.2.2.1 Microconstrução 2.1

A microconstrução 2.1, representada formalmente por $\{ [X] \leftarrow [(e) \text{então} \rightarrow Y] \}$, está alocada no subesquema 2 por apresentar como função mais geral a conexão entre sentenças. Defendemos se tratar de um conector “*lato sensu*”, uma vez que estabelece uma relação de interdependência entre sentenças. Vejamos:

(51) Em maio de 1976, dois meses após o golpe de Videla, o general Saint Jean trovejou: “Primeiro, mataremos todos os subversivos. Depois, seus colaboradores. Mais tarde, os seus simpatizantes. **Então**, mataremos os que permanecerem indiferentes. E, finalmente, vamos matar os indecisos...” (*Corpus revistas formais* 2014)

(52) M: aí cê foi se inscrever no Raul Gil

L: me inscrevi na hora e:: aí já cheguei pra cantar lá

M: mas aí... como é que você conseguiu entrar... você teve que passar por teste pro Raul... como é que foi?

L: então... primeiro eu me inscrevi pela internet... **então** a gente/ a minha mãe me levou lá... a gente pegou uma fila... todo mundo cantava música gospel e eu era a única que ia cantar Janis Joplin... então eu já fiquei assim “mãe... pelo amor de Deus... eu não vou não vou passar de jeito nenhum” (E13, 6:35 – *Corpus oral*)

(53) Mesmo com o cabelo molhado, não borrifo o spray diretamente no cabelo. O que eu faço é dar duas ou três borrifadas na mão **e então** espalho no lado direito da cabeça e depois mais duas ou três borrifadas para o lado esquerdo. (*Corpus blogs* 2014)

⁷³ Embora teoricamente esses conectores possam aparecer separadamente em um mesmo contexto, em uma breve busca na internet, encontramos indícios de um caminhar para um *chunk*. Apenas a título de curiosidade e exemplificação, tomemos a seguinte ocorrência retirada do Twitter em 26/07/2018: “Fica. **Ou então** vai de vez.” (Frases@Privacidades18 de jul). Além de não termos encontrado exemplos em que os conectores “ou então” estivessem separados, frequentemente, aparecem escritos juntos, como em “Fica, com Deus **ouentão** fica com nós \ô/ Boa noite Tonnnnn!!!!” (@Liliane Gfs 13 de set de 2011) e “Vou no Adriano com meu love quando sair **ouentão** na sopperia” (@juumoraees18 16 de jun de 2017).

Como podemos observar nos exemplos acima, “(e) então” ordena eventos, em que um ocorre imediatamente após o outro, representando, iconicamente, uma sequência em que os fatos estão relacionados temporalmente. Em (51), a presença de outros sequenciadores como “primeiro” e “depois”, por exemplo, indica a enumeração de cinco eventos na ordem em que eles ocorrem na realidade, na qual “mataremos os que permanecerem indiferentes”, introduzido por “então”, ocupa o quarto lugar da lista. O mesmo ocorre também em (52) e (53), nos quais “(e) então” retoma anaforicamente o momento em que a ação anterior é encerrada e anuncia a subsequente, relacionando duas sentenças tanto temporalmente, quanto discursivamente. Nesses casos, “então” poderia ser parafraseado por “depois”.

Embora reconheçamos que exista ainda uma ordenação no eixo temporal, optamos por incluir esse padrão microconstrucional no subesquema 2, uma vez que essa ordem também expressa uma relação no nível textual em que a ocorrência da sentença seguinte se dará após e em relação à primeira, havendo, portanto, um avanço rumo ao texto, com aumento na ancoragem. Consideramos esse uso, assim como os demais do subesquema 2, [+subjetivo] do que os anteriores, visto vez que passam a expressar uma atitude do falante em relação ao próprio texto produzido. No caso da microconstrução 2.1, o sujeito utiliza a construção para ordenar duas sentenças, organizando o texto sem que haja uma relação lógica entre as sentenças, como ocorre com as demais microconstruções do mesmo subesquema, motivo de a termos alocado antes da microconstrução 2.2.

5.2.2.2 Microconstrução 2.2

Esse padrão construcional aparece, nos *corpora*, com 125 ocorrências e 58,14% de representatividade, o que demonstra ser a microconstrução mais prototípica do subesquema, apresentando, como função basilar, estabelecer relações lógico-semânticas de consequência, conclusão ou resultado entre duas sentenças. Assim, a microconstrução $\{ [X] \leftarrow [\emptyset \text{ então } \rightarrow Y] \}$ retoma anaforicamente a sentença anterior, ao mesmo tempo em que introduz a sentença seguinte, como em (54) e (55):

(54) Bálsamo labial, EOS: meus lábios sofrem muuuito no ambiente seco do avião, **então** não viajo sem pelo menos um bom bálsamo labial para me salvar. Estou gostando do da Vaseline também, que conheci agora na viagem.

Colírio, Visine: dependendo do vôo também sinto incômodo nos olhos, **então** levo sempre um colírio de “lágrimas” (meu oftalmo indicou o Lacrima Plus, por exemplo) para ajudar. Esse comprei nos EUA na volta e estou gostando, mas o ideal é pedir uma indicação certa para você ao seu oftalmologista. (*Corpus blogs* 2014)

(55) Combinei com esta sapatilha inteira com tachinhas, bolsinha de lado (pra mim simplesmente indispensável) e chapéu.

Era domingo a tarde, **então** evitei exagerar demais. Ah! E o meu cabelo, aos poucos estou assumindo o volume dele. (*Corpus blogs* 2014)

Podemos dizer, de maneira mais geral, que a microconstrução 2.2 apresenta como função basilar conectar duas sentenças, de modo que uma decorra da outra, ou seja, estabelece uma ligação entre ações motivadas entre si. Essa correlação estabelecida entre ambas pode se dar no âmbito das relações lógico-semânticas de causa e consequência, conforme amostra (54) ou de premissa e conclusão, como em (55). Como podemos notar, a iconicidade presente na microconstrução não se dá mais no plano temporal, entre sequências de eventos narrados, mas sim entre proposições, com relação de causa/efeito.

No entanto, essa relação nem sempre é facilmente detectada, uma vez que frequentemente apresentam-se imbricadas, de acordo com Ilari (2008), diversas noções semânticas, tais como anterioridade, causa e condição, bem como o sincretismo entre *dictum* e *modus*. O primeiro sincretismo é exatamente o que diferencia as microconstruções 2.1 e 2.2 entre si, já que, na microconstrução 2.1, são a anterioridade e a posterioridade que relacionam as duas sentenças, enquanto, na microconstrução 2.2, há uma relação de causa e efeito entre fatos. Ilari (2008) apresenta o exemplo “ficou grávida e casou”, no qual o locutor explicita tanto uma relação cronológica de anterioridade e posterioridade quanto uma relação de causa e consequência, o que demonstra a possibilidade da coocorrência dessas relações.

De acordo com Koch (2002, p. 29), podemos identificar dois tipos de relações entre os enunciados que se encadeiam para formar o texto, do ponto de vista da enunciação: i) as “lógicas ou semânticas em sentido estrito”, que equivalem às

relações de conjunção, disjunção, equivalência, implicação, bicondicionalidade, dentre as quais se incluem as de causalidade, alternância, temporalidade, condicionalidade etc.; ii) as “paralógicas, discursivas ou pragmáticas”, com caráter mais subjetivo, que pouco ou nada têm de “lógico” na acepção estrita do termo.

Nos exemplos apresentados, podemos perceber uma relação estrita de interdependência entre duas sentenças: em (54), o fato de o sujeito não viajar sem um bálsamo labial e sem um colírio decorre do fato de seus lábios e seus olhos sofrerem muito no ambiente seco do avião; em (55), o fato de o sujeito da enunciação evitar exagerar decorre do fato de ser domingo.

No caso de (55), a relação estabelecida entre as sentenças passa pela inferência de que à tarde não se carrega na maquiagem, o que não está explícito, mas faz parte do conhecimento de mundo partilhado pelos falantes da língua. Esse tipo de relação conclusiva, embora alguns autores considerem como dois atos de fala – sendo, portanto, estabelecida no nível do *modus* –, é entendida por nós como uma relação entre conteúdos, mesmo que haja uma premissa implícita, alocando essa microconstrução no subesquema 2. No subesquema 3, temos, ao contrário, uma relação conclusiva que, inserida em um contexto estritamente argumentativo, busca influenciar o interlocutor, havendo, pois, uma relação, de fato, no nível do *modus*, ou seja, uma conclusão entre enunciações sucessivas, relacionando argumentos e sua conclusão.

5.2.2.3 Microconstrução 2.3

Com 18 ocorrências e 8,37% de representatividade nos *corpora*, a microconstrução 2.3, representada formalmente por $\{ [X] \leftarrow [\text{ou então} \rightarrow Y] \}$, apresenta, como as demais construções deste subesquema, apontamento fórico, conexão entre sentenças e ancoragem sentencial, sendo a sua particularidade o estabelecimento de uma relação de alternância. Vejamos:

(56) VOCÊ ALISA O CABELO MOLHADO

Viu um vapor ou ouvir um chiado? Pare imediatamente. O seu cabelo deve estar completamente seco antes de começar. **Ou então** ele não vai ficar liso e ainda por cima acumulará danos. (*Corpus revistas informais* 2014)

- (57) Uma outra dica é que tomem cuidado ao utilizar madeira em um ambiente, esse uso deve ser feito de forma moderada e pontual **ou então** seu cantinho vai ficar com aspecto rústico e com cara de fazenda (se você gosta deste tipo de ambiente, se joga e aproveita). (*Corpus blogs* 2014)

A microconstrução 2.3 estabelece uma relação lógica de disjunção⁷⁴ entre duas proposições, em que uma exclui a ocorrência da outra, ou seja, a segunda sentença representa uma expansão por extensão da primeira, oferecendo-lhe uma alternativa. Em (56), existem duas alternativas mutuamente excludentes e, portanto, em oposição: o cabelo estar seco e ficar liso ou o cabelo estar molhado e não ficar liso. O mesmo ocorre em (57), em cujo exemplo são apresentadas duas alternativas excludentes: o uso de madeira em um ambiente deve ser moderado e pontual para que o ambiente não fique com aspecto rústico ou o contrário disso.

5.2.2.4 Microconstrução 2.4:

A microconstrução 2.4, formalmente representada por $\{[se X] \leftarrow [então \rightarrow Y]\}$, apresenta 16 ocorrências nos *corpora*, representando 7,44% do total de ocorrências. Podemos diferenciar esse padrão do padrão 2.2 na medida em que, formalmente, existe a presença da conjunção “se” e, funcionalmente, há a presença de uma construção correlata hipotética, que, de acordo com Módolo (2008), apresenta uma natureza factual realçada, muitas vezes, por um elemento conclusivo – no caso, “então”, introduzindo a segunda sentença. Vejamos:

- (58) MC: A lâmina deixa a pele ressecada?
DS: A lâmina não interfere na hidratação da pele, **se** a pele já estiver muito seca, **então** pode ficar mais irritada. (*Corpus revistas informais* 2014)
- (59) "Há uma confusão muito comum de misturar a entrega com euforia e loucura, pois é preciso conhecer gradualmente a pessoa que você pretende ficar por um bom tempo. **Se** uma pessoa se apaixona loucamente em poucos dias, **então** alguma coisa não está bem com ela. Seja por carência ou excesso de imaginação, ela quer acreditar que é possível amar e decidir passar "o resto da vida" com outra. Amor mesmo se desenvolve com o tempo, convivência, momentos difíceis, ou seja, é uma construção que só pode acontecer na convivência." (*Corpus revistas informais* 2014)

⁷⁴ De acordo com Raposo *et al* (2013, p. 1796), na disjunção, há a expressão de uma “opção, uma alternativa, entre os membros de um conjunto, representados pelos termos coordenados.”

Como podemos notar, existe uma correlação entre a segunda sentença e a primeira, isto é, ocorrendo a primeira, obrigatoriamente, ocorrerá a segunda. Em (58), a oração correlata hipotética “então pode ficar mais irritada” ocorrerá se, e somente se, “a pele já estiver muito seca”. Como podemos perceber, nesse padrão construcional, o conector “então” introduz uma sentença que está em relação de interdependência com a anterior, também retomada anaforicamente por ele, como em (59), na qual a sentença “se uma pessoa se apaixona loucamente em poucos dias” é condição para se deduzir que “então alguma coisa não está bem com ela”.

5.2.2.5 Microconstrução 2.5:

A microconstrução 2.5, formalmente representada por $\{[X] \leftarrow [\text{para então} \rightarrow Y]\}$, aparece no *corpus* apenas quatro vezes, com 1,86% de representatividade, e explicita uma relação de finalidade entre as orações, conforme os exemplos:

(60) Outro uso comentado pelo especialista é após a hidratação dos fios com máscara. “Antes de hidratar, a cutícula está fechada, **para então** receber o tratamento. Se não fecharmos a cutícula de volta e acertarmos o pH do cabelo, na próxima lavada ele já está sem hidratação. (*Corpus blogs* 2014)

(61) O frasco é bem feminino, em tons de rosa e branco, com curvas que homenageiam o corpo da mulher. Soube que o formato dele foi criado em argila por um artista plástico primeiro, depois passado para uma impressora 3D **para então** ser fabricado em vidro. (*Corpus blogs* 2014)

Como podemos perceber, a microconstrução 2.5 apresenta como característica peculiar a presença da preposição “para” e do infinitivo verbal. Em (60) e (61), “para então” introduz a sentença que expressa a finalidade do pensamento contido na sentença anterior: em (60), a cutícula está fechada com a finalidade de receber o tratamento; e, em (61), a sentença “para então ser fabricado em vidro” expressa a finalidade de se ter passado o frasco para uma impressora 3D⁷⁵.

⁷⁵ Encontramos, em nosso *corpus*, a seguinte ocorrência: “Monitorando o comportamento de cada pessoa na rede, os engenheiros conseguiram montar um sistema em que a máquina acompanha e aprende com cada movimento dos usuários, tudo atualizado em tempo real, **para** poder **então** fazer previsões sobre as próximas ações das pessoas. (*Corpus revistas informais* 2014)”. Consideramos que se trata de uma construção em que “então” exerce função de focalizar a modalização introduzida

5.2.2.6 Microconstruções 2.6

Com apenas uma ocorrência, a microconstrução 2.6 aparece com 0,47% de representatividade no *corpus*:

- (62) Como você encara o envelhecimento? Na verdade é engraçado porque minha mãe tinha horror a envelhecer. Ela nunca contava a idade para ninguém. Eu nunca tive isso, até fazer 60 anos. Com 59 eu fiquei mal porque ia fazer 60. **Mas então** resolvi fazer uma festa e reverter esse incômodo. Foi ótimo! E hoje é tranquilo. (*Corpus revistas informais 2014*)

Em (62), temos a ocorrência da microconstrução 2.6, formalmente representada por $\{[X] \leftarrow [\text{mas então} \rightarrow Y]\}$, em que “mas então” está relacionando o fato de o sujeito resolver fazer uma festa ao fato de ele se sentir mal. A presença do conector adversativo “mas” coocorrendo com o conclusivo “então” ocorre em um contexto de contraexpectativa⁷⁶. Com 59 anos, o sujeito da enunciação se sente mal com o fato de estar fazendo aniversário e, ao contrário do esperado, resolve fazer uma festa.

Essa microconstrução encontra-se um passo à frente das demais microconstruções do subesquema 2 no que diz respeito ao grau de (inter)subjetividade, estando, por isso, alocada no final do mesmo. Consideramos que o fato de haver uma quebra da expectativa do interlocutor já demonstra um caminhar rumo a uma relação mais pautada na intersubjetividade – como ocorre no subesquema 3 – e menos voltada para a relação lógica entre proposições. No entanto, como encontramos apenas uma ocorrência dessa microconstrução, nos parece mais coerente incluí-la no subesquema 2, considerando-a, no entanto, menos prototípica do que as demais, o que também se verificará na microconstrução 2.7, analisada a seguir.

5.2.2.7 Microconstrução 2.7

pelo verbo auxiliar “poder”, não cabendo uma discussão mais detalhada em virtude de se tratar de um único caso.

⁷⁶ Conforme definido por Heine *et al.* (1991).

A exemplo do que ocorre com a microconstrução 2.6, com apenas uma ocorrência e 0,47% de representatividade no *corpus* analisado, a microconstrução 2.7 encontra-se também um passo à frente das demais microconstruções do subesquema 2 no tocante ao grau de (inter)subjetividade, sendo, pois, considerada menos prototípica do que as demais. Vejamos o exemplo:

(63) Chorar faz bem

“Choro quando meus filhos já estão dormindo. Eles não gostam de me ver chorar. É o momento em que me permito ficar sozinha com o celular do Fernando. Entro no Instagram dele, olho as fotos, assisto aos vídeos, leio o que ele escrevia, as mensagens que me mandava... O celular tornou-se meu companheiro inseparável. Também escrevo e posto textos sobre ele no Instagram. No Dia dos Pais, deixei uma mensagem. É um hábito que tem funcionado como uma espécie de catarse, **porque então** eu choro e coloco tudo para fora.” (*Corpus revistas informais 2014*)

Na microconstrução 2.7, formalmente representada por $\{[X] \leftarrow [\text{porque então} \rightarrow Y]\}$, cuja ocorrência está transcrita em (63), verificamos que “porque então” introduz uma sentença com caráter explicativo, uma vez que o fato de o sujeito da enunciação chorar e colocar tudo para fora representa uma explicação a respeito da espécie de catarse pela qual ele passa ao deixar uma mensagem no dia dos pais.

Como podemos notar, essa microconstrução está disposta no final do subesquema por considerarmos a explicação, assim como a contraexpectativa, um contexto em que há um maior grau de (inter)subjetividade em relação às demais construções do subesquema 2. O mesmo fenômeno ocorre também no subesquema 1, com a microconstrução 1.5 (“**só então**”), a qual está no limiar entre o subesquema 1 e o subesquema 2, embora, por semelhanças, esteja alocada naquele. Isso demonstra a expansão pragmática dos usos dentro de um mesmo subesquema, comprovando que, embora haja um ganho em termos semântico-pragmáticos de uma construção para a outra, não necessariamente há uma perda.

Com a análise dessas duas últimas microconstruções do subesquema 2, demonstramos que: i) todas as microconstruções do subesquema 2 apresentam como função comum a conexão entre sentenças; iii) essa função se estabelece a partir da expansão metafórica espaço > tempo > texto, partindo do sentido fonte como dêitico espacial, passando por uma neoanálise como circunstanciador temporal – conforme as microconstruções do subesquema 1 – e havendo, pois, uma reinterpretação como conector no âmbito textual – de acordo com as

microconstruções do subesquema 2; iii) o pareamento forma-função, descrito na subseção 5.2.2, demonstra um caminhar rumo ao discurso, partindo de construções [+ subjetivas], por estabelecerem relações entre sentenças a partir do ponto de vista do escritor/falante, chegando a anunciar, com as microconstruções 2.6 e 2.7, um grau de intersubjetividade próprio do subesquema 3; iv) as sete microconstruções apresentam, como ancoragem, a sentença anterior, retomada anaforicamente, e, como escopo, a sentença posterior, cataforicamente anunciada por “então”.

5.2.3 Subesquema 3

O subesquema 3, formalmente representado por $\{[(Y)] [X] [(N)] \leftarrow \text{então} \rightarrow [(Z)] [(Y)] [(W)]\}$ apresenta, como conjunto de similaridades, foricidade, caráter focalizador e relacional, metaforização texto > discurso, ancoragem no discurso e maior grau de intersubjetividade do que o subesquema 2, reunindo as construções com “então” com função de marcador discursivo. Vejamos:

(67) M: o que que você quer mesmo?

L: eu quero tudo ((risos))... não... assim...é:: eu quero tudo e quero:: muito...
então:: eu não me vejo sem cantar cantar é uma coisa é uma terapia pra mim é muito bom (E13 – 10:50)

No exemplo (67), verificamos uma construção utilizada pelo falante no discurso oral para ganhar tempo, demonstrando para seu interlocutor que está processando o conteúdo a ser enunciado. Não há mais uma relação do tipo lógica entre proposições, como ocorre no subesquema 2, mas uma preocupação com o fluxo conversacional, o que nos leva a considerar estarmos diante de um marcador discursivo, e não de um conector, levando-se em consideração as abordagens propostas por Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Risso *et al.* (1996, 2006), que analisam como MDs expressões que operam tanto na organização textual, quanto na organização interacional do discurso, conforme discutido na seção 2.1.3.3.

Partindo, portanto, desses pressupostos acerca do que vem a ser considerado um MD em nosso trabalho, subdividimos o subesquema 3, cuja função central é a organização discursiva, em outros dois subesquemas intermediários, a saber, 3.1 e 3.2, assim subdivididos a partir da própria definição de MD discutida em

2.1.3.3: o primeiro subesquema intermediário é composto por construções envolvidas no processamento textual e no nível das relações interacionais; e o segundo subesquema intermediário é constituído por microconstruções que operam como articuladores textuais, no nível das relações discursivas conclusivas, e no nível das relações interacionais. Observemos a tabela seguinte:

Tabela 6 - Distribuição do subesquema 3 por modalidade e níveis de formalidade

Corpora		Subesquema 3.1		Subesquema 3.2		TOTAL	
		nº	%	nº	%	nº	%
<i>Corpus escrito</i>	<i>Revistas formais</i>	1	0,5%	27	5,78%	28	4,19%
	<i>Revistas informais</i>	20	10%	115	24,63%	135	20,24%
	<i>Blogs</i>	64	32%	247	52,89%	311	46,63%
<i>Corpus oral</i>	<i>Entrevistas</i>	115	57,5%	78	16,70%	193	28,94%
Total		200	29,99%	467	70,01%	667	100%

Na tabela 6, verificamos que 70,01% das ocorrências do subesquema 3 pertencem ao subesquema 3.2, enquanto 29,99% estão associadas ao subesquema 3.1. Esse resultado nos levaria a intuir que o subesquema 3.2 é mais frequente na língua. No entanto, ao nos atentarmos para a modalidade discursiva, verificamos que o subesquema 3.1 aparece com 57,5% do número de ocorrências na oralidade, enquanto o subesquema 3.2 apresenta a maioria das ocorrências na modalidade escrita. Devido a uma limitação do próprio *corpus* constituído, conforme explicitado no Capítulo IV⁷⁷, não é possível traçar conclusões definitivas acerca da produtividade desses dois subesquemas. Entretanto, é evidente a influência do menor grau de formalidade, ou seja, o menor monitoramento nos dois subesquemas, o que pode indicar que a preferência pelo uso das construções com “então” na função de MD esteja associada ao nível de formalidade menor, em que se concentra a maioria das ocorrências⁷⁸. Tanto o subesquema 3.1, quanto o subesquema 3.2 apresentam maior número de ocorrências no *corpus* blogs, respectivamente, 64 e 247, representativo de um nível menor de formalidade dentro da modalidade escrita selecionada em nosso trabalho.

⁷⁷ Não há como comprovar uma equivalência em número de palavras entre o *corpus* oral e o escrito.

⁷⁸ Tal afirmação leva em consideração somente os dados da língua escrita, cujo *corpus* está subdividido em níveis de formalidade. Para verificarmos se o mesmo ocorre na oralidade, deveríamos constituir um *corpus* representativo dos três níveis de formalidade utilizados na modalidade escrita.

5.2.3.1 Subesquema 3.1:

Conforme observado na tabela 6, na seção anterior, o subesquema 3.1 é responsável por 200 ocorrências, com 29,99% de representatividade em relação ao subesquema 3. Lançando um olhar sobre essas ocorrências no *corpus* escrito, verificamos uma frequência crescente associada a uma diminuição do nível de formalidade, isto é, quanto mais informal e menos monitorado é o texto, maior a ocorrência deste padrão construcional. Agrupamos, no subesquema 3.1, seis microconstruções, conforme tabela abaixo:

Tabela 7 - Distribuição das microconstruções do subesquema 3.1

Microconstruções do subesquema 3.1	Total	
	n.º	%
<i>Micro 3.1.1</i>	44	22%
<i>Micro 3.1.2</i>	72	36%
<i>Micro 3.1.3</i>	22	11%
<i>Micro 3.1.4</i>	10	5%
<i>Micro 3.1.5</i>	22	11%
<i>Micro 3.1.6</i>	30	15%
Total	200	100%

O resultado do agrupamento por similaridades, após análise qualitativa dos dados, demonstra que a microconstrução 3.1.2 é a mais recorrente deste subesquema, com 72 ocorrências e 36% de representatividade nos *corpora*, sendo, pois, a mais prototípica deste subesquema. Por outro lado, a menos recorrente é a 3.1.4, com apenas 10 ocorrências e 5% de representatividade. Vejamos, no quadro abaixo, o pareamento forma-função das seis microconstruções deste subesquema:

Quadro 12 - Função dos subesquemas 3 e 3.1 e pareamento forma-função das microconstruções pertencentes a eles

SUBESQUEMA 3
FORMA: {[(Y)] [X] [(N)] ← então → [(Z)] [(Y)] [(W)]}
FUNÇÃO: Apontamento fórico; caráter focalizador e relacional; marcador discursivo, atuando no nível intertextual e interpessoal; ancoragem no discurso; [+ intersubjetivo].
SUBESQUEMA 3.1
FORMA: {[X] [(N)] ← então → [(Z)] [(Y)]}
X= Segmento textua1; N= Segmento textual inserido no tópico discursivo ← = Retomada fórica

<p>→ = Focalização Z= Frase formulaica Y= Segmento textual 2</p>	
FUNÇÃO:	
Processamento textual-discursivo;	
MICROCONSTRUÇÃO 3.1.1	
FORMA: {[X] ← então → [Y]}	FUNÇÃO: Organiza o tópico discursivo linearmente, introduzindo uma informação nova e sinalizando ao interlocutor uma progressão do turno.
MICROCONSTRUÇÃO 3.1.2	
FORMA: {[X] / [N] / ← então → [Y]} X= Segmento textual1, tópico discursivo 1 / / = Quebra na linearidade do tópico discursivo N= Segmento textual distinto do tópico 1 Y= Segmento textual 2, retomada do tópico discursivo 1	FUNÇÃO: Organiza o tópico discursivo linearmente, retomando um tópico discursivo após inserção de parêntese ou de outro tópico, sinalizando ao interlocutor sua progressão.
MICROCONSTRUÇÃO 3.1.3	
FORMA: {[X] ← ... então:: ... → [Y]} ... = Pausa :: = Prolongamento da vogal	FUNÇÃO: Organiza o tópico discursivo, mantendo-o em suspenso para elaboração e/ou reestruturação, ao mesmo tempo em que o encaminha prospectivamente, demonstrando o engajamento do falante na interação verbal, uma vez que sinaliza ao interlocutor a sua intenção comunicativa.
MICROCONSTRUÇÃO 3.1.4	
FORMA: {[X] ← então → [Z] [(Y)]} Z = Frase formulaica de encerramento com a presença dos verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> .	FUNÇÃO: Organiza o tópico discursivo, demonstrando o engajamento do falante na interação verbal, uma vez que sinaliza ao interlocutor que está encerrando o tópico discursivo.
MICROCONSTRUÇÃO 3.1.5	
FORMA: {[X] ← então → [(Z) Y]} Z = Frase formulaica imperativa com verbo <i>ir</i> na 1ª pessoa do plural + locativo abstrato.	FUNÇÃO: Organiza o tópico discursivo sinalizando ao interlocutor o controle da interação através do direcionamento do assunto.
MICROCONSTRUÇÃO 3.1.6	
FORMA: L1: {[X] L2: ← então ... → [Y]} L = Locutor (ocorre na díade P-R)	FUNÇÃO: Organiza o tópico discursivo demonstrando o engajamento do falante na interação verbal (em busca de um alinhamento com o interlocutor) prefaciando uma resposta.

Podemos notar que as microconstruções mantêm, como ponto de interseção entre elas, as características pertencentes ao esquema mais abstrato, que são o apontamento fórico, a focalização e o caráter relacional, presentes em todas as microconstruções. Do subesquema 3, elas mantêm a função de organizar o discurso, atuando como MDs, tendo o discurso como ancoragem e apresentando um grau maior de intersubjetividade. Por fim, como característica do subesquema 3.1, apresentam em comum a função de dar progressão ao tópico discursivo, atuando tanto na linearidade textual quanto interacional. Veremos que todos os padrões construcionais deste subesquema apresentam uma função voltada para o leitor/ouvinte, o que nos permite classificá-los como [+ intersubjetivos].

5.2.3.1.1 Microconstrução 3.1.1

A microconstrução 3.1.1, formalmente representada por **{[X] ← então → [Y]}** apresenta 44 ocorrências e 22% de representatividade nos corpora. Formalmente, é caracterizada por “então” introduzindo uma sentença, no meio do tópico discursivo, sem que esta esteja conectada semanticamente à anterior, mas à cadeia discursiva como um todo, funcionando, portanto, como um organizador do tópico discursivo e conferindo-lhe linearidade à medida que introduz uma informação nova (um exemplo, um comentário, uma retificação etc.) ao mesmo tempo em que sinaliza ao interlocutor uma progressão do texto/turno. Vejamos os exemplos:

(68) Jô: vocês são de onde?

J: a gente nasceu na cidade de Itumbiara Goiás... tá ali no sul do estado de Goiás divisa com Minas **então** o rio Paranaíba divide ali os dois estados então os dois nasceram nós nascemos lá e nos conhecemos um pouco mais tarde né
(*Corpus oral 2014 – E8, 3:39*)

(69) M: e você?... você já tinha trabalho em dramaturgia?

L: não

M: também não?

L: nunca

M: gente... deve ser muito emocionante...

L: [é

M: [fora que vocês devem ter se dediCAdo... porque no primeiro é assim não é?

L: é

E: [não... a gente inclusive nós estudamos juntos com um grande mestre...
L: [sim
E: [que é o Fernando Leal... é:: que a gente estuda interpretação pra TV e cinema no caso... e estivemos nos preparando antes ((sobreposição de vozes)) da novela e durante
L: [sim a gente conseguiu fazer *coaching* com ele... então a gente::
M: [fazer *coaching*... explica pras pessoas o que é
L: é:: meio que uma ... aula particular de interpretação mas resolvendo
M: [para aquela personagem
L: [sim... e resolvendo os problemas em relação a interpretação... **então** eu por exemplo era uma pessoa que... é... não conseguia demonstrar uma sensibilidade pra tristeza... eu:: eu retrucava com raiva entendeu... eu me defendia atacando
(*Corpus oral 2014 – E11, 9:18*)

No exemplo (68), o falante, ao ser indagado sobre sua origem, responde ser de Itumbiara, GO, e acrescenta algumas informações sobre a cidade, dentre as quais a de que “o rio Paranaíba divide ali os dois estados”, informação que não é semanticamente dependente da sentença anterior. Embora “então” introduza uma segunda informação a respeito da cidade de Itumbiara, não se trata de uma ordenação icônica, como ocorre na microconstrução 2.1, em que “então” ordena dois eventos sucessivos temporalmente. Isso nos leva a acreditar estarmos diante de outro padrão construcional, responsável pela progressão textual apenas.

O mesmo ocorre no exemplo (69), no qual “então” introduz um exemplo que está semanticamente relacionado ao discurso precedente, isto é, ao ato de “fazer *coaching*”.

Como vimos, este padrão construcional ocorre na enumeração linear de porções de informação que vão sendo encadeadas mediante a interposição do marcador discursivo “então”, sem que haja uma dependência semântica de uma parte em relação à outra, com a finalidade de sinalizar a progressão do turno para o interlocutor. É relevante observarmos que, embora se assemelhe, do ponto de vista da ordenação, à microconstrução 2.1, difere-se daquela por se tratar de uma expansão metafórica texto > discurso, uma vez que não está presa à sentença anterior, mas ao próprio processamento textual-interativo, conferindo-lhe progressão.

5.2.3.1.2 Microconstrução 3.1.2

A microconstrução 3.1.2 aparece em nossos dados com 72 ocorrências e 36% de representatividade, sendo o padrão construcional mais recorrente do subesquema 3.1. Está representada, formalmente, por **{[X] / [N] / ← então → [Y]}** e, funcionalmente, por organizar o tópico discursivo linearmente, retomando-o após inserção de um comentário ou digressão e sinalizando ao leitor/interlocutor a sua progressão. Vejamos:

(70) M: S... sabe... houve um período na sua vida que você ia trocando de amores... você tem uma durabilidade né... você teve... um pouco mais com esse um pouco menos com aquele... mas você tem uma durabilidade e de repente não também... tem/teve uns romances que vieram e passaram

S: [huhum

M: [eu olha::va... porque você se meteu numas frias... né... eu acho

S: é::

M: eu posso ser

S: [eu me meti mesmo eu eu costumo dizer que a / assim ... que quando eu olho pra aquela Simony sabe... porque às vezes você se olha de fora... quando você está dentro de uma situação... você não ouve ninguém né... quando voc/ quando passa e você cresce e você se torna uma outra pessoa... enfim... você leva a experiência da vida... **então** eu costumo dizer que eu olho aquela Simony... eu olho pra ela e ela é muito diferente de mim (*Corpus oral 2014 – E2, 3:40*)

(71) M: que cena vocês fizeram? ...

L: [fizemos duas

M: [já era da novela?

L: não não nada a ver

E: [não

L: [foram duas cenas... uma em que éramos irmãos... e uma em que éramos namorados... e:: a Marcinha estava lá... a Márcia Ítalo o Buri todo mundo e na hora que a gente terminou a cena eles levantaram e aplaudiram e a gente ficou assim "gente... mas isso não é só um registro de cena?... o que que tá acontecendo aqui?" ((risos))

M: [era um teste... já era um teste

L: [era um teste né... **então** depois disso eles entraram em contato com a gente... falaram que a nossa química é muito boa... e aí fizeram::

E: [alguns meses depois... estávamos aqui (*Corpus oral 2014 – E11, 5:01*)

Em (70), após ser indagada sobre os romances em que esteve envolvida, “S” concorda com “M”, afirmando que se meteu em uma fria mesmo e, ao iniciar a sua justificativa sobre o assunto, ela o faz dizendo “eu costumo dizer que”, sem contudo dar continuidade ao tópico iniciado, interrompendo seu raciocínio e a progressão textual para introduzir um comentário, uma espécie de “parênteses”: “a / assim ... que quando eu olho pra aquela Simony sabe... porque às vezes você se olha de fora... quando você está dentro de uma situação... você não ouve ninguém né... quando voc/ quando passa e você cresce e você se torna uma outra pessoa... enfim... você leva a experiência da vida...”. Após esse comentário, “S” utiliza o MD “então” para retomar a linha de raciocínio iniciada no início do turno, utilizando também a repetição de parte da enunciação anterior (“eu costumo dizer que”) com a finalidade de dar progressão ao turno.

O mesmo se dá no exemplo (71), no qual vinha se desenvolvendo uma interação sobre o tópico discursivo relacionado às duas cenas feitas por “L” e “E”:

“M: que cena vocês fizeram? ...

L: [fizemos duas

M: [já era da novela?

L: não não nada a ver

E: [não”

Nesse momento, “L” interrompe “E” para dar uma explicação sobre as cenas que foram feitas no teste, e não na novela. No entanto, antes que “L” concluísse, foi indagada pela entrevistadora sobre ser um teste, o que foi confirmado por “L”: “era um teste”. Após essa interveniência, é retomada a linha de raciocínio – o tópico discursivo – e é dada progressão ao turno, demonstrando uma preocupação de explicitar para o interlocutor a retomada da parte interrompida, o que confirma a confluência entre a estrutura ideacional e interpessoal desse uso, proposto por Rizzo (2006).

5.2.3.1.3 Microconstrução 3.1.3

A microconstrução 3.1.3, formalmente $\{[X] \leftarrow \dots \text{então}:: \dots \rightarrow [Y]\}$, representa 11% dos dados encontrados nos *corpora*, com 22 ocorrências. É o único padrão construcional que não foi atestado na modalidade escrita, o que justifica sua identificação formal através do prolongamento da última vogal: “então::”. Além dessa característica prosódica, apresenta como marcas formais a presença de hesitações, pausa antes e depois de “então::” e a ocorrência em posição medial. Funcionalmente, além das características mencionadas e relacionadas aos níveis hierárquicos mais abstratos, organiza o tópico discursivo ao mesmo tempo em que o mantém em suspenso com a finalidade de reestruturá-lo e encaminhá-lo prospectivamente, sem perder de vista o engajamento do falante com o interlocutor na interação verbal.

(72) M: e existe uma preocupação? como é que vocês trabalham? como é que é?

L: existe porque::... ahm:: como é que eu vou explicar... os adolescentes/bom... a gente aborda temas adultos... então por exemplo agora a minha personagem tá se envolvendo com o outro... cara que quer casar que quer isso e o Beto é mais malandro ele só quer farra ... **então::** é... de um forma ou de outra são temas de adolescentes... meninas que pensam em casar... meninos que pensam em só sair pra balada... então:: (*Corpus oral 2014 – E11, 7:13*)

(73) M: então fala pra mim antes de eu encerrar esse bloco ... é:: o que é que o forró... esse forró que fez você se apaixonar... o que é que tem o forró é que é tão atraENTE assim?

T: (bom) inicialmente é:: o o valor cultural né você entender que você tá vendo ali algo que não tem em nenhum lugar do mundo né a junção de três instrumentos é que até nem seriam até nem foram feitos pra tocar esse tipo de música... é:: a junção histórica né dos fatos

M: [os três instrumentos sendo

T: zabumba triângulo e sanfona

M: [ah

T: [a junção histórica também né você analisar que isso veio da Europa num... é pro Nordeste então... quando você entra na história do forró

M: [como veio da Europa? veio de onde?

T: provavelmente através dos holandeses provavelmente a ah:: aquele povoava principalmente ali em Pernambuco né **então::**... é:: a sanfona entende-se que veio com certeza da Europa os primeiros instrumentos... e e e aí aí você vai pra parte também de na época de como eu me apaixonei né... jovem você ir num lugar onde a música é sempre ao vivo... porque é difícil hoje em dia né e quando você gosta de músicos e é de música isso te atrai... é você também um lugar onde você nem conhece a pessoa e você pode tirar ela pra dançar... né?... é:: é sensacional... e aí por fim o mais óbvio o mais musical... a batida né a batida do xote a batida do baião que ela é usada a gente pô quando a gente fala

de música fala xote forró parece uma coisa tão assim... não que ela é usada em todo repertório de MPB de todos os artistas **então::...** é.. isso é:: o retrato do Brasil (*Corpus oral 2014 – E19, 13:22*)

Em (72) e (73), o falante, ao responder à pergunta do entrevistador afirmativamente, inicia uma explicação processada em tempo real e, por esse motivo, necessita de pausa para organizar o pensamento e se expressar claramente, o que é feito através da microconstrução 3.1.3, que envolve, formalmente, o uso de “então::” em posição medial e a presença de hesitações, como “é...”, e de pausas.

5.2.3.1.4 Microconstrução 3.1.4

A microconstrução 3.1.4 aparece nos *corpora* com 10 ocorrências, representando 5% do total de ocorrências do subesquema 3.1. É, formalmente, caracterizada por **{[X] ← então → [Z] [(Y)]}**, em posição final de tópico e, funcionalmente, por organizar o tópico discursivo, encerrando-o e demonstrando o engajamento do falante na interação verbal.

(74) Sei lá, quando bate a meia noite é como se a vida estivesse te dando mais um sopro, mais uma chance de fazer certo, de deixar pra trás o que já deveria estar fora de vista a meses. E é exatamente isso: essa chance é a força que a gente buscou e não achou durante todo o ano e que só aparece no último segundo do último dia.

Por isso, aproveite-a. Agarre a força com força, no sentido mais literal possível dessa frase. Não espere mais um ano inteiro passar, porque esse tipo de chance é única.

São raros os momentos em que a própria vida te dá um empurrãozinho pra voltar a viver. A cor do ano novo não é branca por acaso – é na folha em branco que as novas histórias são escritas. “
(Teca Florencio)

Então é isso meninas, estou aqui...Pronta!!

Beijos!!(*Corpus blogs 2014*)

(75) Luan Santana: "Estou solteiro, mas não peguei nenhuma fã, como dizem por aí"

O ídolo garante que não tem beijado fãs nos seus shows.

Então, tá! (*Corpus revistas informais 2014*)

Em (74) e (75), “**então é isso**” e “**então, tá**”, temos a presença de uma frase formulaica, com a presença dos verbos “ser” e “estar”, utilizadas para fechar o tópico discursivo, ou seja, o escritor sinaliza ao leitor que, diante do que foi dito, está encerrando o assunto, ou seja, indica que não tem mais nada a dizer. Nas ocorrências em nosso corpus, pode ocorrer ou não a presença, após a frase formulaica, de um segmento textual, também com a função de reforçar o fechamento do assunto, como em (74), com “estou aqui... Pronta!”.

5.2.3.1.5 Microconstrução 3.1.5

A microconstrução 3.1.5, formalmente caracterizada por $\{[X] \leftarrow \text{então} \rightarrow [(Z) Y]\}$, ocorre 22 vezes nos *corpora*, o que representa 11% do total do subesquema 3.1. Como marca formal, esta construção apresenta “então” em posição inicial, com um direcionamento para a segunda pessoa do discurso. Funcionalmente, organiza o tópico discursivo, direcionando o assunto e demonstrando o engajamento do escritor na construção do texto, tendo em vista um provável interlocutor. Curiosamente, este padrão microconstrucional não ocorre no *corpus* oral e parece ser característico da escrita com grau de formalidade menor. Passemos aos exemplos:

(76) gurias, recebi há cerca de 1 mês o kit de pincéis da marca **luv beauty**.

quis usar um pouco os produtos para poder contar mais sobre eles para vocês.**então** vamos lá!

a **luv** é novinha, daqui de porto alegre e é uma marca que apresenta pincéis e acessórios de maquiagem. (*Corpus blogs 2014*)

(77) Carta a um idiota

19:26 | Postado por Diário de Adolescentes

Mais olha se não é você de novo? Pensei que nunca mais fosse te ver por aqui, mais ainda bem que veio, ficaram tantas linhas com reticências, que precisam de um ponto final, **então** vamos ao que interessa, você sabe que sempre fui bem direta quanto ao que eu quero.

Acho engraçado, quando a pessoa destrói completamente a sua vida, mais mesmo assim, ela ainda tem coragem de voltar. Qual é, ainda não encontrou nada melhor que eu? Fica ai me sondando, não me permitindo seguir a vida,

mais pra mim já chega dessas indas e vindas, essa história já acabou há muito tempo, só você não percebeu. (*Corpus blogs* 2014)

Como podemos perceber, tanto em (76), quanto em (77), o escritor utiliza “então”, acrescido de uma frase formulaica imperativa com o verbo “ir” na primeira pessoa do plural, em uma alusão clara a um provável interlocutor ao qual é direcionada a mudança no tópico discursivo. Trata-se de um “então” prospectivo, focalizador do assunto a ser tratado, representado por um locativo abstrato, a saber, “lá”, em (76), e “ao que interessa”, em (77).

5.2.3.1.6 Microconstrução 3.1.6

A microconstrução 3.1.6, formalmente **L1: {[X] L2: ← então ...→ [Y]}**, aparece nos *corpora* com 30 ocorrências, o que equivale a 15% do total do subesquema 3.1. É formalmente identificada por ocorrer na díade pergunta-resposta, em posição inicial e por estarem presentes elementos que validem (e, não necessariamente, que confirmem) a fala do outro, tais como “é”, “não” etc.. Funcionalmente, prefacia⁷⁹ uma resposta a fim de organizar o tópico discursivo, demonstrando o engajamento do falante na interação verbal à medida que representa a busca de um alinhamento com seu interlocutor.

(78) M: veja bem... você tá comemorando o:: os::... quantos anos?

S: trinta anos né

M: [trinta anos do balão mágico

S: [é::... de carreira total né assim

M: [mas... todo mundo gravou com você?... todo mundo participou do DVD e vão participar do show também ou não?

S: **então**... do show não ... a gente vai ter umas coisas no telão porque cada um tem sua carreira... então... infelizmente não dá... mas o Jair cantou comigo

⁷⁹ Segundo Risso (2006, p. 470), os marcadores prefaciadores são proferidos pelos locutores, no curso da fala, como parte ou totalidade de atos verbais preparatórios de declarações sequentes, retardando a resposta à pergunta do interlocutor. Embora a autora considere um marcador prefaciador todos os usos de “bom, bem, olha, ah” que estão envolvidos na abertura de qualquer segmento, utilizamos o termo apenas para abertura de turno, na díade pergunta-resposta, caso contrário, outras microconstruções seriam também consideradas prefaciadoras.

“Coração de papelão” que foi o nosso hit... né... o Fofão esteve no show... que foi o meu boneco... é o meu boneco até hoje não adianta falar o contrário... ele ele é o... (*Corpus oral 2014 – E1, 15:30*)

(79) Eu estou super animada para o post de hoje! Lembra quando eu estava em Nova York filmando com TRESemmé ?! **Então**, sim, finalmente estou aqui para mostrar o que tinha planejado para vocês! Neste vídeosuper interativo vou mostrar a vocês dois looks diferentes e completos – com look e penteados (usando estilos de cabelo que são fáceis de recriar em casa) - as ocasiões são - concerto ou um festival... e é aí que entra a parte divertida - você pode escolher onde meu Girls Night Out vai ser, e também vai escolher meus acessórios, penteado e qual look eu vou usar! Você pode assistir o vídeo várias vezes e me ver em todas as opções de roupa / cabelo diferentes! Legal ne?! haha Divirta-se !!! (*Corpus blogs 2014*)

Em (78), diante da pergunta direta do entrevistador, o entrevistado utiliza o MD “então”, aliado à repetição de parte da pergunta – “do show não” – a fim de introduzir sua resposta, adiando-a, mas também demonstrando ao interlocutor um alinhamento com ele, isto é, um grau comprometimento com a interação comunicativa, mais especificamente, com a própria resposta. Já em (79), é o próprio escritor que enuncia uma pergunta retórica para um interlocutor “virtual”, demonstrando a necessidade de alinhamento entre os pares em uma interação, o que também pode ser comprovado pela busca do enunciador pelo conhecimento compartilhado do outro através de verbos como “lembrar, saber, imaginar etc.”. Embora diante de um texto escrito, trata-se de um texto muito próximo da oralidade, com alto nível de informalidade, o que propicia a ocorrência deste padrão construcional e o que justifica também a sua ausência no *corpus* formal analisado.

Após análise de todas as microconstruções vinculadas ao subesquema intermediário 3.1, verificamos haver um “afrouxamento” em termos de elos coesivos, uma vez que a função mais geral deste subesquema desloca-se do nível puramente textual para as relações de encadeamento discursivo e também de cunho interpessoal. Do esquema mais abstrato, este subesquema mantém a foricidade característica de “então”, a qual se desloca da ênfase na retomada anafórica para a ênfase na propulsão catafórica, focalizando a resposta dada e relacionando-a à pergunta feita pelo seu interlocutor. Embora a representação formal seja vertical, devido à ocorrência dessa construção na díade pergunta e resposta, a

consideramos como parte do mesmo esquema, uma vez que o movimento retroativo-propulsor é o mesmo.

5.2.3.2 Subesquema 3.2

De acordo com Koch (2002, p. 30), nas relações discursivas, entram em cena os aspectos relacionados à intenção do falante, à sua atitude diante do discurso, aos pressupostos e a todos os fatores implícitos que deixam no texto as marcas linguísticas de como ele foi produzido.

No subesquema 2, verificamos a instanciação de microconstruções responsáveis por estabelecer relações semânticas de tempo anterior/tempo posterior, causa/consequência, condição/condicionado etc., indicando interdependência entre sentenças. Já no subesquema intermediário 3.2, ocorre a instanciação de microconstruções que estabelecem o encadeamento entre sentenças ou porções textuais maiores, atuando como fator de progressão do discurso e também como veículo de valores pragmáticos que relacionam os enunciados à própria enunciação.

A distinção entre esses dois subesquemas está ligada ao que, na Retórica clássica, se classificaria, distintamente, como convencer e persuadir. Seguindo Koch (2002), o ato de convencer está ligado à busca de evidências dos fatos (provas objetivas) ou evidências pela razão (implicação lógica entre proposições), enquanto o de persuadir está relacionado a argumentos que podem levar a inferências, mas não a verdades absolutas. Assim, prova difere de argumento:

Se p é apresentado como prova de r, p é condição suficiente para r. Por outro lado, p é argumento para r, se de p for possível tirar uma conclusão r, dentro do jogo de relações que se estabelece entre os participantes da situação (KOCH, 2002, p. 121).

Como podemos perceber, na argumentatividade, estão em jogo os participantes da enunciação, ou seja, falante/escritor intenciona levar seu interlocutor a inferir conclusivamente algo. Dessa forma, o nível de (inter)subjetividade estabelecido é bem maior do que nas relações lógico-semânticas, o que nos leva a concluir que o subesquema 3.2 é mais (inter)subjetivo do que o subesquema 2.

Após o levantamento dos dados e de uma análise qualitativa, buscando identificar os pareamentos forma-função, identificamos sete microconstruções pertencentes ao subesquema 3.2, conforme tabela abaixo:

Tabela 8 - Distribuição das microconstruções do subesquema 3.2

Microconstruções do subesquema 3.2	Total	
	n.º	%
<i>Micro 3.2.1</i>	248	53,10%
<i>Micro 3.2.2</i>	67	14,35%
<i>Micro 3.2.3</i>	18	3,85%
<i>Micro 3.2.4</i>	16	3,43%
<i>Micro 3.2.5</i>	23	4,93%
<i>Micro 3.2.6</i>	76	16,27%
<i>Micro 3.2.7</i>	19	4,07%
Total	467	100%

Conforme podemos perceber ao analisar a tabela acima, a microconstrução 3.2.1 é a mais frequente do subesquema 3.2, representando 53,10% do total de 467 ocorrências, o que é indício de ser a mais prototípica e rotinizada na língua, servindo de exemplar para as demais construções do subesquema. Vejamos, a seguir, de maneira detalhada, cada uma delas.

Quadro 13 - Função dos subesquemas 3 e 3.2 e pareamento forma-função das microconstruções pertencentes a eles

SUBESQUEMA 3	
FORMA: $\{[(Y)] [X] [(N)] \leftarrow \text{então} \rightarrow [(Z)] [(Y)] [(W)]\}$	
FUNÇÃO: Apontamento fórico; caráter focalizador e relacional; marcador discursivo, atuando no nível textual e interpessoal; ancoragem no discurso; [+ intersubjetivo].	
SUBESQUEMA 3.2	
FORMA: $\{[(Y)] [X] [(N)] \leftarrow \text{então} \rightarrow [(Y)] [(W)]\}$	
X= Discurso argumentativo (com os movimentos argumentativos de opinião e sustentação; N = Constituinte ← = Retomada fórica → = Focalização W= Validador Y= Discurso argumentativo (coda)	
FUNÇÃO: Conclusão no discurso argumentativo;	
MICROCONSTRUÇÃO 3.2.1	
FORMA:	FUNÇÃO: Conclusão no discurso argumentativo.

{[X] ← então → [Y]}	
MICROCONSTRUÇÃO 3.2.2	
FORMA: {[Y] [X] ← então → [Y]}	FUNÇÃO: Conclusão ratificadora.
MICROCONSTRUÇÃO 3.2.3	
FORMA: {[X] [N] ← então^{entonação ascendente} → [(Y)]} N = Sintagma nominal	FUNÇÃO: Conclusão intensificadora.
MICROCONSTRUÇÃO 3.2.4	
FORMA: {[X] ← ... então:: → Y^{implícito}} Y = Ausência de material linguístico, porém, implícito.	FUNÇÃO: Conclusão implícita.
MICROCONSTRUÇÃO 3.2.5	
FORMA: L2: {[X] L1: ← então^{ant/posp} → [Y] L2: [W]} Y = Frase interrogativa W = Validador	FUNÇÃO: Conclusão parcial.
MICROCONSTRUÇÃO 3.2.6	
FORMA: {[X] ← então → [Y]} Presença de verbo no imperativo, 2ª pessoa verbal, atuando na persuasão do interlocutor.	FUNÇÃO: Conclusão voltada para o interlocutor.
MICROCONSTRUÇÃO 3.2.7	
FORMA: {[X] [N] ← então → [Y]} N = mas/porque Ocorre em contexto P-R	FUNÇÃO: Conclusão contraargumentativa.

5.2.3.2.1 Microconstrução 3.2.1

A microconstrução 3.2.1 é representada formalmente por **{[X] ← então → [Y]}** e a mais frequente no *corpus* analisado, com 248 ocorrências e 53,10% de representatividade, apresentando como função básica distintiva, dentro do subesquema, introduzir uma conclusão no discurso argumentativo, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (80) O senhor propõe uma taxação progressiva de até 80%. O Estado já não abocanha uma fatia grande demais da riqueza produzida por empresas e indivíduos? Certamente. Por isso, minha proposta para a Europa é, na verdade,

reduzir os impostos para a classe média e aumentá-los para os maiores patrimônios. O problema na Europa é que a concorrência fiscal entre os países faz com que as grandes empresas paguem muito pouco imposto em comparação às pequenas e médias. Por outro lado, aumentam-se as taxas sobre os salários, ou o IVA, que é o imposto sobre o consumo. **Então**, o problema não é aumentar os impostos, e sim reparti-los melhor. (*Corpus revistas formais 2014*)

(81) Você acha que o Brasil é um país racista? Sim.

Como a gente pode enfrentar o racismo? Já estamos enfrentando. No programa, por exemplo, a gente se coloca a favor das cotas por um período de tempo para recuperar, uma ação afirmativa com tempo de expiração, não é para sempre. É uma reparação. Na educação, todos os indicadores são absolutamente fortes, a população negra tem baixa escolaridade, os piores indicadores. Acho que temos um movimento negro forte no Brasil. Temos na questão da educação um processo de recuperação da história da África, parece uma coisa distante, mas acho que deixa a identidade mais próxima. Na questão da cultura, principalmente durante a gestão de Gilberto Gil, houve bastante apoio a grupos tradicionais. **Então** acho que o país caminha para políticas de combate ao preconceito e de superação desse racismo. Mas ainda tem um caminho. (*Corpus revistas informais 2014*)

No primeiro exemplo, diante da indagação sobre a taxaçoão progressiva do Estado sobre as empresas, o entrevistado se posiciona contrariamente à taxaçoão excessiva, apresentando argumentos para a sustentação da sua opinião, o que é feito através da exemplificação, apresentando a situação da Europa, diante do que, o falante conclui que é preciso repartir melhor os impostos em vez de aumentá-los. No segundo exemplo, o entrevistado enumera vários fatores que demonstram que o país está enfrentando o racismo: i) no programa, por exemplo, a gente se coloca a favor das cotas por um período de tempo para recuperar uma ação afirmativa com tempo de expiração, não sendo para sempre; ii) acho que temos um movimento negro forte no Brasil; iii) temos, na questão da educação, um processo de recuperação da história da África, parecendo uma coisa distante, mas acho que deixa a identidade mais próxima; iv) na questão da cultura, principalmente durante a gestão de Gilberto Gil, houve bastante apoio a grupos tradicionais. Diante desses argumentos apresentados, o falante conclui: **então** acho que o país caminha para políticas de combate ao preconceito e de superação desse racismo.

Como podemos perceber, é um tipo de conclusão diferente da apresentada na microconstrução 2.2, uma vez em que há uma retomada de uma porção discursiva maior, e não apenas da sentença anterior. “Então”, nesse caso, poderia ser parafraseado por “diante dos argumentos apresentados”, “diante disso”, o que demonstra seu caráter anafórico, característica do esquema mais abstrato, que lhe

permite relacionar a porção anterior, ou seja, todo o discurso precedente, à conclusão subsequente. Nesta microconstrução, permanecem a ancoragem [+intersubjetiva] e a ancoragem no discurso, característicos do subesquema 3, além de ser considerado, neste trabalho, um MD por articular o texto no nível das relações conclusivas. Seu caráter é, pois, argumentativo, o que podemos verificar, formalmente, pela presença de conectores como “mas”, “por isso”, “porque”, dentre outros, que demonstram as várias relações estabelecidas no contexto argumentativo, além de expressões como “eu acho”, “para mim”, “na minha opinião”, que demonstram o posicionamento do falante diante da enunciação. Observamos, também, com frequência, a presença da exemplificação e da enumeração como estratégias argumentativas coocorrendo neste padrão construcional, além do uso de expressões avaliativas, tais como “é fundamental”, “é bom”, “é preciso”, dentre outras. Essa microconstrução participa, pois, da organização lógica das ideias e das estratégias argumentativas que visam a direcionar a interpretação do ouvinte, o que demonstra a sua intersubjetividade e o seu apontamento para o discurso.

5.2.3.2.2 Microconstrução 3.2.2

Com 67 ocorrências e representatividade de 14,35% no *corpus*, a microconstrução 3.2.2, representada formalmente por $\{[Y] [X] \leftarrow \text{então} \rightarrow [Y]\}$, está alocada no subesquema 3.2 por compartilhar as mesmas funções pertencentes a ele e já descritas, exceto o caráter conclusivo ratificador. Vejamos os exemplos:

(82) Donna – Mesmo assim valeu a pena viver esse amor?
Elza - Claro, sempre vale. Não adianta dizer que não vale porque você viveu aquilo, passou por cima daquilo tudo, teve a coragem de enfrentar. Então, sempre vale a pena. Estive casada com o Mané por muitos anos e hoje quem recebe a pensão é a outra, não sou eu. Não recebo nada dele. (*Corpus revistas informais 2014*)

(83) M: L por L
L: eu digo que eu sou... uma bagunça num vestido porque:: eu acho que são muitas identidades dentro de uma pessoa com o mesmo objetivo... então:: tem a L moleca... maloqueira... tem a L que consegue ser um pouco mais mulher um pouco mais fina... então é essa bagunça contida dentro de um ... vestidinho (*Corpus oral 2014 – E14, 2:11*)

Em (82), a conclusão apresentada pelo falante, diante da indagação sobre ter valido a pena viver um amor, já aparece inicialmente explicitada na resposta

afirmativa “claro, sempre vale”, ao que segue uma justificativa. No entanto, o falante, a fim de demarcar seu posicionamento, ratifica a conclusão inicial: “então sempre vale a pena”. O mesmo ocorre no exemplo (83), em que o falante reafirma o que disse inicialmente a seu respeito, repetindo a frase inicial e concluindo que considera “essa bagunça contida dentro de um... vestidinho”.

Como podemos perceber, formalmente, há uma afirmação inicial que é repetida – inclusive com as mesmas palavras – após uma justificativa para o posicionamento inicialmente apresentado, conforme se verifica nos grifos. Esse padrão formal muito se assemelha ao padrão 3.1.2, apresentado no subesquema 3.1. No entanto, diferencia-se dele porque sua função consiste em fechar o raciocínio conclusivo de maneira circular, ratificando o posicionamento do locutor, enquanto, na construção 3.1.2, a função basilar é recuperar, na memória do falante, o turno em progresso – embora ambas as microconstruções atuem também na articulação textual.

5.2.3.2.3 Microconstrução 3.2.3

No âmbito das relações conclusivas discursivas, encontra-se também a microconstrução 3.2.3, responsável por 3,85%, com 18 ocorrências no *corpus*. Vejamos sua ocorrência por meio dos exemplos a seguir:

(84) Meu histórico é de muita sorte com vizinhos e vizinhas. Há um que outro grosseiro – e ignorado. Já a minha irmã passou maus bocados com um casal que odiava crianças e gatos, tudo o que ela tem em casa. Teve que mudar de edifício por causa da intolerância dos dois. Agora em novo endereço, com um senhorio gentil e compreensivo, vive feliz com seus vizinhos que gostam de gente. O que deixa qualquer condomínio melhor. E o mundo, **então**, nem se fala.
(*Corpus revistas informais 2014*)

(85) M: Seus filhos têm vocação?
S: Muita... a pequena **então** ((balança a cabeça; entonação ascendente))
(*Corpus oral 2014 – E1, 9:04*)

Além das funções comuns ao subesquema 3.2, como apontamento fórico, caráter focalizador e relacional, articulação textual e ancoragem discursiva e

intersubjetiva, a microconstrução {[X] [N] ← **então**^{entonação ascendente} → [(Y)]}⁸⁰ introduz uma conclusão de caráter intensificador. Martelotta e Silva (1996, p. 128) descrevem esse uso do “então conclusivo”, caracterizando-o por assumir um valor intensificador ou enfatizador de um elemento comparativamente a outros, podendo ser substituído por “principalmente”. Conforme elucidado no Capítulo II, esse uso remonta à origem e à formação de “então” (formação **in + tunc**, em que o elemento **tum** (tão), cognato de intensificadores como **tallis** (tal), **tantus** (tanto), **tot** (tantos) e **tam** (tão, tanto), já apresentava em latim valor intensificador).

Além disso, Martelotta e Silva (1996) consideram que “então” faz referência apenas ao sintagma, e não à cláusula inteira, posicionamento do qual discordamos com base em nossos dados. No exemplo (84), “então” se refere, de fato, a “mundo”, no entanto, não podemos perder de vista seu caráter fórico e conclusivo dentro do discurso como um todo, relacionando a conclusão intensificadora em relação ao mundo (“então nem se fala”), que é ainda melhor, mas também em relação a todo o discurso precedente – no qual o enunciador relata que tem sorte com os vizinhos, o que já não acontece comumente com a sua irmã, a qual finalmente encontrou uma boa vizinhança. Diante disso, o enunciador conclui que uma boa vizinhança torna o condomínio melhor e, conseqüentemente, o mundo melhor ainda.

É relevante observar que, na ocorrência (85), embora não esteja explícita a sentença posterior ao “então”, a qual veicula a conclusão intensificadora do referente “a pequena”, ela pode ser inferida a partir da entonação ascendente, que, na escrita, é, de certa forma, representada pela pausa subsequente ao “então”, formalmente representada pela vírgula. Diante da pergunta sobre a vocação dos filhos, o falante responde afirmativamente – caracterizado por ele como “muita”, ao que incluímos todos os filhos. No entanto, o falante conclui dando ainda mais destaque a um dos filhos, “a pequena”, que tem mais vocação ainda que os demais, o que pode ser subentendido pelo contexto. Como podemos perceber, não é uma relação que ocorre localmente, mas no âmbito do discurso, através de inferências sugeridas, levando em conta o contexto e a negociação do sentido com o interlocutor.

⁸⁰ Embora não possamos falar em “entonação ascendente” relacionada a dados oriundos de textos escritos, optamos por manter esse traço distintivo dessa microconstrução já que dispomos de dados orais que o comprovam.

É relevante observarmos também que a conclusão ocorre na mesma linha de raciocínio expressa anteriormente, apenas intensificando-a, o que explica a possibilidade de exclusão da segunda sentença, a fim de evitar a sua repetição.

5.2.3.2.4 Microconstrução 3.2.4

Com 16 ocorrências e 3,43% de representatividade no *corpus*, a microconstrução **{[X] ← ... então:: → Y^{implícito}}** distingue-se das demais por apresentar uma conclusão implícita do falante:

- (86) J: deixa eu falar um pouquinho de você... você é muito supersticiosa?
P: ((risos)) sou um pouco
J: que tipo de superstição?... deixa eu ver se eu pego alguma
P: ah eu acredito em tudo... eu acredito em tudo... sou... não sei... desde manias que eu acho/ não durmo de pé descoberto... sou/ não durmo de pé virado pra porta... essas bobagens até...
J: [não durma/não dorme de pé
P: [ah isso e ah fim de ano fim de ano que falam ah:: pular onda... como lentilha... menino... dá um trabalho danado sabe?... () mas vou fazendo tudo... amo gato preto tá só pra... que as pessoas têm problema com isso e eu acho que é o único problema que eu não tenho ((risos))
J: gato preto é::... mas gato preto não ((apagado)) ((dá com os ombros, mostrando não se importar))
P: eu adoro gato... qualquer gato... **então**::...
J: [cachorro... gosta também? não
P: cachorro... bicho... qualquer um... gente também eu gosto ((risos)) (*Corpus oral 2014 – E9, 7:38*)

- (87) M: [você escreve hardcore ((risos))
L: eu escrevo ((risos)) eu escrevo::
M: [eu vou querer saber sobre o quê
L: ah:: eu escrevo sobre ah:: situações da vida... é::... porque eu sou jovem né...
então::
M: [você tem dezenove anos
L: [tenho dezenove anos]
M: [eu vou estapear você aqui com essa cara e seu hardcore ((risos)) vamos lá
L: não não... não é muito hardcore assim...((risos)) são ramificações do rock né... ma::s... é... por eu ser jovem... eu quero muitas coisas e muito... é... acabo me frustrando com algumas delas... então eu escrevo sobre diversas coisas... é indignação com algumas coisas (*Corpus oral 2014 – E13, 1:56*)

Em (86) o falante, ao ser indagado sobre ser supersticioso, responde afirmativamente, excluindo o gato preto de sua lista de superstições. Seu interlocutor dá com os ombros, demonstrando não ter problemas com gato preto também. No entanto, ambos sabem que faz parte do senso comum a ideia de que gato preto traz azar, o que leva o falante a concluir “eu adoro gato... qualquer gato... **então::...**”, deixando implícita sua avaliação a respeito do assunto. “Então::...” (com prolongamento da última vogal e pausa posterior) vem ao final da fala, deixando para o interlocutor a tarefa de inferir, pelo contexto, o que não está explícito.

Caso semelhante é o que ocorre em (87), em que o falante diz escrever “hardcore”, e o interlocutor, surpreso, diz querer saber sobre o que especificamente se fala, já que a palavra faz referência, no contexto musical, a um estilo punk rock com letras baseadas em protesto político e social, revolta e frustrações individuais, sendo as músicas cantadas de forma agressiva⁸¹. Esse estilo musical parecia não ser esperado pelo interlocutor devido à idade do falante, que se justifica respondendo “ah:: eu escrevo sobre ah:: situações da vida... é::... porque eu sou jovem né... **então::**”, levando seu interlocutor a concluir – a partir da inferência baseada no conhecimento compartilhado – que, uma vez que os jovens são questionadores e transgressores por natureza, ele também o é.

Como podemos perceber, o grau de intersubjetividade é ainda maior do que na microconstrução anterior porque, nesta microconstrução, o falante conta com a colaboração do interlocutor na interação verbal, levando-o à conclusão na mesma linha de raciocínio, o que demonstra uma ampliação do seu escopo, agora envolvendo todo o discurso – e, inclusive, o que está subentendido.

5.2.3.2.5 Microconstrução 3.2.5

Com 23 ocorrências e 4,93% de representatividade no *corpus*, a microconstrução 3.2.5 ocorre na díade pergunta e resposta (P-R) – mesmo que a pergunta venha implícita em uma afirmação, requerendo uma confirmação do interlocutor através de validadores como “sim”, “não”, “é”, dentre outros –, sendo representada formalmente, neste trabalho, como: **L2: {[X]**

L1: ← então^{ant/posp} → [Y]

L2: [W]}

⁸¹ Definição retirada do Wikipédia.

Quanto à função, observamos todas as características próprias do subesquema 3.2, isto é, apontamento fórico, caráter focalizador e relacional, sequencialidade textual e ancoragem intersubjetiva. Por outro lado, esta microconstrução se particulariza por uma função mais voltada para uma conclusão parcial do falante a partir da fala do seu interlocutor, do qual se espera uma confirmação. Vejamos:

(88) Como recebeu sua segunda indicação ao Oscar em três anos e agora como melhor ator?

Christian Bale -

Ser indicado é sempre uma honra. Não podia ser diferente. Mas o Oscar é só uma festa que reflete um desejo de celebração. Nada mais que isso. Essa ideia de melhor ator é totalmente equivocada. É apenas uma opinião. Há, sim, muitos atores ruins por aí. Passando desse estágio, quando você começa de fato a atuar, tudo não passa de sorte em conseguir um bom papel. É preciso entender isso quando falamos de Oscar.

Istoé -

Então ganha o Oscar quem conseguir o melhor papel?

Christian Bale -

É isso. São os personagens que fazem a diferença no final. Principalmente os que têm mais alma e humanidade, algo que David (o diretor David O. Russell, de "Trapaça") consegue explorar como ninguém nas telas. Não é coincidência o fato de eu ter sido indicado por dois papéis em que fui dirigido por ele. Outros atores de "Trapaça" também estão indicados (Bradley Cooper, Amy Adams e Jennifer Lawrence). Os atores só são indicados quando os personagens são absolutamente memoráveis. Mesmo assim há injustiças. (*Corpus* revistas formais 2014)

(89) E a língua? Como você se virava? A família com quem fui morar no começo também me ajudou muito. Eu não sabia falar nada, obviamente. Mas o dono da casa era de Cabo Verde. Ele e a mulher dele, que era sueca, foram meus pais. Estavam sempre comigo, me ajudando a entender as coisas. Você se sentiu em casa, **então**. Sim. Eu tive a sorte e o privilégio de encontrar pessoas maravilhosas que me auxiliavam em tudo que precisava. Não foi tão dura a minha chegada à Suécia. Depois fui aprendendo a língua, aprendi a me virar sozinha, aí ficou fácil. (*Corpus* revistas informais 2014)

(90) M: eu li... nessa pesquisa... que você pretendia fazer um DVD que você ainda não tinha... e que depois ia dar uma parada...

S: eu fiz é

M: **[então]** é agora que cê vai parar?

S: não... eu fiz fiz o DVD agora... um DVD que na verdade eu coloquei trinta anos mas são mais que trinta né (...) (*Corpus* oral 2014 – E1, 12:20)

Em (88), Christian Bale, a respeito do Oscar, diz que, em sua opinião, a ideia de melhor ator é totalmente equivocada, pois está condicionada, na verdade, à sorte de se conseguir um bom papel. Embora isso esteja explícito em sua fala, o entrevistador, por uma estratégia discursiva, necessita de confirmação de sua conclusão e, por isso, faz a pergunta “**Então** ganha o Oscar quem conseguir o melhor papel?”, que representa uma conclusão parcial sobre o que foi dito, uma vez que ela exige uma resposta positiva ou negativa do seu interlocutor. Já em (89), através de uma frase interrogativa indireta, o falante pede ao ouvinte confirmação sobre a conclusão a que chegou sobre o fato de ele ter se sentido em casa quando estava na Suécia morando com uma família de lá. Na maioria das ocorrências, o “então” aparece no início de uma frase interrogativa direta ou indireta, como em (88) e (90), podendo, no entanto, aparecer no final, como em (89).

Encontramos, no *corpus*, apenas uma ocorrência em que a confirmação da conclusão parcial é contrária à linha de raciocínio que o interlocutor traçou. Em (90), o entrevistador diz ter lido que o entrevistado iria parar de cantar após fazer um DVD e, como este afirma tê-lo feito, aquele conclui com a pergunta “então é agora que você vai parar?”. A resposta é negativa, e o entrevistado justifica sua resposta, redirecionando a conclusão do seu interlocutor, em um movimento de negociação de sentido na interação face a face.

Como podemos notar, embora seja possível esse redimensionamento da conclusão, a qual é parcial por aguardar uma confirmação, isso não é comum, uma vez que as conclusões com “então”, como visto até agora, tendem a ocorrer na mesma linha de raciocínio que vinha sendo desenvolvida. Além disso, podemos afirmar que a conclusão emitida pela microconstrução 3.2.5 se dá entre atos de fala distintos: é a partir da fala do outro que o falante infere a conclusão, não havendo, pois, coordenação entre orações, como na microconstrução 2.2 do subesquema 2, mas entre porções textuais – inclusive, entre turnos e locutores diferentes –, o que nos leva a defender a inclusão desta construção no rol dos marcadores discursivos.

De acordo com Risso *et al.* (2006, p. 469), trata-se de um uso fortemente argumentativo, através do qual ocorre o ajustamento informacional entre os interlocutores, com a sinalização do locutor para o seu interlocutor de sua conclusão diante do contexto interacional, buscando ainda a sua confirmação – que poderá ser

positiva ou negativa – e demonstrando o seu comprometimento com a interação. Enfim, trata-se de um uso ainda mais intersubjetivo do que o anterior, uma vez que há uma busca de alinhamento entre os interlocutores, que negociam o sentido e constroem juntos uma conclusão acerca do que está sendo dito.

5.2.3.2.6 Microconstrução 3.2.6

Com 76 ocorrências e 16,27% de representatividade no *corpus*, a microconstrução 3.2.6, formalmente representada por **{[X] ← então → [Y]}**, com presença de verbos na 2ª pessoa verbal no imperativo, diferencia-se das demais por apresentar uma conclusão voltada para o interlocutor:

(91) Hoje o post é dedicado aos leitores homens e serve para observarem mais de perto alguns detalhes que fazem toda a diferença na aparência.

Sempre digo que estudamos para fazer praticamente tudo em nossas vidas (ou deveríamos): para nossa profissão, nossos hobbies, para sermos mais cultos, para termos filhos, para estarmos informados... mas muita gente esquece de procurar informações valiosas para se vestir de forma mais inteligente e, principalmente, passar a imagem que deseja através das roupas com praticidade e elegância.

O problema com estas “gafes” é que elas passam uma mensagem ruim sobre a pessoa: desleixo, descuido, má aparência, anti-higiene e afins e a gente já se esforça tanto para ser melhor todos os dias, então não dá para a aparência, justo ela, estar jogando contra você.

Então veja as dicas abaixo e seja ainda mais elegante de agora em diante:
(*Corpus blogs* 2014)

(92) Atenção bloguetes! Você quer uma pele linda na sua maquiagem??? **Então** prestem atenção nestas 4 dicas tops do maquiador Augusto Rebello! (*Corpus blogs* 2014)

Em (91), temos o uso de “então” retomando todo o discurso argumentativo precedente, segundo o qual o homem não tem o hábito de se preocupar com a aparência. Diante disso, o escritor conclui buscando persuadir o leitor na sua linha de raciocínio, ou seja, diante dos argumentos apresentados, o leitor deve ver as dicas e tornar-se mais elegante. O mesmo ocorre em (92), em cuja ocorrência o escritor busca convencer o leitor a seguir as dicas de maquiagem que serão dadas, o que ocorre dentro de um contexto argumentativo e altamente persuasivo, no qual

se verifica uma chamada de atenção do leitor e a presença da pergunta retórica “Atenção bloguetes! Você quer uma pele linda na sua maquiagem???”. Assumindo uma provável resposta afirmativa do leitor, o escritor conclui “**Então** prestem atenção nestas 4 dicas tops do maquiador Augusto Rebello!”, levando o leitor, através do uso do imperativo na segunda pessoa do discurso, a agir colaborativamente com a sua proposta.

Tendo a persuasão e a chamada de atenção do leitor/ouvinte como marcas, constatamos um uso intersubjetivo, que busca influenciar a atitude do ouvinte, caracterizando, por esse motivo, um uso mais prospectivo do “então”: apesar de retomar o contexto argumentativo precedente, impulsiona uma possível atitude do interlocutor, caracterizando-se por ser um uso altamente pragmático.

5.2.3.2.7 Microconstrução 3.2.7

Com 19 ocorrências e 4,07% de representatividade no *corpus*, a microconstrução **{[X] [N] ← então → [Y]}** é a mais intersubjetiva deste subesquema, uma vez que veicula uma conclusão com força contra-argumentativa. Vejamos ocorrências deste padrão microconstrucional:

(93) Em um vídeo publicado na internet, intitulado de "Do I Look Like a Slut?" (pareço uma vadia, em português), ela questiona qual o problema em se assemelhar à uma pessoa que expressa livremente sua sexualidade e desfruta de inúmeros encontros sexuais com diferentes parceiros.

"Usar algumas dessas peças me tornam uma vadia ou fazem com que pareça com uma? Mas como é que uma vadia se veste?", pergunta a jovem no vídeo. A proposta é discutir as conclusões precipitadas quando se trata da aparência dos outros. "Como você pode saber o quanto de sexo a mulher faz baseando-se no que ela veste?"

Witton usou as redes sociais para compreender o que os internautas acreditam ser uma vadia e como é sua aparência. Para a maioria, elas são mulheres com intensa atividade sexual com pessoas do sexo oposto. "**Então** as lésbicas não podem ser vadias porque não dormem com homens?", ironizou. (*Corpus revistas informais 2014*)

(94)- Eu gostaria de marcar uma consulta no primeiro horário.

- O primeiro horário é às 9h, mas a doutora sempre chega atrasada.
- Atrasada quanto?
- Depende. Uma hora, uma hora e pouco.
- Mas **então** por que ela não começa a atender mais tarde?
- Porque o primeiro horário é às 9h. (*Corpus revistas informais 2014*)

Em (93), “então” ocorre em uma pergunta retórica que endossa não apenas o ponto de vista do falante, mas representa, outrossim, uma discordância em relação ao que foi dito anteriormente, através de um uso altamente apelativo, voltado para a ironia. Isso demonstra uma forte contra-argumentação voltada diretamente para o seu interlocutor. Embora não apareça como marca formal explícita, “mas” se faz presente implicitamente antes da pergunta, o que se pode verificar pelo caráter opositivo demarcado com a interrogativa "Então as lésbicas não podem ser vadias porque não dormem com homens?".

No exemplo (94), temos o mesmo contexto de uso: o falante, ao tentar marcar uma consulta, pergunta pelo primeiro horário, ao que lhe responde o atendente ser às 9h, alertando que a doutora só chega por volta de uma hora depois. Diante dessa situação incoerente, o paciente, ironicamente, emite a seguinte pergunta, com a finalidade de expressar sua avaliação diante de tamanho absurdo: “Mas **então** por que ela não começa a atender mais tarde?”. Embora o atendente responda, diante do contexto, fica claro que não se tratava de uma pergunta direta, mas de uma crítica em relação à prática da médica de fazer seus pacientes esperarem, o que demonstra o caráter intersubjetivo da construção.

Após análise das microconstruções dos subesquemas 3.1 e 3.2, constatamos que: i) todas as microconstruções destes subesquemas apresentam uma função em comum, denominada por nós marcação discursiva; ii) essa função se estabelece a partir da expansão metafórica espaço > tempo > texto > discurso, partindo do sentido fonte como dêitico espacial, passando pela circunstanciação temporal no subesquema 1, pela conexão no subesquema 2 e chegando ao discurso no subesquema 3, uma vez que são estabelecidas relações entre porções textuais; iii) o pareamento forma-função, descrito na subseção 5.2.3, demonstra um caminhar, cada vez maior, rumo ao discurso, partindo de construções [+ intersubjetivas] para outras ainda mais [+intersubjetivas], cujo grau maior de expressão são os usos como MD prefaciador (microconstrução 3.1.6), no subesquema 3.1, e como MD contra-argumentativo (microconstrução 3.2.7), no subesquema 3.2; iv) todas as microconstruções do subesquema 3 apresentam, como ancoragem, o discurso precedente e, como escopo, não apenas a sentença posterior, mas todo o discurso anunciado por “então”, incluindo o efeito que se pretende no leitor/interlocutor, com o próprio engajamento do escritor/falante, na busca pelo alinhamento constante com o

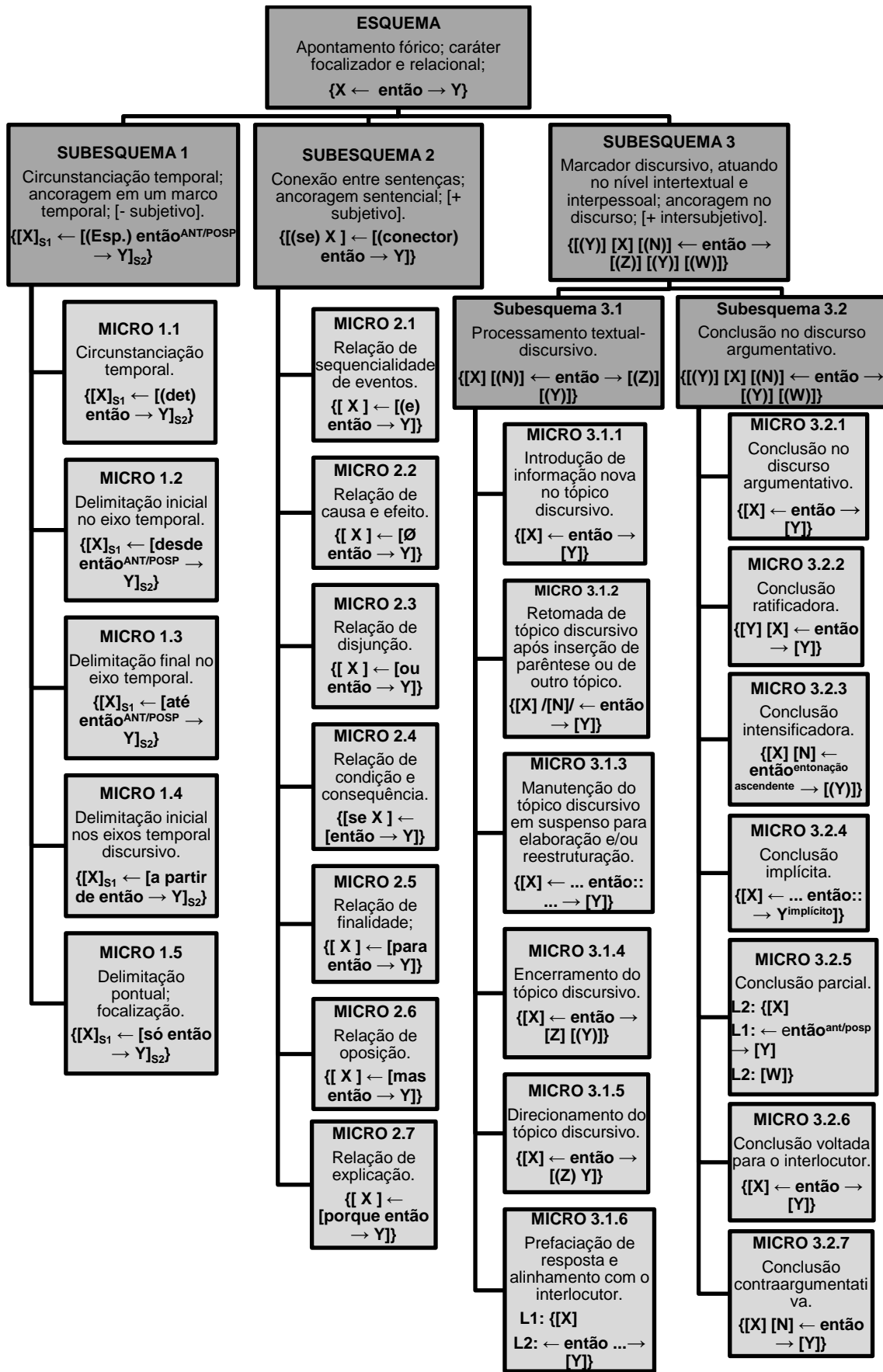
outro – tanto no processamento da informação quanto na conclusão de caráter argumentativo.

5.3 Conclusões

Seguindo o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), o nosso objetivo, neste capítulo, foi descrever o pareamento forma-função de cada microconstrução a fim de propor uma rede taxonômica que sistematize as construções com “então” na sincronia atual da língua portuguesa.

Ao analisarmos qualitativamente os dados encontrados nos *corpora* analisados, verificamos, através das similaridades, tanto na forma quanto na função, que as microconstruções com “então” podem ser agrupadas em três subesquemas organizados de acordo com um crescente de (inter)subjetividade, os quais, apoiados no esquema mais abstrato – cujas funções mais gerais são a foricidade e o caráter focalizador e relacional – instanciam novas microconstruções na língua, em um processo de construcionalização gramatical. O caráter fórico, característico do esquema mais abstrato, foi demonstrado em cada subesquema e, conseqüentemente, em cada microconstrução da seguinte maneira: o subesquema 1 engloba as construções que retomam anaforicamente um marco temporal anteriormente mencionado; o subesquema 2 abarca as microconstruções responsáveis pela retomada anafórica de uma sentença anterior, conectando-a à sentença subsequente e apresentando, portanto, um caráter anafórico e catafórico; o subesquema 3, por sua vez, envolve as microconstruções que, além de retomarem anaforicamente todo o discurso anterior, também propulsionam o subsequente. Vejamos a representação simbólica da nossa proposta de rede construcional para as construções com “então”:

Figura 3 - Mapeamento de microconstruções com ‘então’ na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional



Conforme podemos constatar na Figura 3 e também nos pareamentos forma-função apresentados neste capítulo de análise, não acreditamos se tratar apenas de um caso de multifuncionalidade de um item, no caso, o “então”, como descrevem os trabalhos resenhados no Capítulo III. Entendemos o fenômeno da mudança na perspectiva da construcionalização gramatical, ou seja, do pareamento forma^{nova}-função^{nova}, como podemos constatar ao longo deste capítulo. Verificamos, sincronicamente, a coexistência de diversas construções com “então” na língua, todas instanciadas por um esquema mais abstrato, cujas funções são a foricidade e o caráter focalizador e relacional, e, no nível intermediário, pelos subesquemas, o que demonstra uma direcionalidade da mudança em curso, rumo à expansão pragmática e ao aumento de intersubjetividade.

Confirmamos, com nossos dados, o que postularam Ilari *et al.* (2002, p. 71) sobre a relação entre a dêixis propriamente dita e a anáfora, e entre a anáfora e as operações discursivas: há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência. Assim, a circunstanciação temporal, característica do subesquema 1, vai dando espaço à sequenciação e à conexão entre sentenças, no subesquema 2, que expande seus usos, assumindo a função de dar progressão tanto ao tópico discursivo quanto à conclusão argumentativa, no subesquema 3.

Diante da rede construcional proposta, podemos afirmar que estamos diante de um fenômeno gradiente, o qual se expande por pequenas mudanças nas microconstruções, que, uma vez rotinizadas em determinados contextos na língua, tornam-se cada vez mais abstratas, pragmáticas e interpessoais, como no caso das construções com função de MD. Observamos, ainda, que as construções, dentro de um mesmo subesquema, vão surgindo por analogia, como no caso de “até então”, “desde então”, “a partir de então”, por exemplo. Por outro lado, de um subesquema a outro, verificamos que, em um novo contexto, por pressão de informatividade, uma neanálise é responsável pelo surgimento de uma nova construção: por exemplo, diante de duas sequências, ordenadas cronologicamente, temos uma microconstrução responsável pela sequenciação entre sentenças, isto é, uma utilização de “então” como conector a partir de seu uso temporal.

Comprovamos, também, que esses rearranjos podem ser atestados sincronicamente na rede construcional de “então”, a qual aponta para uma trajetória

tempo > texto > discurso, diretamente relacionada a suprir as necessidades comunicativas dos falantes, já que, no subesquema 3, enquadram-se as construções relacionadas à expressão da atitude do falante, ao seu engajamento na interação e à sua preocupação com a *self* do interlocutor, sendo cada vez mais a expressão linguística baseada em suas próprias crenças.

Reforçamos, entretanto, que não trabalhamos com cline de unidirecionalidade na representação da rede construcional de “então”, não havendo, portanto, relação de derivação de uma microconstrução em relação à outra, o que só seria possível atestar diacronicamente.

De acordo com Tabor e Traugott (1998), a reclassificação sintática leva a um aumento de escopo – conjunto de conteúdos afetados –, o que também podemos comprovar com nossos dados, uma vez que partimos do subesquema 1, cujo escopo, em sua maioria, é um sintagma, passando a uma sentença e, posteriormente, ao tópico discursivo, ou ao próprio discurso, em um sentido mais amplo.

Concluimos, também que, além da análise qualitativa, a análise da frequência *token* e *type* pode ser significativa. Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 9 - Frequência *token* e frequência *type* da rede construcional de “então”

	Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Frequência <i>token</i>	127	12,59%	215	21,31%	667	66,10%	1009	100%
Frequência <i>type</i>	5	20%	7	28%	13	52%	25	100%

De acordo com a tabela 9, considerando todas as ocorrências encontradas, atestamos um aumento na frequência de uso que vai do subesquema 1, com 12,59% do total, passando pelo subesquema 2, com 21,31%, e chegando a 66,10% no subesquema 3. Esse crescente também é observado na frequência *type*, ou seja, há uma progressão no número de microconstruções, que vai do subesquema 1 ao 3, o que demonstra um aumento na produtividade e na esquematicidade de um subesquema em relação ao anterior.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização envolve aumento de produtividade e esquematicidade e decréscimo em composicionalidade, o que também pode ser verificado na rede construcional que propomos. Além de ser o mais produtivo, o subesquema 3 é o que apresenta maior extensibilidade e menor composicionalidade, apresentando, inclusive, construções com alto grau de idiomatidade na língua, como as microconstruções 3.1.4 e 3.1.5 – por exemplo, “Então tá” e “Então vamos” –, usadas, respectivamente, para encerrar e mudar de tópico. Mais uma vez, isso demonstra que as mudanças na função implicam, simultaneamente, alterações no polo da forma e que, com relação às construções com “então”, elas estão indexadas às expansões semântico-pragmáticas que vão surgindo na língua à medida que o escritor/falante necessita expressar suas crenças e atitudes em relação a si e ao seu interlocutor no contexto comunicativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo geral a análise de construções com “então”, empiricamente atestadas na sincronia atual, seguindo os pressupostos teóricos da LFCU, mais especificamente no que se refere à abordagem de Traugott e Trousdale (2013) sobre a mudança. Entendendo, pois, a língua como uma rede de construções hierarquicamente organizadas, buscamos sistematizar as microconstruções com “então”, a partir do pareamento forma-função atestado nos construtos presentes nos *corpora* analisados. Além desse objetivo específico, nos propusemos, ainda, a distribuir as construções encontradas em três níveis de esquematicidade, denominados: microconstrução, subesquema e esquema.

A fim de cumprirmos os referidos objetivos, partimos das hipóteses levantadas no início da pesquisa, segundo as quais as construções com “então” são instanciadas na língua a partir dos níveis hierárquicos mais abstratos, passando por uma expansão semântico-pragmática relacionada a um aumento de intersubjetividade, o que foi comprovado com a proposição de uma rede construcional baseada em uma análise empírica e sincrônica.

Ao emprendermos uma análise qualitativa e quantitativa dos dados, organizamos as construções identificadas em uma rede taxonômica, defendendo como esquema geral uma construção altamente esquemática cujas funções centrais são a foricidade e o caráter relacional, aliadas formalmente à presença de um elemento retomado e um elemento anunciado por “então”. Essas características do esquema encontram-se presentes em todos os níveis da rede construcional, que apresenta três subesquemas, com suas respectivas microconstruções, agrupadas por similaridades e a partir do aumento de intersubjetividade proposto em nossas hipóteses: no subesquema 1, as microconstruções com função de circunstanciadores temporais; no subesquema 2, as microconstruções com função de conectores; no subesquema 3, as microconstruções com função de marcadores discursivos.

No subesquema 1, ficaram alocadas as cinco microconstruções consideradas [- subjetivas], no universo de nosso *corpus*, cujas funções centrais estão relacionadas ao eixo temporal, seja apenas circunstanciando um referente temporalmente, como ocorre com a microconstrução 1.1, seja realizando uma

retomada no texto de um momento real ou hipotético, de maneira pontual, a partir do qual o próximo evento se desenvolve, como ocorre com a microconstrução 1.5. Dessa forma, constatamos que, dentro do próprio subesquema 1, já verificamos um caminhar que vai do [- subjetivo] para o [+ subjetivo] e também do eixo temporal para o textual.

No subesquema 2, essa passagem do plano temporal para o plano textual torna-se ainda mais evidente nas suas sete microconstruções, cujas funções principais estão relacionadas à conexão entre sentenças, indo da microconstrução 2.1, que é [+ subjetiva], até a microconstrução 2.7, [+ subjetiva] do que as demais, no extremo do subesquema, podendo ser considerada, junto com a microconstrução 2.6, um anúncio de uma intersubjetividade própria do subesquema 3, conforme demonstramos na subseção 5.2.2. Isso demonstra o crescente de (inter)subjetividade dentro do próprio subesquema e também deste em relação ao subesquema 1, [- subjetivo]. Além disso, ao compararmos o segundo subesquema com o primeiro, verificamos também um aumento no escopo, indo do constituinte, no caso do subesquema 1, para a sentença, no subesquema 2.

No subesquema 3, e em suas subdivisões em 3.1 e 3.2, a direcionalidade dos dois subesquemas anteriores se consolidam: observamos a passagem gradual de microconstruções intersubjetivas para outras ainda mais intersubjetivas (no caso das microconstruções 3.1.6 e 3.2.7), confirmando o crescente [- subjetivo] > [+ subjetivo] > [+ intersubjetivo]. Associado a isso está uma expansão semântico-pragmática das construções com “então”, que pode ser percebida à medida que as funções desempenhadas por elas em cada subesquema vão mudando, as quais podem ser representadas, de maneira geral, como *circunstanciação temporal* > *conexão entre sentenças* > *marcação discursiva*. Além disso, a ampliação do escopo se mantém na seguinte direção *constituente* > *sentença* > *porção textual*.

Como pudemos notar, essa configuração da rede construcional, na sincronia atual, demonstra o envolvimento das construções com “então” em um processo de construcionalização pautado na instanciação de construções cada vez mais intersubjetivas, mais abstratas, mais produtivas e menos composicionais. Embora o termo “construcionalização gramatical” seja empregado comumente em estudos diacrônicos, por se tratar de um processo, conseguimos constatá-lo em nossa rede esquemática, inclusive, confirmando alguns dos *clines* apontados pelos estudos

diacrônicos sobre o “então”, mesmo que em outra perspectiva de análise. Isso nos leva a apontar a necessidade de uma agenda de pesquisas futuras pautada em estudos sobre a construcionalização gramatical em perspectiva sincrônica, uma vez que demonstramos ser possível captar uma direcionalidade da mudança na sincronia, em nosso caso, inclusive, com o aumento de escopo e de liberdade sintática, contrariando os princípios da gramaticalização tradicional. Sugerimos ainda, como trabalho futuro, a ampliação dessa pesquisa com dados diacrônicos que possam confirmar ou não os achados dessa direcionalidade da mudança apontada em nossa proposta de rede construcional feita a partir do mapeamento de microconstruções com “então”.

Dessa forma, com um estudo diacrônico das construções com “então”, seria possível comprovar o que sincronicamente apontamos em nossa rede construcional acerca do envolvimento dos mecanismos da analogização e da neoanálise no processo de mudança: está presente a analogização porque, ao olharmos paradigmaticamente dentro de cada subesquema da rede, conseguimos, através da frequência de uso, indicar que uma microconstrução teria possivelmente servido de exemplar para a criação de outra na língua; e também ocorre a neoanálise porque, ao observarmos horizontalmente nossa rede, constatamos que as construções com função de MD teriam derivado das construções com função de conector, as quais, por sua vez, teriam derivado de construções com função de circunstanciador temporal.

Também pudemos observar nessa configuração da rede de “então” uma gradiência entre as construções, com um contínuo de liberdade e de idiomaticidade entre elas, o que ocorre, provavelmente, porque umas estão mais cristalizadas do que as outras nesse processo de mudança por que passam na língua. Dessa forma, podemos sugerir que a mudança em andamento na língua relacionada às construções com “então” ocorre de maneira gradual, o que deduzimos a partir da observação dessa expansão semântico-pragmática das construções e o que confirmamos em nossa proposta de rede em uma perspectiva de direcionalidade da mudança, partindo da hipótese de que o falante instancia construções cada vez mais intersubjetivas na língua.

Embora tenhamos a ciência de que nossa proposta de rede se trata de um retrato parcial da realidade, podendo sofrer reconfigurações a partir dos rearranjos

emergentes na língua, acreditamos ter sido relevante a pesquisa por nós desenvolvida à medida que apresenta uma nova perspectiva de análise que busca demonstrar que as mudanças emergentes na língua ocorrem de maneira integrada, ou seja, estão conectadas em uma rede hierárquica comum, reconfigurada de acordo com as necessidades comunicativas do próprio usuário da língua. Em outras palavras, isso comprova as nossas hipóteses iniciais sobre as construções com “então”, instanciadas na língua a partir de um crescente de intersubjetividade, o que foi possível demonstrar através de uma análise empírica e sincrônica.

Ao longo desta tese, demonstramos também que, ao se estudar sistematicamente os marcadores discursivos, não há como ignorar a crescente abrangência de seus usos – principalmente no que tange à língua falada, uma vez que eles “invadem” as interações verbais em português do Brasil –, havendo, portanto, a necessidade de trabalhos como o nosso, que possam contribuir para as demais pesquisas já realizadas sobre “então” na língua portuguesa.

Acreditamos também que esta pesquisa tenha dado uma importante contribuição para o refinamento da abordagem teórica na qual nos fundamentamos, com a demonstração de que os níveis hierárquicos podem apresentar subdivisões intermediárias. Comprovamos, com nossos dados, que o subesquema 3 apresenta dois níveis hierárquicos intermediários, responsáveis pela instanciação de construções com funções ligadas ao processamento textual-discursivo, no subesquema 3.1, e com funções ligadas à conclusão no discurso argumentativo, no subesquema 3.2.

Por fim, além dessa contribuição para a abordagem construcional da mudança, entendemos que a nossa pesquisa foi relevante também para o projeto mais amplo no qual ela está inserida, intitulado “Abordagem construcional da mudança linguística aplicada ao português brasileiro”, desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora e orientado pela Profa. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇADO, J. A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 130-148.

ALMEIDA, S.; FERRARI, L. Subjectivity, intersubjectivity and epistemic complementation constructions. Selected Papers from UK-CLA Meetings, v.1, p. 110-127. <http://uk-cla.org.uk/proceedings>, 2012.

ALONSO, K. S.; CEZARIO, M. M. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 63-73.

ARENA, A. B. *Multifuncionalidade e polissemia de então: um estudo pancrônico*. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2008.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

Brown, P.; Levinson, S.. Universals in Language Usage: Politeness Phenomena. In E. Goody (ed.). *Questions and Politeness: Strategies in Social Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 56-310

BYBEE, J. L. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do português falado*, V. VII, São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999 P. 351 - 406.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHIARELLI, G. A. *A gramaticalização de então no português paulista: um estudo pancrônico*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: 2011.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. 1, 2016, p. 83-101

_____. (Re)discutindo o estatuto da propriedade da produtividade no âmbito da abordagem construcional da mudança. In: XXII SEMINÁRIO NACIONAL E IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA, Niterói: UFF, 2017.

_____.; FÉLIX DE OLIVEIRA, N. Abordagem construcionista da gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 51-62.

DALL'ORTO, L. F. M. *Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa – uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2018.

DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

DIEWALD, G. Grammaticalization and pragmaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 450-461.

ERNOUT, A. ; MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

FARIA, E.. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: FENAME, 1982 [1955].

FÉLIX DE OLIVEIRA, N. *Gramaticalização do verbo “esperar”*: uma abordagem funcionalista. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, L. M. A. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DPeA, 2003, p. 73-87.

FRASER, B. *An approach to discourse markers*. *Journal of Pragmatics*, 14, 1990, p. 383- 395.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R.. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

_____. SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67.

_____.; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. *Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições*. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017, p. 17-45.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (Ed.). *Syntax and Semantics*. v. 12: Discourse and syntax, 1979.

_____. *Syntax: A functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam, John Benjamins, 1984.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

Goffman, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Doubleday Anchor, 1967.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: A new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Science*, 2003, vol.7, p. 219–224

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. A constructionist approach to language. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO e GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO e GRAMÁTICA, Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

FINEGAN, E. Subjectivity and Subjectification. In: STEIN, D. & WRIGHT, S. (Ed.). *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 1-15.

GONÇALVES, C. A. Foco e Topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n.7, p. 31-50, 1998.

GONÇALVES, S. C. L. *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L. *et al.* (org) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007, 15-66.

GUERRA, A. G. *Função textual-interativa dos marcadores discursivos*. Dissertação de Mestrado de Estudos Linguísticos. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007.

HALLIDAY, M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?, In: BISANG, W. *et al.* (eds.), *What makes grammaticalization – a look from fringes and its componentes*, 2004.

HEINE, B. *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago, University of Chicago Press, 1991.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) *Gêneros textuais e ensino*. 5ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 180-193.

HOPPER, P.. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization Vol.1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

_____; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. rev. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993], p. 1-6.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In.: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, v. I, 2002, p. 53-120.

ILARI, R. *et al.* A preposição. In.: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, v. II, 2008, p. 623-804.

ILARI, R. As conjunções. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008.

JUBRAN, C. C. A. S. A Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S. e KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP, 2006.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002, 7 ed.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Subjectification. *Cognitive Linguistics*, 1, 1990: p. 5-38.

_____. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].

_____. Word order change by grammaticalization. In: GERRITSEN, M. and STEIN, D. (eds). *Internal and External Factors in Syntactic Change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

LYONS, J. *Semantics*, vols. 1 and 2. Cambridge University Press, Cambridge, 1977.

MACKENZIE, J. L. Objetividade, Subjetividade e Intersubjetividade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017, p. 47-65.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

_____. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I.V. Referenciação. In: JUBRAN, C. S. (org.) *A construção do texto falado*. (Gramática do português culto falado no Brasil; vol.1/ coordenada por Ataliba de Castilho). São Paulo: Contexto, 2015.

MARTELOTTA, M. E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 1994.

_____. Advérbios – conceitos e tendências de ordenação. In: OLIVEIRA, M.; CEZARIO, M. M. *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 13-96.

_____; SILVA, L. R. da. Gramaticalização de então. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. KENEDY, E.. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA *et al.* (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DPeA / Faperj, 2003, p. 17-28.

_____. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSARIO, I. C. do. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009, p. 1-20.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948 [1912].

MENDES, R. B. A terceira onda da Sociolinguística. In: FIORIN, J. L. (org.). *Novos caminhos da Linguística*. São Paulo, Contexto, 2017.

MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008.

NEVES, M. H. de M. Circunstanciais. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. DE M. (org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*; vol.2; coordenada por Ataliba de Castilho; Campinas: Editora da UNICAMP, 2008

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.

PENHAVEL, E. *Marcadores discursivos e articulação tópica*. Tese de Doutorado de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: Universidade Estadual Paulista, 2010.

_____. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? Vitória, Revista (CON)TEXTOS Linguísticos, v.6, n.7, 2012, p. 78 – 98.

PEZATTI, E.G. O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção? *DELTA*, v. 17, n. 1, 2001, p. 81-95.

QUIRK, R. *et al.* *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman, 1972.

RAIBLE, W. Linking Clauses. In: HASPELMATH *et al.* (eds.) *Language Typology and Language Universals – an International Handbook*. Berlin, New York: De Gruyter, 2001. p. 590-617.

RAPOSO, E. B. P *et al.* *Gramática do Português*. Vol II; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RISSO, M. S. *et al.* Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: KOCH, I. V. *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, p. 21-61, 1996.

_____. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.) *Gramática do Português Falado*. Vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

_____; *et al.* Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 403-425.

_____. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C.a C. A. S; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 427-496.

RODRIGUES, F. C. D. *Padrões de uso e gramaticalização de agora e então*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFF, 2009.

ROSÁRIO, I. da C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 36-48.

_____; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

_____; LOPES, M. G. Construcionalização gramatical em perspectiva sincrônica. In: XXII SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO e GRAMÁTICA E XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO e GRAMÁTICA, Rio de Janeiro: UFF, 2017.

SCHIFFRIN, D. *Functions of and in discourse*. *Journal of Pragmatics*. Vol.10, 1986, p. 41-66.

_____. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. The management of cooperative self during argument: the role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. (ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Discourse Markers research and theory: revisiting *and*. In: FISCHER, K. (ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Elsevier, 2006, p. 315-338.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Tradução de Gláís Sales Cordeiro. *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Jul/Ago, nº 11, 1999, p. 5-16.

SILVA, J. R. (De)gramaticalização e unidirecionalidade. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 74-85.

SOUSA, F. A. *Novo dicionário latino-português*. Porto: Lello e Irmão. 1992.

SOUZA, T. B. de. *Conectivos coordenativos portugueses: por um estudo do sentido no universo textual*. Niterói: UFF, 2008. Dissertação de mestrado.

TABOR, W.; TRAUGOTT, E. C. Structural scope expansion and grammaticalization. In: HOPPER, P.; RAMAT, A. G. (org.). *The limits of grammaticalization*. Vol.37, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998, p. 229-272.

TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista*. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, Dieter; WRIGHT, Susan. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization Vol.1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991. 361 p.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics on grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization Vol 1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 189-218.

_____.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 13-26.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.

_____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011b.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5 ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

TROUSDALE, G. *Networks and constructional change* Graeme Trousdale (University of Edinburgh) In: XXII SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO e GRAMÁTICA E IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO e GRAMÁTICA, Rio de Janeiro: UFF, 2017.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006, p. 149-177.

VOTRE, S. J. A integração das objetivas diretas. In: *Cadernos do CNFL*, n. 2. Rio de Janeiro, UERJ, 2000, p. 71-87.